

Organizadores

Adauto Guedes Neto
Alder Júlio Ferreira Calado
Eduardo Hoornaert

JOSÉ COMBLIN

GUIA DE LEITURA





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^ª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^ª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (UEPB) | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Diego Duquelsky (UBA)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)

Germano Ramalho (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittelo (UNIPA/IT)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Adauto Guedes Neto
Alder Júlio Ferreira Calado
Eduardo Hoornaert
(Organizadores)

JOSÉ COMBLIN

GUIA DE LEITURA



Campina Grande - PB
2022



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*

Efigênio Moura | *Comunicação*

Walter Vasconcelos | *Assessoria Técnica*

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

J83 José Comblin : guia de leitura / organizadores, Adauto Guedes Neto ... [et al.]. – Campina Grande : EDUEPB, 2022.
241 p. ; 15 x 21 cm ; 1200 KB.

ISBN: 978-85-7879-750-8 (Impresso)

ISBN: 978-85-7879-749-2 (E-book)

1. Padre José Comblin. 2. Pedagogia Combliniana. 3. Teologia. I. Calado, Alder Júlio Ferreira. II. Hoornaert, Eduardo. III. Título.

21. ed. CDD 243

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

Primeiras Palavras.....	9
<i>Adauto Guedes Neto</i>	
CAPÍTULO 1	
A Teologia da Enxada como ação do espírito no povo de Deus pelos caminhos da história: considerações a partir do livro de José Comblin - O Tempo da Ação: Ensaio sobre o Espírito e a história.....	19
<i>Alder Júlio Ferreira Calado</i>	
CAPÍTULO 2	
Em busca de uma chave de leitura do legado de José Comblin: enunciados acerca do seu vivido e dos seus escritos.....	35
<i>Alder Júlio Ferreira Calado</i>	
CAPÍTULO 3	
Inventividade revolucionária da pedagogia combliniana: experiências emblemáticas do legado de José Comblin.....	45
<i>Alder Júlio Ferreira Calado e Hermínio Canova</i>	
CAPÍTULO 4	
Instituição x Carisma: breve nota, a partir do legado de José Comblin.....	61
<i>Alder Júlio Ferreira Calado</i>	

CAPÍTULO 5

José Comblin: um escrito profético, a título de subsídio, em vista da conferência de Medellín, numa conjuntura de efervescência.....67

Alder Júlio Ferreira Calado

CAPÍTULO 6

José Comblin: memória, compromisso e reinvenção.....77

Alder Júlio Ferreira Calado

CAPÍTULO 7

José Comblin: missão e formação no Nordeste.....87

Alder Júlio Ferreira Calado

CAPÍTULO 8

O que José Comblin nos contou em 2007.....103

Eduardo Hoornaert

CAPÍTULO 9

O que há entre o padre Ibiapina e o padre Comblin?.....109

Eduardo Hoornaert

CAPÍTULO 10

Paulo Freire e José Comblin.....119

Eduardo Hoornaert

CAPÍTULO 11

Criticidade e Comprometimento.....123

Eduardo Hoornaert

CAPÍTULO 12

A Teologia da Enxada: quarenta anos depois.....125

Eduardo Hoornaert

CAPÍTULO 13	
Quando a Igreja brasileira redescobre Ibiapina.....	137
<i>Eduardo Hoornaert</i>	
CAPÍTULO 14	
O Papa chinês.....	147
<i>Eduardo Hoornaert</i>	
CAPÍTULO 15	
Os primeiros escritos de José Comblin.....	151
<i>Eduardo Hoornaert</i>	
CAPÍTULO 16	
Fracasso da Ação Católica.....	161
<i>Eduardo Hoornaert</i>	
CAPÍTULO 17	
O que me inspira hoje na obra de José Comblin.....	171
<i>Eduardo Hoornaert</i>	
CAPÍTULO 18	
A vocação cristã do Brasil.....	179
<i>Eduardo Hoornaert</i>	
CAPÍTULO 19	
O espírito de José Comblin.....	193
<i>Eduardo Hoornaert</i>	
CAPÍTULO 20	
A liberdade como vocação em José Comblin.....	227
Referências.....	239

PRIMEIRAS PALAVRAS

Adauto Guedes Neto¹

O livro que o leitor tem em mãos constitui uma excelente oportunidade para conhecer o Padre José Comblin através das interpretações e olhares minuciosos de dois educadores e intelectuais: Alder Júlio Ferreira Calado e Eduardo Hoornaert. São ao todo 20 textos produzidos ao longo dos últimos quinze anos, nos quais os autores apresentam uma espécie de Guia de Leitura da obra e do pensamento do padre belga, sendo um deles, o último, elaborado por mim.



1 Doutor em História Pela Universidade Federal de Pernambuco, professor da Rede Estadual de Pernambuco e Membro da Comissão para a Ação Sociotransformadora da Diocese de Pesqueira-PE. É autor dos livros: Teologia da Enxada e Ditadura Militar: relações de poder e fé no agreste pernambucano entre 1964-1985 pela Paco Editorial em 2014 e José Comblin: trajetória e ditaduras na América Latina (1958-1985) pela Editora Telha em 2022. É pesquisador colaborador do Núcleo de História e Linguagens Contemporâneas da Universidade Estadual da Paraíba (NUHLC/UEPB).

Conforme escreveu Leonardo Boff, “ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam” (1997, p. 09). Sendo assim, temos a oportunidade de conhecer o Padre José Comblin a partir de duas pessoas que conviveram com ele, ou estiveram com ele no chão da realidade e na vivência prática de diferentes comunidades do Nordeste brasileiro, nos espaços de formação que ele percorreu. Ambos são intelectuais orgânicos², pois dedicaram suas vidas a produzir conhecimento a partir de suas vivências ao lado das classes subalternas, dos empobrecidos, do povo de Deus, coerentes com a tradição de Jesus Cristo, filho de carpinteiro, refugiado, que nasceu num estábulo, tendo como berço uma manjedoura, um ‘cocho’.



Alder Júlio, pernambucano de Pesqueira, é um educador brasileiro com os pés fincados nos movimentos populares, na assessoria e animação de leigos e leigas, missionários e missionárias do Nordeste brasileiro. Exerceu atividade docente na AESA (Arcoverde-PE), UFPB (João Pessoa-PB) e FAFICA (Caruaru-PE), mas, sobretudo, junto aos movimentos sociais populares e à educação popular. Nas influências freirianas, que leva consigo, desaguam fontes que, desde a juventude e os tempos do Seminário em Santa Maria-RS em final nos anos 1960, fecundam seu espírito: o marxismo e a Teologia da Libertação.

2 O modo de agir desse novo intelectual não consiste na diletante eloquência dos afetos, mas em um envolvimento conseqüente na vida prática, numa relação orgânica com a classe que lhe deu origem, garantindo a essa um consenso social a respeito do seu domínio. SANTOS, Sérgio Baptista dos. Gramsci e o intelectual orgânico. 2019. In: <https://www.justificando.com/2019/11/22/gramsci-e-o-intelectual-organico/>. Acesso em: 02 de abril de 2022.

Além de suas contribuições como formador, Alder tem uma vasta produção intelectual, da qual menciono: *Memória Histórica e Movimentos Sociais: ecos Libertários de Heresias*, publicado em 1999 pela editora Ideia; *Gregório Bezerra: um lutador do povo*, publicado pela editora Expressão Popular em 2006 e, mais recentemente, *Educação Popular*, publicado em 2020 pela Editora do CCTA-UFPB.

Passo a apresentar brevemente as interpretações de Alder Júnior sobre a memória e o legado do padre José Comblin, organizadas em ordem cronológica.

Na primeira delas: *A Teologia da Enxada como ação do Espírito no povo de Deus pelos caminhos da História: considerações a partir do livro de José Comblin, 'O Tempo da Ação'*, o autor rememora os 40 anos da Teologia da Enxada, destacando traços históricos, atualidade e desafios, associando a análise da ação do Espírito Santo, tendo como perspectiva teórica o estudo realizado pelo Padre Comblin numa de suas publicações no início dos anos 1980: 'O Tempo da Ação'.

Em seguida, no texto: *Em busca de uma chave de leitura do legado de José Comblin: enunciados acerca do seu vivido e dos seus escritos*, Alder elenca 27 pontos para explicar o legado do Padre Comblin, seja com base em sua densa produção intelectual, seja com base em suas iniciativas práticas missionárias e de formação. Em Comblin há uma afinidade indissociável entre teoria e prática. Ambas se entrelaçam e se unificam.

Junto com o Padre Hermínio Canova, Alder Júlio assina o texto: *Inventividade revolucionária da pedagogia combliniana: experiências emblemáticas do legado de José Comblin*. Os autores chamam a atenção para o seu legado numa perspectiva pedagógica. Muito embora ainda pouco reconhecido como pedagogo, suas contribuições em tal campo ocorreram por décadas. Alder Júlio e padre Hermínio recuperaram a trajetória

da pedagogia combliniana ao destacar sua trajetória como professor e Prefeito de Estudos do Instituto de Teologia do Recife – ITER, onde veio trabalhar à convite de Dom Helder Camara, as experiências de formação que coordenou, como a Teologia da Enxada, a Casa de Santa Cruz no Equador junto ao seu amigo Dom Leónidas Proaño, o Centro de Formação Missionária em Serra Redonda – PB, o Centro de Formação de Missionárias Populares em Mogeiro – PB, a pedagogia utilizada nas formações da Associação Árvore e nas Escolas de Formação Missionária, para citar algumas.

Nos textos seguintes, Alder Júlio continua com o teor memorialista para demonstrar a atualidade da ação de José Comblin. A exceção é a *‘VII Semana Teológica Padre José Comblin’*, que teve como tema: Instituição e Carisma, à luz da Tradição de Jesus. Muito embora seja um texto de memória, trata de mencionar como se procede ao entrelaçamento entre instituição e carisma, entre evangelho e religião. Esse enfoque reacende episódios vividos pelo Padre Comblin, como testemunha o texto: *José Comblin: um escrito profético*, a título de subsídio, em vista da Conferência de Medellín, numa conjuntura de efervescência, onde aparece a memória dos 50 anos da II Conferência Episcopal Latino-americana, ocorrida em Medellín (Colômbia), no ano 1968. Nele, o autor relembra um estudo desenvolvido pelo Padre Comblin a pedido de Dom Helder Camara, que foi vazado à imprensa e fez com que os Centros de Informação da ditadura militar brasileira passassem a vigiá-lo e setores conservadores da Igreja Católica e da política exercessem forte perseguição contra o padre.

Alder ainda apresenta dois textos. No primeiro, intitulado: *José Comblin: memória, compromisso e reinvenção*, ele relembra os bem vividos 88 anos do padre Comblin, destacando suas contribuições no campo da dos estudos em torno do Espírito Santo

e reafirmando o compromisso do Mestre com a promoção da vida, com prioridade para os mais vulneráveis. No segundo, *José Comblin: missão e Formação no Nordeste*, Alder reafirma o caráter formativo da atuação do Mestre, a partir de uma narrativa de sua trajetória missionária.



Eduardo Hoornaert, belga radicado no Brasil desde 1958, é historiador e intelectual de relevância internacional devido ao impacto e alcance da sua obra, da qual cito alguns títulos: *O Cristianismo Moreno no Brasil*, publicado em 1991 pela Editora Vozes, *História da Igreja na América latina e Caribe (1945-1995)*, pela mesma Editora em 1995, *Origens do Cristianismo* em 2016 e mais recentemente em 2022, *Helder Camara: quando a vida se faz Dom*, estes dois últimos pela editora Paulus. Hoornaert é membro fundador da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina (CEHILA) e foi professor do Instituto de Teologia do Recife – ITER, fundado por Dom Helder Camara, onde conviveu com Comblin entre os anos 1965 e 1972.

Seus escritos sobre José Comblin, dos quais apresentamos alguns em seguida, são de duas ordens: alguns revivem momentos e projetos coordenados pelo Padre José Comblin, outros são guias de leitura para a compreensão do pensamento combliniano e de suas aproximações com Paulo Freire e padre Ibiapina, por exemplo.

No campo da memória, Hoornaert nos apresenta o texto: *O que José Comblin nos contou em 2007*. Em seguida: *A Teologia da Enxada: quarenta anos depois*, e *O Papa chinês*. No primeiro, descreve as recordações das confidências do Padre José Comblin quando das festividades dos seus 60 anos de ordenação sacerdotal, os relatos sobre a vida na Bélgica e sua trajetória no Brasil e

outros países da América Latina, organizados em cinco pontos. Em *A Teologia da Enxada*: quarenta anos depois, o olhar de quem acompanhou e viveu de perto tal experiência, uma vez que Eduardo Hoornaert, na ocasião, era professor do ITER. No entanto, o autor parte do livro publicado por José Comblin em 19782, para ressaltar o método vivenciado e para destacar o educador José Comblin. Situamos o texto na esfera da memória por ter sido produzido em alusão aos seus 40 anos, mas as contribuições vão além ao apresentar contribuições sobre a metodologia, numa perspectiva pedagógica. Já em *O Papa chinês*, revive a resposta dada por Comblin a uma pergunta que lhe foi feita por ocasião de uma palestra em Salvador: quando a igreja vai mudar? Sem pestanejar, José Comblin respondeu: quando o papa for chinês. Parece piada, mas não é. Pois, em seguida, o Mestre parte para uma brilhante análise acerca do atual momento histórico, vivido pelo catolicismo.

Dois outros textos partiram de Paulo Freire e do Padre Ibiapina para compreender José Comblin: *O que há entre o Padre Ibiapina e o Padre Comblin?* e *Paulo Freire e José Comblin*. No primeiro, Hoornaert menciona o desejo do Padre Comblin em ser sepultado onde jaz o Padre Ibiapina e para tanto tece as linhas que os conectam e que motivou o pedido do padre belga. A veia de historiador do autor faz com que também conheçamos a trajetória do Padre Ibiapina e sua atuação, assim como a história da Casas de Caridade. No segundo, recuperou as memórias de Paulo Freire e José Comblin. Traça as linhas que os aproximam, um do outro. Aí entram a Teologia da Enxada e seus temas geradores.

O padre Ibiapina volta em mais um texto de Eduardo Hoornaert: *Quando a Igreja brasileira redescobre Ibiapina*. Nesse texto, o autor apresenta uma reflexão histórica sobre a Igreja Católica e analisa a diferença entre devoção e instituição. É um

texto que surgiu a partir da publicação dos sacerdotes Ernando Teixeira e José Floren e no qual aparecem considerações acerca da institucionalização da Igreja Católica.

Em Criticidade e Comprometimento, Hoornaert recupera a introdução ao livro ‘Novos Desafios para o Cristianismo: a contribuição de José Comblin’, publicado pela Editora Paulus em 2012 e por ele organizado. Aí se focaliza um Comblin ao mesmo tempo comprometido com a igreja e crítico dela.

Seguindo as trilhas da produção intelectual do padre e teólogo José Comblin, Hoornaert apresenta uma oportunidade pouco vista dentre os estudiosos da obra combliniana, qual seja, uma análise sobre os textos que Comblin produziu antes da sua vinda para o Brasil e sobre dois volumes, não publicados em terras brasileiras e ainda pouco discutidos: ‘Teologia da Revolução’ e ‘Teologia da Prática Revolucionária’. Aqui, Hoornaert nos apresentou outro rosto de José Comblin, seu lado mais teórico. Na mesma linha entra ainda a Tese de Doutorado em Teologia, realizada na Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica.

Um pequeno livro do início dos anos 1960 tem um título intrigante: ‘*Fracasso da Ação Católica?*’. Aí, Comblin alerta diante de uma euforia ilusória em torno da Ação Católica, vivenciada naqueles anos. Eis um texto que revela um aspecto importante da atuação do teólogo: ele se revela ‘conselheiro’ não oficial, espontâneo, de autoridades eclesásticas, especificamente de bispos, a atuar, durante muitos anos, junto a bispos como Helder Camara em Recife, José Maria Pires em João Pessoa e Leônidas Proaño no Ecuador. Seu espírito crítico e sua inteligência a toda prova o indicaram espontaneamente, sem formalidades.

Em *O que me inspira hoje na obra de José Comblin*, Eduardo trata de uma ideia recorrente no teólogo: passou o tempo

glorioso da Igreja Católica, passou a instituição mais poderosa do mundo ocidental, passaram as pompas em torno de catedrais suntuosas e liturgias episcopais impressionantes. Estamos numa época privilegiada, em que surge com força uma imagem não “amansada”, mas subversiva, do Espírito Santo. O texto seguinte é um comentário de um dos primeiros textos redigidos por José Comblin no Brasil, em 1961, intitulado *A vocação cristã do Brasil*. Um texto repleto de sugestões e ideias inovadoras, que, após 60 anos, não perdeu sua atualidade.

O texto mais importante vem no final: *O Espírito de José Comblin*. Um texto cumprido, de mais de vinte páginas, em que se comenta o livro póstumo do Mestre: *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus*. Apresentado em cinco versões, das quais só a terceira é completa e as demais inconclusas, o livro apresenta um último esforço do teólogo em apresentar seu pensamento e suas sugestões para futuras reflexões. Temas germinais são: ‘evangelho não é religião’; ‘a tradição de Jesus ultrapassa a igreja católica’; ‘a boa teologia repousa sobre análises históricas’; ‘a doutrina pouco serve, o que importa é a ação’. Nesse livro se manifesta claramente o ‘espírito’ que anima Mestre Comblin a vida toda: o espírito da indignação, a indignação dos profetas. Assim como, no antigo Israel, os profetas castigavam os enormes desvios praticados pelo povo eleito de Iahwh, do mesmo modo Comblin não hesita em apontar os erros gigantescos praticados pela igreja ao longo de sua história. Para evitar a repetição desses erros, há de se deixar guiar pelo Espírito Santo, que constitui a maior surpresa da mensagem cristã e ‘sopra onde quer’. Explorar essa mina de erudição teológico-histórica e de sabedoria profética constitui o desafio fundamental desse último livro, o mais importante que José Comblin nos deixou.



No último capítulo, analisamos a perspectiva de liberdade como vocação a partir de uma das grandes obras de José Comblin, *Vocação para a liberdade*, publicada em 1998.

O livro aqui apresentado constitui uma oportunidade de se aprofundar na trajetória e no pensamento de um dos maiores teólogos da América Latina. Com as contribuições de Alder Júlio Ferreira Calado e Eduardo Hoornaert estamos diante de um valioso '*Guia de Leitura*' da obra de José Comblin.

←—————→
CAPÍTULO 1

A TEOLOGIA DA ENXADA COMO AÇÃO DO
ESPÍRITO NO POVO DE DEUS PELOS CAMINHOS
DA HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO
LIVRO DE JOSÉ COMBLIN – O TEMPO DA AÇÃO:
ENSAIO SOBRE O ESPÍRITO E A HISTÓRIA.

Alder Júlio Ferreira Calado

A Teologia da Enxada completa seus quarenta anos. De 9 a 12 de outubro de 2009, uma parte considerável de seus protagonistas – os de ontem e os de hoje – estiveram a confraternizar-se, em Serra Redonda – PB, num encontro marcante de celebração, de rememoração, de avaliação e de um esforço prospectivo. Seus protagonistas compõem uma família diversificada: a *Associação de Missionários e Missionárias do Campo*, o *Centro de Formação Missionária/Fundação Dom José Maria Pires*, a *Fraternidade do Discípulo Amado*, a *Associação da Árvore*, as *Missionárias do Meio Popular*, *Associação dos Missionários e Missionárias do Nordeste*, a *Associação das Escolas Missionárias*, mantendo uma relação orgânica com outros grupos e expressões da Igreja dos Pobres, como as CEBs, as PCIs, o CEBI, o Grupo de Peregrinos e Peregrinas do Nordeste, as Pastorais

Sociais, num amplo espectro no qual reconhecemos traços vigorosos do rosto da “Igreja na Base”.

Em se tratando de uma expressão mais nordestina da Teologia da Libertação e experiência formativa de enraizamento cristão no meio dos pobres, a Teologia da Enxada tem muito a comemorar, ao tempo em que trata de exercitar um olhar avaliativo, e prospectivo, em busca de responder aos novos desafios da conjuntura social e eclesial, na perspectiva do Seguimento de Jesus.

Momento propício para refletir distintos aspectos dessa caminhada. Nas linhas que seguem, ensaiamos focar um desses tantos pontos: o referencial teológico que melhor fundamenta e inspira a experiência da Teologia da Enxada. Em três momentos tratamos de organizar as presentes notas: 1) um sucinto quadro mnemônico dos fundamentos da Teologia da Enxada; 2) a redescoberta da missão do Espírito Santo no mundo; e 3) novos desafios na caminhada da Teologia da Enxada.

REMEMORANDO ALGUNS TRAÇOS HISTÓRICOS DA TEOLOGIA DA ENXADA

A despeito da clara prevalência, no Concílio Vaticano II, de um perfil entre moderado e conservador do episcopado participante, foi amplamente reconhecida a atuação de um grupo de bispos – entre os quais Dom Helder Câmara é considerada como uma de suas referências – que desempenhou um papel significativo, no empenho da ação profética da Igreja no mundo. Esse grupo, que reuniu algumas dezenas de bispos de diferentes continentes, ficou conhecido como o do “Pacto das Catacumbas”. Mas, foi, sobretudo, no contexto da Conferência de Medellín, na mesma esteira da caminhada das CEBs, da Teologia da Libertação, foi sendo tecida, pela

ação do Espírito, a Teologia da Enxada, no final dos anos 60, a partir de dois núcleos iniciantes – um em Salgado de São Félix – PB – e outro em Tacaimbó – PE.

Já de início, os protagonistas dos primeiros núcleos da Teologia da Enxada, em boa parte compostos de jovens seminaristas, descontentes com o tipo de formação recebida, compartilhavam o sentimento da necessidade de buscar uma formação alternativa, à altura dos desafios dos novos tempos. Em grande parte, de origem rural, sentiam o fosso entre uma formação com demasiado acento na apreensão intelectual de temas e problemas que tinham pouco a ver com os desafios do cotidiano do povo, especialmente os pobres das periferias urbanas e do mundo rural.

Sob o impulso daquele abençoado contexto inspirado pelas prioridades de Medellín, a opção pelos pobres sendo a primeira, ousaram ensaiar, com a orientação e acompanhamento de formadores como o Pe. José Comblin, um caminho formativo diferente, a começar pela opção de fazê-la junto com os pobres, e vivendo como pobres.

Aspectos do tipo de formação dessa ousada experiência acham-se registrados no livro organizado pelo Pe. José Comblin, intitulado **Teologia da Enxada. Uma experiência da Igreja no Nordeste**, publicado pela Vozes, em 1977. Dizem respeito aos propósitos formativos da experiência, inicialmente voltada à formação de jovens do meio rural, vocacionados ao presbitério. Experiência que se realizaria, em inícios dos anos 80, no Seminário Rural, inicialmente instalado numa pequena área chamada Avarzeado, no município de Pilões – PB, em 1981, pouco tempo depois (1982/3) transferido para Serra Redonda, com o firme apoio de Dom José Maria Pires, então arcebispo da Paraíba.

Após passarem por vários dias de reflexão, no exercício do discernimento, acompanhados por uma Equipe de Formadores, e por uma criteriosa avaliação, em que se buscava ajudá-los num primeiro discernimento entre o caráter daquela proposta e o que sentiam aqueles jovens, em processo de admissão ao Seminário Rural, foi assim que por lá passariam dezenas de jovens do meio rural de vários Estados do Nordeste e até de fora do Nordeste. Aí passavam dois anos, numa experiência formativa que incluía, além dos estudos teológicos e da realidade social, o cultivo da lavoura e a criação de pequenos animais, como meio de contribuir para sua própria sustentação, bem como as atividades litúrgicas e atividades pastorais, junto às comunidades vizinhas. Nos dois anos seguintes, sempre contando com a participação de uma equipe de formadores, passavam em comunidades rurais, a estudarem, a trabalharem e a acompanharem as atividades das respectivas comunidades, numa atitude de aprendizado, vendo, ouvindo, sentindo e registrando diferentes aspectos de suas experiências. A formação se completava nos dois anos seguintes, quando assumiam o compromisso de irem ajudar a fundar novas comunidades, noutras regiões, sempre acompanhados pela Equipe de Formação.

Essa fecunda experiência de formação de jovens do meio rural vocacionados ao presbiterado, que tinha contado com a aprovação do Papa Paulo VI, foi negativamente avaliada no pontificado do Papa João Paulo II, e desaprovada como insuficiente em sua proposta curricular. A partir daí, a experiência é mantida, mas na perspectiva de formação missionária para jovens do meio rural. E assim evoluiu, com a participação de várias dezenas de jovens.

Experiência que se mostrava aberta e sensível aos sinais dos tempos, o que implicou a necessidade de se adaptar aos vários perfis e carismas de seus formandos. Nasceram, assim,

várias ramificações da mesma experiência: inicialmente, com a iniciativa de criar associações com caráter autônomo, tal como a Associação de Missionários e Missionárias do Campo, a Associação da Árvore. Uns, sentindo-se mais vocacionados a uma vida contemplativa (Fraternidade do Discípulo Amado, passam a viver uma experiência monástica de novo tipo, bem sintonizados com as necessidades, as aspirações, as lutas, as dores, as alegrias e as esperanças do povo dos pobres, passando a viver no Sítio Catita, em Colônia Leopoldina – AL.

Outros continuaram vivendo no Centro de Formação Missionária, constituindo a Fraternidade São Marcos, dedicando-se à formação de jovens do meio popular rural e urbanos, em cursos oferecidos em vários formatos, conforme o perfil dos jovens formandos, vindos de experiência de animação de grupos de jovens, das pastorais sociais, de atuação sindical, de militância em movimentos sociais, ONGs, partidos políticos, ora em formato de finais de semana, ora em quinzenas semestrais, para os quais eram e continuam sendo oferecidos cursos versando sobre temáticas várias: formação de educadores populares, cuidados do meio ambiente, cultura de paz, comunidades quilombolas, entre outros.

Outros sentiam-se chamados a uma vida itinerante, a peregrinarem pelo Nordeste, em consonância, aliás, com o Grupo de Peregrinos e Peregrinas do Nordeste. Convém, ainda, lembrar mais uma experiência dessa mesma “família”: a fundação da experiência formativa específica às jovens do meio rural. Eis que, em 1986/7, Mogeiro passou a ser a sede da formação dessas moças do meio rural, as Missionárias do Meio Popular. Outra experiência fecunda, também na área da formação, foi a fundação das Escolas Missionárias, no final dos anos 1990, espalhadas por vários Estados: Bahia, Piauí, Paraíba, Tocantins, Pernambuco.

Convém, ainda, ter presente que várias outras experiências daí nasceram ou guardam consideráveis vínculos de afinidade, a exemplo da fecunda experiência de formação protagonizada pelo DEPA – Departamento de Pastoral e Assessoria, animada por uma Equipe de Formadores, da qual faziam parte: Pe. Humberto Plummen, o atual bispo anglicano Dom Sebastião Armando Soares, Pe. René Guerre, os Professores Eduardo Hoornaert, Ivone Gebara, Luiz Carlos Araújo, Marcelo Augusto Veloso, entre outros.

A partir desse sucinto relato de elementos relativos à Teologia da Enxada, tratamos de focar o que entendemos como os fundamentos axiais da proposta formativa dessa experiência. Fundamentos que brotam de um entendimento novo da missão do Espírito Santo no mundo. Tema em relação ao qual a obra do Pe. José Comblin, especialmente a de caráter pneumatológico, vem dando, pelo menos desde 1978, uma profunda contribuição. Nossa questão, agora, é: em que vem se inspirando a fecunda experiência da Teologia da Enxada? Que importância ela atribui à ação do Espírito Santo na História do Povo de Deus, ontem como hoje?

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO SOBRE O POVO DE DEUS PELOS CAMINHOS DA HISTÓRIA

Do vasto leque de temas trabalhados por José Comblin, em seu frutuoso percurso existencial e densa produção teológica, a ação do Espírito Santo no mundo, na história e na construção do Povo de Deus destaca-se sobremaneira. Mais do que uma simples inquietação circunstancial, esse tema nele se tem constituído um alentado projeto de incessantes buscas. Desse projeto, iniciado sobretudo a partir de seu livro **O Espírito no Mundo** (1978), e ao qual dá sequência com a

publicação de uma meia dúzia de livros, este do qual ora nos ocupamos constitui um de reconhecida relevância e repercussão, dentro e fora da Igreja Católica latino-americana.

Já tivemos ocasião de nos deter em outros textos de Comblin, a exemplo de **O Espírito no Mundo** e de **O Povo de Deus**. Agora, havemos por bem, e em consequência dos estudos sobre a obra de Comblin, que vêm sendo objeto de trabalho de um pequeno Grupo, debruçar-nos sobre o presente, nos termos anunciados no título dessas notas.

Iniciamos pela forma como vem estruturado o livro, aqui apresentando um quadro panorâmico da obra, para, em seguida, propor um passeio mais detido pelos capítulos da mesma. Não por acaso, o mais volumoso dos estudos pneumatólogicos publicados por José Comblin. Em quase quatrocentas páginas, cuja introdução toma dez por cento, ele distribui em nove densos capítulos sua fecunda incursão, iniciando pela explicitação e precisão dos conceitos com que trabalha, ao longo do texto, inquietação a que dedica os dois primeiros capítulos, destacando os sentidos da ação na história e na construção do povo de Deus.

O terceiro capítulo é dedicado a uma apreciação crítica das relações entre o Cristianismo e o Helenismo. A marcante penetração deste nas manifestações do Cristianismo e suas profundas implicações, de modo a destacar suas negatividades. O desafio a Cristandade é alvo de análise do quarto capítulo, onde historiciza as relações características vivenciadas pelos cristãos nesse período, destacando as terríveis implicações, sem deixar de reconhecer aspectos positivos.

“A Reforma em questão” é como intitula o quinto capítulo, em que cuida de situar historicamente a proposta da Reforma, em suas positivities e em suas inconsistências. O sexto capítulo trata do “choque da modernidade”. Nele, o

autor aborda criticamente o impacto da “civilização do trabalho” e a posição da Igreja Católica e do Cristianismo, seja quanto a uma rígida oposição, seja quanto a uma aproximação. O estudo se estende até o pós-Vaticano II.

O sétimo capítulo ocupa-se de analisar “a era das revoluções”, destacando seu contexto histórico, suas relações com o Cristianismo. Aborda, também, o sentido da ação revolucionária, bem como os aspectos positivos e negativos dos processos revolucionários. Por fim, o autor situa um impactante quadro de desafios conjunturais (oitavo capítulo), em relação a que importa exercitar o discernimento (nono capítulo), para se captar o sentido da ação inspirada pelo Espírito.

Tendo fornecido um leve quadro sinótico do livro, buscamos, em seguida, resumir e destacar aspectos pontuais de cada capítulo, começando pela própria

APRESENTAÇÃO E INTRODUÇÃO DO LIVRO

Já na apresentação do livro, cuida o autor de explicitar o caráter de sua produção. Reconhecendo a vastidão do alvo de suas inquietações externadas no presente livro, prefere propô-lo em termos em que expressa profunda modéstia: propõe seu livro em termos de um ensaio, de uma hipótese, de uma sugestão, não obstante tratar-se de um texto com 389 páginas, fruto de uma pesquisa de longo fôlego, amparando-se em fontes e autores de reconhecida contribuição. Trata, igualmente, de assinalar o lugar social e o contexto sócio-histórico a partir dos quais propõe sua reflexão. Esta brota de um lugar e de um contexto bem concretos: o caminhar da Igreja Católica na América Latina da primeira metade dos anos de 1980. Daí é que despontam as interrogações partilhadas no livro.

Começa a introdução com uma afirmação lapidar e emblemática: “Deus é ação. Nosso Deus é um que age: que liberta,

constrói, transforma.” E, com propósito de contextualização sócio-histórica, parte, em seguida, para uma constatação tocante, inclusive pela sua refinada sensibilidade ecológica, já então (vale lembrar o livro foi publicado em 1982), recorda que em cem anos, a população do mundo passa de um para seis bilhões, o que implicou a emergência dos seres humanos, da sociedade humana, como o maior desafio a ser enfrentado pela ação, pelas profundas implicações que tem representado essa enorme expansão da presença humana no Planeta (cf. p. 13).

Por conta de tal desafio sócio-histórico, a Igreja é instada a passar de uma ação voltada para si mesma, para abrir-se, solidária, aos desafios do mundo, da história, de toda a sociedade, de promover o bem de todos os homens, cristãos e não-cristãos. É instada a contribuir efetivamente com o processo de libertação do homem todo e de todos os seres humanos (cf., por ex., a encíclica **Populorum Progressio**, do Papa Paulo VI, de 1967).

Na esteira do anúncio da ação libertadora de Deus no mundo e na história, o livro indica os fundamentos e inspirações mais fortes dessa abordagem da ação do Espírito. Um desses elementos é a Teologia da Libertação, na medida em que nasce e se afirma, pela força do Espírito, como uma proposta de reflexão e ação dos cristãos na América Latina, no fecundo contexto sócio-históricos de Medellín (1968) e de Puebla (1979). Uma proposta de reflexão teológica, então ainda apenas anunciada, em suas bases e traços gerais mais fortes: o espírito profético de denúncia das profundas desigualdades sociais, o compromisso com a causa libertadora dos pobres e oprimidos, tomando estes como sujeitos de seu processo libertador, o exercício de uma consciência mais forte da Igreja Povo de Deus, abertura ao exercício de um ecumenismo de base, entre outras características que, em seguida, seriam tomadas como alvo de uma alentadora proposta de produção teológica, como

a expressa pelo Projeto “Teologia e Libertação”, do qual resultaram importantes contribuições, em diferentes domínios, desse novo modo de fazer Teologia (a Teologia da Libertação), da qual o autor é uma das principais referências.

No seio da Teologia da Libertação, vai se produzindo uma fecunda gestação de formulações inovadoras, a exemplo da Cristologia. No caso do presente livro, o propósito explícito do autor é de contribuir num domínio específico e organicamente articulado a outros: o campo pneumetológico, o da ação do Espírito Santo no mundo. Neste caso, tratava-se de continuar a contribuir, pois desde a década precedente, já iniciara sua contribuição (**O Espírito no Mundo** é de 1978). Espírito e libertação – eis o terreno mais impactante de sua contribuição, desde então.

Tal é o alcance da contribuição do autor, enquanto um dos formuladores da própria Teologia da Libertação, que, mesmo reconhecendo que a TdL achava-se então ainda como um anúncio, precisando de consolidar-se em diferentes esferas, propõe-se contribuir na esfera da ação do Espírito Santo no mundo, tendo o Espírito como uma das mãos com as quais Deus age no mundo, na história e entre os homens (a outra é Jesus). Já àquela altura, sentia-se à vontade para tecer um comentário crítico na tendência de então de se fazer Cristologia, a partir de uma perspectiva eclesiológica ocidental. Sua avaliação, a esse respeito, revela-se bastante crítica: “Até o momento pode-se dizer que as teologias da libertação têm seguido os caminhos traçados pela teologia ocidental. É notório que ignoram as teologias do Oriente. Buscam uma cristologia, mas o mais das vezes se fundamentam, antes de tudo, numa eclesiologia. O fato se torna mais grave, visto que querem ser teologias da práxis, e se abordamos o cristianismo pelo ângulo da práxis, aquele que de imediato encontramos é o Espírito.” (p. 22).

A teologia ocidental parece não haver encontrado em suas sínteses o lugar certo da Terceira Pessoa da Trindade. Até que se invoca sua presença, lembra o autor, mas quando se trata de pedir-lhe que confirme as decisões já tomadas, sem um esforço concreto de escutar o quê o Espírito tem a nos dizer. Uma forma inconsciente de se tentar privatizar o entendimento da missão do Espírito Santo?

Essa incompreensão ou entendimento insuficiente da missão específica do Espírito Santo na História tem implicado equívocos diversos. Um deles: a tendência a um certo cristomonismo, à medida que se acha completamente acabada mensagem cristã, após a ascensão de Jesus e a partida dos apóstolos. Tudo que se tinha a dizer, já teria sido dito. Agora, nossa missão é só repetir. É aí que se escanteia a missão específica do Espírito Santo, o enviado do Ressuscitado, que continua agindo sobre o Povo de Deus, inspirando-o em suas buscas, em suas lutas de transformação, na perspectiva do Reino de Deus.

Devem-se a tal incompreensão da especificidade da missão do Espírito Santo sucessivos equívocos: o de julgar-se a Igreja como a continuadora do próprio Cristo, portadora dos seus poderes divinos, em vez de pensar-se estabelecida sob Seu poder. Mais: com tal compreensão, a Igreja julga ser função sua apenas conservar, repetir e difundir as verdades reveladas como sendo toda a Revelação; o equívoco de, ao definir-se como divina e humana, atribuir uma divisão rígida entre essas duas dimensões, de tal modo que, em virtude de seu lado divino, retém para si automaticamente qualidades que somente a Deus deviam ser aplicadas, e, em relação à sua dimensão humana, só retém as fragilidades, os pecados, as fraquezas, sem admitir também as potencialidades, as virtudes como também fazendo parte da dimensão humana, graças à atuação do Espírito na humanidade, na história; o equívoco de trabalhar

apenas a unidade/uniformidade, fazendo uma leitura negativa da diversidade/multiplicidade, enquanto, em verdade, uma melhor compreensão da missão do Espírito Santo, a ajudaria a ver positivities e negatividades tanto na unidade quanto na diversidade. Diferentemente do entendimento hegemônico na teologia ocidental, de que a unidade é divina, enquanto a diversidade é coisa humana, Comblin pondera que “a unidade como a multiplicidade, a uniformidade como a diversidade, são divinas e humanas, ao mesmo tempo. O Cristo é princípio de unidade, mas o Espírito é princípio de multiplicidade. Se existem formas de diversidade que constituem fraquezas devidas à fragilidade humana, existem também formas de unidade que são devidas à mesma fraqueza humana.” (p. 26). E conclui: “A volta ao Espírito restaura a plenitude das dimensões divinas e humanas da salvação.” (p. 26).

A partir dessa compreensão, o autor prossegue sua instigante reflexão, sempre bem fundamentado biblicamente. Assim, cuida de bem articular e distinguir as atribuições de Cristo e do Espírito Santo. Entre as Pessoas da Trindade, há uma unidade tocante, como há uma diversidade de funções. É o que acontece também em relação a Jesus e ao Espírito: suas atribuições comportam uma notável unidade bem como uma diversidade notável, sendo que esta é muito pouco observada na teologia ocidental. Donde o cuidado do autor, de acentuar tal distinção, sem prejuízo da unidade entre as Pessoas Trindade. “Para nos levar ao Cristo não outro caminho senão o Espírito.” (p. 30). E o Espírito dispõe para cada um, para cada uma, uma multiplicidade de caminhos cuja unidade é assegurada pelo próprio Espírito.

Nessa mesma linha, Comblin aborda a missão do Espírito, nas diferentes situações humanas, inclusive quanto ao esforço de conhecer que comporta armadilhas, à medida

que pretendemos conhecer a Deus, a partir de nossos esquemas próprios, de nossos métodos, o que implica apenas ter-se uma ideia de Deus. Só pelo Espírito chegamos ao verdadeiro conhecimento de Deus, pondo em prática seus ensinamentos, e não apenas limitando-nos a conhecimento intelectual. O mesmo se dá em relação à Igreja, à conversão – como expressão da ação do Espírito no meio do Seu Povo.

ELEMENTOS DO ESTADO DOS ESTUDOS ATUAIS SOBRE O ESPÍRITO SANTO NA HISTÓRIA

O primeiro capítulo, assim como o segundo, constituem um espaço destinado a explicitar o sentido que a obra confere aos três conceitos-chave que a permeiam: “Ação”, “História” e “Espírito”. O autor começa pelo sentido dado à “Ação”, focando principalmente a dimensão pública, antes que a ação no cotidiano, seguindo o critério bíblico e da tradição oral da mensagem cristã. Enquanto a maior parte da obra cuida de focar, de modo contextualizado, como se deu a ação do Espírito através da História, o primeiro explicita as relações entre ação, história e Espírito Santo, ao tempo em que, o segundo capítulo cuidará de situar o estado atual dos estudos bíblicos contemporâneos sobre o Espírito e sua ação na História. (cf. (cf. pp. 45-46).

Com relação especificamente ao primeiro capítulo (pp. 45-75), o autor o distribui em duas partes: trata inicialmente da relação entre a ação e o Espírito (pp. 46-66); em seguida, enfoca a relação entre História e Espírito (pp.66-75). Os destaques da primeira parte incidem sobre o lugar de Jesus como Ação do Pai; o Espírito como continuação do Ressuscitado como Ação no mundo; o conteúdo e o valor dessa ação e a relação entre Messias e ação, enquanto na segunda parte deste

capítulo (História e Espírito), reflete sobre o sentido de duas opções frente a esse movimento do Espírito na História: a de acomodar-nos à situação histórica ou a do compromisso com a transformação.

Na leitura da Teologia contemporânea, Deus age no mundo por meio do seu Povo, razão por que a nossa ação tem origem divina, sendo a Bíblia um ponto de referência relevante, desde que seja interpretado à luz do Novo Testamento.

Retomando as grandes linhas do primeiro capítulo, primeiro destaque do capítulo incide sobre a missão de Jesus, o enviado do Pai para agir no mundo, ungido pelo Pai, desde sua concepção e desde seu batismo, para ser ação no mundo, na História. O livro enfatiza a ação de Jesus, em sua diversidade. Jesus aparece nos relatos bíblicos como Ação: anuncia, denuncia, cura, proclama, faz o bem por onde passa. Jesus é a Ação do Pai, pela força do Espírito. E, como Ação, tem como alvo maior, que atua como unidade de sua ação, a formação do Povo de Deus, pelos caminhos da História.

À medida que esse Povo vai compreendendo sua vocação, passa a entrar para o Seguimento de Jesus, não tanto para imitá-lo, para copiá-lo, mas para reinventar sua ação, nos desafios do presente, eis por que, afirma o autor: “Toda verdadeira ação humana, toda história humana, todas as nossas ações encontram sua imagem perfeita, sua inspiração, nessa ação de Jesus. Toda a história, no sentido mais humano e profundo, apenas revive ou sai em busca da ação de Cristo para revivê-la. Mas para revivê-la será preciso reinventá-la. Nada há para ser copiado. Tudo foi dito, mas nada ainda foi dito. Tudo foi mostrado, mas tudo está por descobrir. Pela missão do Espírito, a humanidade reinventa a ação de Cristo, a seu modo, múltiplo e diverso, em todos os cantos do espaço e do tempo, e isso forma uma grande ação, uma única história.” (pp. 50-51).

Eis por que Deus é ação, e das três Pessoas da Trindade é a Terceira que melhor a quem incumbe revelar esse atributo divino. Insiste o autor em reconhecer a dificuldade de se ter claro tal atributo de Deus, a partir dos profundos limites do vocábulo “Espírito”, em relação ao qual se passa uma ideia de algo contraposto a matéria, a corpo, na esteira do dualismo das filosofias gregas. Vocábulo a tal ponto limitado, de modo que o autor se sente obrigado a estar sempre lembrando que “Espírito quer dizer força ou ação. Dizer que Deus é Espírito é dizer que Deus é ação, energia, movimento” (p. 51).

E o Espírito age em nós, Seu Povo, pelos caminhos da História. A ação do Espírito não se deixa controlar por instituições. Nem por aquelas que, a exemplo das igrejas, pretendem ter o monopólio do Espírito. O Espírito age no Povo de Deus, e, em especial, se manifesta nos pobres, nos fracos. É aí que Sua força age de modo todo especial. Agir implica uma vasta multiplicidade de operações, protagonizadas pelas pessoas. São inumeráveis as ações. Mas, é agindo na direção da libertação que o ser humano vai se libertando. Cada ação conta para uma conquista mais ampla. Enquanto luta, o ser humano vai se pondo no processo de libertação.

Nem toda ação provém do Espírito Santo. Somente aquelas que promovem e conduzem à liberdade, à libertação de todas as formas de escravidão. Somente aquela ação portadora de sementes de efetiva mudança. Mudança do mundo, mudança do ser humano. E mudança para melhor. Em breve, é toda ação que implique um processo de conversão pessoal e social. De cada uma, de cada um e do conjunto do Povo de Deus.

Processo que requer incessante exercício de discernimento, condição a que o autor dedica parte do último capítulo deste livro, mas já adianta alguns de seus elementos. Discernimento

tem a ver com o exercício de nossa capacidade perceptiva, de nossa atenção aos sinais dos tempos, ao que o Espírito tem a nos dizer e nos estimular a fazer. Implica também uma avaliação crítica das relações das forças em embate: as que lutam por mudanças efetivas e as que representam obstáculos a essas mudanças. Implica um ato criador, pelo qual são buscadas pistas concretas de ação transformadora. No limite, uma tal busca pode implicar o martírio, o ato cristão definido pelo autor como o mais completo, cuja referência maior é o próprio Jesus. (cf. pp. 57-58). Mais adiante, assim se exprime o autor, a propósito do valor da ação: “Cada uma das ações, desde o martírio até os mais humildes serviços quotidianos, é uma antecipação da libertação final e se projeta nessa tela de fundo” (p. 61).

No movimento de libertação dos pobres, sobretudo – mas não apenas – no universo judeu-cristão, as ações dos oprimidos têm comportado uma considerável motivação de caráter messiânico, à medida que, ao se darem conta dos mecanismos de sua opressão, põem-se a resistir contra a ordem imperante, e a ousar ensaiar caminhos alternativos. Não apenas as experiências messiânicas de natureza religiosa, como também as de cunho laico. A proposta de Jesus ia além de uma empreitada estritamente messiânica, ainda que não tenha sido entendida por seus discípulos. Acenava para um protagonismo maior dos próprios oprimidos, em vez de apostarem demais na força transformadora da ação exclusiva do Messias.

De todos os modos, é em função da transformação da História que age o Espírito Santo no meio do Seu povo.

←—————→
CAPÍTULO 2

EM BUSCA DE UMA CHAVE DE LEITURA DO
LEGADO DE JOSÉ COMBLIN: ENUNCIADOS
ACERCA DO SEU VIVIDO E DOS SEUS ESCRITOS

Alder Júlio Ferreira Calado

Dinamicamente conectada à sua densa personalidade, a vida de José Comblin se confunde com um movimento impetuoso de renovação sócio-ecclesial que ele anima, com viva paixão e incansável perseverança, na América Latina, e mais intensamente no Nordeste brasileiro, durante mais de cinquenta anos. Ao acompanhar e animar tal movimento, também José Comblin, como excelente aprendiz, dele recebe bons influxos.

Dessa longa atuação missionária, profética, sócio-política, pedagógica, investigativa – densa de tal modo que mesmo sua recente partida (“a grande viagem”, como costumava anunciar) não só não consegue interromper, mas inspira e desperta iniciativas e desdobramentos impactantes, em distintos sujeitos e em diferentes campos de sua atuação. E não apenas em grupos e pessoas que o acompanharam mais de perto, seja pelos

caminhos por ele trilhados, seja por meio de sua vastíssima obra teológica.

Como ousar ensaiar passos em busca de um olhar de conjunto, um perfil sinótico de José Comblin? Como ensaiar um esforço de compreensão do fundamental do seu legado de missionário, de profeta, de pedagogo, de teólogo? Para uma empreitada dessas não bastaria recorrer, de forma sistemática, à leitura de seus escritos? Eis algumas das questões que nos inquietam e que nos ocupam, nessas linhas. E tratamos de exercitar esse propósito, por meio de enunciados que vão brotando espontaneamente do nosso espírito, com a intenção de que possam servir de incentivo aos jovens do meio popular em processo formativo, e de pistas aos iniciados, em vista de eventuais aprofundamentos tópicos.

Torna-se supérfluo dizê-lo, mas ainda assim insisto em expressar – que se trata de enunciados (hipo)téticos – parciais, limitados, provisórios – sobre o que consigo alcançar de fundamental do legado de José Comblin, a partir do que consegui recolher dele e de tantos e tantas que com ele conviveram mais de perto, tomando como referências algumas dezenas de seus textos teológicos (sou membro de um grupo que, há alguns anos, vem estudando sua contribuição teológica, especialmente os textos que ele dedica à compreensão da ação do Espírito Santo no mundo), bem como o conjunto de suas iniciativas missionárias e formativas, além das conversas mantidas, nas últimas décadas.

1. A libertação dos pobres constitui o núcleo fundamental da Proposta e do Seguimento de Jesus.
2. A libertação dos pobres se faz pela força do Espírito Santo atuando incessantemente nos caminhos e entrechoques da História, à medida que os pobres, conscientizando-se e respondendo à sua vocação, se

organizam e vão se constituindo como Povo de Deus, em uma rede de comunidades autônomas e dinamicamente relacionadas, cujas decisões são tomadas desde a periferia para o centro, de baixo para cima, de dentro para fora.

3. Ao longo de sua história, as igrejas sempre tiveram, de algum modo, preocupação com os pobres, enquanto alvo de comiseração e de sua obra assistencial. A Proposta de Jesus pede bem mais do que isso: que todos nos convertamos à causa libertadora dos pobres, dos enfermos, dos sem-poder, dos sem-voz e sem-vez. Isto só muito raramente tem ocorrido, graças ao testemunho profético de pessoas e grupos, tocados por e sensíveis ao apelo do Evangelho.
4. É pela incessante ação, multiforme e coerente com a Palavra, que se vai fazendo caminho na formação do Povo de Deus, em defesa da vida do Planeta e dos Humanos, sempre por caminhos de liberdade.
5. José Comblin mostrava-se alguém em permanente estado de busca, muito vigilante e atento aos sinais dos tempos, mantendo-se a par do que se passava no mundo e na sociedade, em diferentes escalas, e nas distintas esferas da realidade.
6. Tendo exercido com reconhecida competência, ao longo de toda a sua vida adulta, o ofício de teólogo, sempre fez da teologia, não um fim em si mesma, mas, a exemplo dos grandes teólogos, sempre relativizou esse ofício, assumindo-o como um instrumento, um ponto de partida, a partir do qual tratava de dialogar crítica e incansavelmente com diversos outros campos de saberes (científicos, artísticos e outros), procedimento transdisciplinar ao qual se atribui a fonte mais

fecunda da contribuição do seu denso legado, inclusive na produção teológica.

7. Em consequência desse mesmo traço, sua obra teológica (em qualquer das áreas) se acha fortemente impregnada de múltiplas associações e interações com a realidade social. Em José Comblin, não se faz teologia fora do mundo, mas como um permanente exercício situado e datado.
8. Só por meio de uma formação permanente dos pobres, em que estes se sintam e ajam como autores ou protagonistas, quer como sujeitos coletivos, quer como pessoas, é que se vão tecendo caminhos rumo à Liberdade, e por meio do exercício da Liberdade.
9. Não se deve esperar mudanças substantivas (na sociedade e nas igrejas), confiando-se em que venham espontaneamente de cima para baixo ou de fora para dentro. Cabe sempre a quem sofre a situação, a tomada de iniciativa de mudá-la.
10. São amplamente conhecidas e reconhecidas sua refinada sensibilidade e sua abertura ecumênicas, de que são prova convincente a densa reputação e o fraterno apreço de que vinha crescentemente gozando, como teólogo e como profeta, também da parte dos irmãos e irmãs de igrejas reformadas.
11. No caso das igrejas, pouco se tem a apostar em mudanças significativas, a partir das estruturas obsoletas (por ex.: via modelo paroquial). Os autores dessas mudanças são sobretudo os leigos e as leigas que priorizarem trabalhos de, e na base, fora do templo, junto aos pobres e às pessoas e grupos mais esquecidos e mais discriminados.

12. Caminho semelhante, em relação aos desafios das mudanças sociais: não virão de cima (dos grandes grupos econômicos ou do Estado e suas instâncias, embora fragmentos destas últimas possam vir ocasionalmente em socorro). Devem ser, antes, buscadas e construídas junto aos “de baixo”, pela via dos movimentos sociais, enquanto se mantiverem fiéis à causa libertadora dos pobres e marginalizados.
13. Na ampla variedade de formas de exclusão social, uma consiste na exclusão pela linguagem. Há uma praxe academicista, largamente dominante, segundo a qual só a poucos iniciados é dado desvendar o que é expresso na fala ou nos escritos dos especialistas. Também aqui José Comblin adota a pedagogia do exemplo: sua fala e seus escritos, sem perderem a profundidade que o caracteriza, fala e escreve de modo acessível a todos, a todas que o escutam ou lêem.
14. Empenhava-se diuturnamente em pôr em prática suas convicções, de modo que em seu com-viver – aos olhos dos e das que dele estiveram mais próximos e o liam com assiduidade – era praxe observar-se a íntima associação entre gestos e palavras. E o fazia de modo mais sutil possível.
15. Com rara sensibilidade às pessoas de distintas idades, era visível sua confiança mais pronunciada pelos jovens, em quem depositava sua maior confiança e a quem dedicou o melhor de seu trabalho formativo.
16. Também no plano social, não apenas nutriu constante esperança, mas também exercitou contínuo diálogo com os movimentos sociais populares e com as pastorais sociais. Disso é prova, entre outras atividades por ele desenvolvidas, sua atuação formativa junto à Escola

Nacional Florestan Fernandes, fundada para servir de espaço formativo contínuo dos movimentos sociais do campo e da cidade.

17. É conhecido e reconhecido o CUIDADO de José Comblin pela Mãe-Natureza. E não se trata de uma inquietação recente (como se deu em sua vigorosa atuação de combate teórico-prático ao Projeto de Transposição). Vem de longe sua aplicação apaixonada ao cuidado da água, das matas, dos rios... Contam-se em dezenas ou centenas as árvores que plantou e das quais cuidou. Poucos sabem, por exemplo, da queda que levou, ao tentar conter o início de incêndio do bosque em terreno extremamente acidentado, no sítio em que residia, em Bayeux – PB.
18. Como poucos, José Comblin tinha a capacidade habitual (já nele enraizada, de modo a dispensar com frequência anotações mnemônicas), de passar de uma reflexão tópica, conjuntural a raízes estruturais e sua evolução ao longo dos séculos. Com frequência, remetia-nos, em função da compreensão mais profunda dos temas, a distintos séculos, com grande erudição.
19. A condição da mulher e seu lugar na sociedade e nas igrejas vinham constituindo uma crescente inquietação na vida e nos trabalhos de José Comblin. Não bastassem as referências históricas a que nos remete, por exemplo, em *Vocação para a Liberdade* (Paulus, 1998), em suas iniciativas de caráter formativo tratou também de fundar e acompanhar, em Mogeiro – PB, em meados dos anos 80, o Centro de Formação Missionária específico para as jovens do meio popular. Mais recentemente, bem nos lembramos de sua profética posição reagindo à estratégia de criminalização do

aborto, usada e abusada, durante a campanha eleitoral do ano passado, pelas forças reacionárias dentro e fora das igrejas.

20. De sua formação inicial e de sua formação contínua, é visível o especial apreço que cultivava pelo Trabalho como experiência humanizadora fundamental. Em José Comblin, o trabalho era mais do que rotina, era também fator ineludível do processo humanizador.
21. É notória a desconfiança radical de José Comblin em relação aos vícios característicos das instituições – civis, políticas e eclesiais – em sua esmagadora corrida de autopreservação. Embora não negasse a necessidade de um mínimo institucional, estava sempre a alertar – inclusive os movimentos sociais de esquerda (sindicatos, partidos, movimento popular, pastorais sociais) – do permanente risco de institucionalizar-se, em nome do coletivo, mas, na prática, em benefício dos dirigentes e de seus protegidos.
22. O internacionalismo constitui um relevante marco de seu trabalho, de sua ação, não só enquanto missionário e teólogo, mas igualmente enquanto cidadão. Marca atestada pelo alcance latinoamericano de sua obra missionária, teológica e formativa.
23. Outra marca forte do legado de José Comblin tem a ver com sua pedagogia, cuja eficácia se destaca por manter sempre acesos o horizonte da formação proposta (formação humanizadora como pressuposto da formação cristã), caminhos que conduzem a esse rumo (compromisso com as lutas dos pobres, protagonismo dos formandos, capacidade de intervenção social...), bem como postura definida por parte de seus protagonistas. O cerne de sua proposta visa a uma formação

integral, capaz de promover junto aos formandos o desenvolvimento de uma personalidade madura, autônoma, consciente e livre, associado a uma formação comunitária, cujo acento é posto em todo o processo de formação, a partir do qual se dá atenção a cada momento específico: desde o planejamento, passando pelo perfil de formandos e formadores, pela relevância dos temas e conteúdos trabalhados, pela metodologia, pela avaliação, sempre numa perspectiva de promover a capacidade perceptiva e o protagonismo dos formandos, não apenas durante os momentos mais fortes da formação, mas também após o curso, por meio de um acompanhamento contínuo dos formandos, agora também formadores. Nesse sentido, é bem emblemático a formação vivenciada no quadro das Escolas Missionárias, espalhadas pelo Nordeste. Formação cristã que implica necessariamente formação humanizadora.

24. É sempre possível e legítimo esboçar-se o perfil de um autor, de uma autora, a partir de sua produção bibliográfica. Mais complicado é esboçar-se o perfil de um legado que vai muito além de seus escritos, à medida que é fortemente impactado pelo vivido, o que parece bem ser o caso de José Comblin. Uma coisa é sabê-lo a escrever defendendo uma Igreja pobre e servidora; outra é vê-lo a visitar formandos e formandas em acampamentos, animando-os a seguirem na luta pela Reforma Agrária.
25. Num momento em que as forças eclesiais hegemônicas anunciavam o fim das CEBs, pretendendo substituí-las pela expansão de movimentos conservadores, cuidava José Comblin de anunciar, alto e bom

som, que as CEBs correspondem precisamente ao novo, no espectro de tantos séculos de Cristandade. Se passam por dificuldades, graças às perseguições sofridas, sua proposta é que está grávida do novo, que há de vingar, no tempo oportuno.

26. Analisado no espectro de grandes teólogos formuladores, na história do Cristianismo, José Comblin desponta, sempre sutil e humilde, como um dos interlocutores mais respeitáveis, à altura de dialogar criticamente com os teólogos da Patrística bem como com um Agostinho, com um Tomás de Aquino, com um Lutero e com os teólogos contemporâneos, em especial com os teólogos e teólogas latino-americanos.
27. Um toque particularmente vivificante da contribuição de José Comblin, em sua ação missionária e pedagógica, é assegurada por meio de uma vivência profunda da mística do Seguimento de Jesus de Nazaré, de uma espiritualidade de forte enraizamento evangélico, de modo a inspirar e a alimentar as diferentes atividades realizadas.

João Pessoa, 17 junho de 2011.

CAPÍTULO 3

INVENTIVIDADE REVOLUCIONÁRIA DA
PEDAGOGIA COMBLINIANA: EXPERIÊNCIAS
EMBLEMÁTICAS DO LEGADO DE JOSÉ COMBLIN

Alder Júlio Ferreira Calado e Hermínio Canova

Em distintos campos de saberes, a figura de José Comblin tem sido apreciada, em especial no campo teológico. Mesmo aí, avalia-se de tal densidade seu aporte, que não cessará tão cedo de surpreender até a quem já o conhece. Por exemplo, na literatura corrente no campo da Teologia da Libertação, dadas a qualidade e a precocidade de sua contribuição, não hesitamos em afirmar que se trata de alguém ainda sub-avaliado, em relação a nomes que gozam de maior notoriedade.

Nada a estranho para quem tem um perfil de fazer questão de fugir aos holofotes. Cuida de dar o seu recado, do seu jeito simples e discreto. Quem tem entendimento entenda. Não faz propaganda de suas ideias. Não fala de si. Mesmo quando as circunstâncias lhe são propícias. Ao completar seus 80 anos, como é habitual em tantos autores de sua envergadura intelectual,

em vez de um livro de memórias de si, preferiu entregar a um grupo de amigos e amigas a tarefa de reunir outros amigos e amigas que se dispusessem a escrever umas linhas, não sobre si, mas sobre a caminhada da Igreja latino-americana, num alentado volume que recebeu o título de “A Esperança dos pobres vive”. Sua contribuição, também aí, limita-se a expressar suas “saudades da América Latina”. Não gosta de falar de si. Menos ainda, quando se trata de sequer insinuar qualquer paternidade, a exemplo de sua participação como membro de um pequeno grupo de pioneiros da Teologia da Libertação, como nos dá a conhecer, muito sutilmente, em seu livro póstumo, “O Espírito Santo e a Tradição de Jesus”. Mas, a bom entendedor, a boa entendedora, meia palavra basta. É só perguntar-nos quem mais e melhor contribuiu para a Teologia da Libertação no campo da Pneumatologia? Isso é amplamente evidenciado numa meia dúzia de livros seus, elaborados no contexto de um projeto que lhe tomou cerca de quarenta anos.

Se isto se dá no campo em que é mais reconhecido, o da Teologia, o quê dizer de outros campos de saberes, a exemplo da Sociologia, da Educação, por exemplo? As pesquisas que o têm tomado como alvo temático ainda nos vão dar muitas surpresas.

Tomemos, de passagem, o caso do campo político-pedagógico, examinando sua contribuição, durante décadas. Tomemos, em particular, sua reconhecida capacidade de formulação e de síntese em relação a mais de uma dezena de experiências prenes de uma alternatividade revolucionária.

1. O Seminário Rural – Em meados dos anos 60, após a chegada de Dom Helder à Arquidiocese de Olinda e Recife, ele buscou cercar-se de uma equipe altamente qualificada de assessores e assessoras (como, aliás, o tinha feito por onde

passara), da qual fazia parte, com lugar de destaque, a figura do Pe. José Comblin. Entre outras funções, recebeu a incumbência de, além de professor do ITER (Instituto de Teologia do Recife), também a de Prefeito de Estudos desta instituição.

Ao mesmo tempo, no então Seminário Regional do Nordeste II (o SERENE II), estavam matriculados alguns jovens estudantes da Filosofia, que, em confiança feita ao então Diretor de Estudos, confessaram o desejo de fazer uma experiência radical de formação, junto aos camponeses e camponesas do Nordeste, ambiente de onde vinham quase todos e pelo qual se sentiam mais comprometidos em sua opção de vida religiosa.

Conversa que prosperou, e, pouco tempo depois (final dos anos 60), teve início uma experiência que ficou mais conhecida como “Teologia da Enxada”. Uma dezena de jovens seminaristas, acompanhados por Pe. José Comblin e outras figuras proféticas, passaram a ir viver, trabalhar e estudar em comunidades camponesas, ficando um núcleo convivendo em Tacaimbó – PE e outro núcleo em Salgado de São Félix – PB. Aí se acham fincadas as raízes do Seminário Rural, experiência que se daria, não apenas no Nordeste brasileiro, mas também em Talca, no Chile.

Em razão da expulsão do Pe. José Comblin, do Brasil, em 1972, a experiência do Seminário Rural teve que ser adiada, do ponto de vista formal. Mas, do ponto de vista da formação e do acompanhamento dos jovens estudantes comprometidos com a causa dos pobres do campo, a experiência teve desdobramentos surpreendentes. Por um lado, no caso do Nordeste brasileiro, a experiência seguiu acontecendo, graças ao acompanhamento de uma equipe de formadores, da qual faziam parte Pe. José Servat, Pe. René Guerre e outros. Do lado do Chile, o próprio Pe. José iniciou, em Talca, semelhante experiência.

O Seminário Rural, lá no Chile, foi instalado em Alto de las Cruces, perto de Talca, onde jovens das comunidades eram acompanhados em sua formação espiritual e teológica, a partir da vida e cultura camponesas. E com um traço notável: embora em países distintos, era fundamentalmente a mesma proposta de formação, no Brasil e no Chile (Talca). Exilado no Chile, e sem poder vir ao Brasil, Pe. José combinava com membros da Equipe do Brasil, para se encontrarem, ora num país fronteiro, ora lá mesmo no Chile, com o objetivo de assegurar uma unidade à proposta em curso, guardadas suas especificidades.

No caso da experiência do Seminário Rural, no Nordeste, foi iniciada, de modo mais sistemático, a partir de 1981, no Brejo paraibano, num lugar conhecido com Avarzeado, município de Pilões, a essa época, pertencente à Arquidiocese da Paraíba, da qual era arcebispo Dom José Maria Pires, que acolheu e apoiou, com toda a força, a iniciativa.

A primeira turma, iniciada em 1981, comportava uma dezena de jovens camponeses, vindos de vários Estados do Nordeste e do Norte (Paraíba, Sergipe, Alagoas, Pará...). Experiência que vem relatada no livro elaborado pelo Pe. José Comblin, sob o título “Teologia da Enxada”, publicado pela Vozes, em 1977, em que são tomados vários depoimentos dos protagonistas. Experiência que comportava conteúdos e dinâmicas especialmente voltados para a realidade do campo, do mundo camponês. Não tardaria a ser recusada pelo Vaticano, para quem tal proposta não atendia às exigências de formação de um clero ortodoxo. Dois anos depois, tal experiência converteu-se noutra proposta ainda melhor, agora voltada para a formação de leigos (ver o número 2).

Importa, ainda nesta mesma linha, dadas a similaridade e a natureza inventiva das experiências, fazer alusão, ainda que de passagem, a outra experiência formativa animada pelo

Pe. José, desta feita no Equador, a partir de 1979: a da Casa Santa Cruz, a serviço da causa indígena, em Riobamba, na companhia profética de Dom Leónidas Proaño, o profeta dos povos indígenas do Equador. Uma experiência emblemática. A Casa Santa Cruz foi um centro de encontros formativos e de espiritualidade libertadora, onde residia o próprio Dom Leónidas Proaño com outras pessoas – religiosas, sacerdotes, seminaristas – e onde periodicamente eram acolhidos públicos diversos, sobretudo animadores e animadoras de Comunidades Indígenas e para cujos encontros era sempre convidado Pe. José Comblin, a cada semestre (durante duas ou três semanas, como o relata Mônica Muggler, em seu livro “Padre José Comblin, uma vida guiada pelo Espírito”), para ajudar na reflexão e aprofundamento de temas que lhe eram tão caros, tais como análise de conjuntura sócio-eclesial, teologia da missão, opção pelos pobres, conferências episcopais de Medellín e Puebla, entre outros. Em prosseguimento a tais iniciativas, em Equador, hoje funciona, em Quito, o “Centro de Formación Juvenil Leónidas Proaño”. Neste Centro, grupos de jovens das periferias urbanas e das comunidades rurais participam de cursos de formação continuada, utilizando textos, memória e método pedagógico de figuras como Mons. Proaño, Paulo Freire e José Comblin.

2. O Centro de Formação Missionária (CFM) - Com a inviabilização institucional pelo Vaticano, sob o governo neo-romanizante do Papa João Paulo II, a fecunda experiência do Seminário Rural foi convertida, de modo ainda mais fecundo, no Centro de Formação Missionária para jovens do meio rural nordestino.

Em Serra Redonda – PB, à turma do Seminário Rural somaram-se outros jovens, vindos de vários Estados do Nordeste. Num sítio pertencente à Paróquia de Serra Redonda,

vizinho à cidade, e graças aos recursos provenientes de católicos da Europa, foram construídas casas, refeitório, capela, assegurando uma estrutura simples e digna do acolhimento daqueles jovens vocacionados à missão, após um processo cuidadoso de seleção, do qual eram os candidatos os principais protagonistas da escolha, com a ajuda da Equipe de Formação, ajudando-os a melhor discernirem.

Uma vez selecionados, aí passavam dois anos, findos os quais passavam a ser acolhidos em comunidades vizinhas, por outros dois anos, sendo sempre acompanhados pela mesma Equipe de Formação, em seus estudos, trabalhos e experiências pastorais. Os últimos dois anos – do total de seis requeridos pela formação –, retornavam às suas comunidades de origem, com o compromisso de ajudarem a criar e animar novas comunidades de missão.

Em Serra Redonda, nos dois primeiros anos, tratavam de associar, de modo bem dosado, tempos de estudos, tempos de trabalho manual (contribuíam para a sua manutenção, realizando trabalhos de plantio e criação de pequenos animais), além dos vários momentos de oração e da participação, nas comunidades vizinhas, de encontros nos finais de semana.

3. O Centro de Formação de Missionárias Populares – Como antes assinalada, uma marca forte da pedagogia combliniana é a busca de unidade na diversidade. Nada de uniformidade! Vocaçao missionária, também, não rima com fôrma. Se, em Serra Redonda, jovens do meio rural preparavam-se para sua formação missionária, isto não deveria excluir outras possibilidades, que depois foram sendo viabilizadas. Nem todo missionário quer ou precisa ser celibatário; a missão é mais animada pelas mulheres, no dia-a-dia, e onde estavam as jovens, nessa experiência de formação?

Tal como se deu para a oferta da experiência formativa, em Serra Redonda, esforços foram envidados para viabilizar, também, espaço formativo feminino. Foi assim que, em Mogeiro – PB, surgiu, em 1987, a iniciativa de formação de missionárias do meio popular. Igualmente acompanhadas por uma Equipe de Formação, composta pelo próprio Comblin e algumas missionárias religiosas e leigas.

Ainda hoje, várias dessas missionárias seguem em missão, especialmente nas comunidades do Nordeste. Três dessas missionárias leigas ainda hoje cuidam, com zelo e assiduidade, de um dos projetos formativos mais vigorosos de quantos inspirou e inspira a figura do Pe. José: as Escolas de Formação Missionária, em especial a de Mogeiro.

4. A Associação dos Missionários e Missionárias do Campo (AMC) – Mais uma demonstração do espírito plural da pedagogia combliniana. A AMC reúne o maior contingente de protagonistas – mulheres e homens – das diferentes famílias comblinianas, sendo que a maioria é composta por casais missionários atuando na zona rural em vários Estados do Nordeste, animando as comunidades do campo, formando outras, e cuidando de sua própria formação continuada. Elas e eles se encontram, anualmente, em assembleia geral, para confraternizarem, para se inter-ajudarem, para rezarem juntos e celebrar, bem como para avaliarem, planejarem suas atividades comuns.

5. A Associação Árvore – Em meados dos anos 1990, num contexto de relativo refluxo das forças populares, dentro e fora da Igreja, essa experiência nasce e se desenvolve, com o objetivo de fortalecer a prioridade da formação, em outros ambientes para além dos já contemplados, mas de forma articulada com

as demais experiências. Por outro lado, ante as estratégias de desmonte implementadas, desde o Vaticano, com o claro propósito de enfraquecer os trabalhos da “Igreja na Base”, em prol de movimentos conservadores, sentia-se um clima de perseguição a essas bases, razão por que a saída encontrada foi a de buscar uma relativa autonomia em seus trabalhos, inclusive constituindo-se em associações autônomas, inclusive buscando espaços físicos próprios onde pudesse ter continuidade sua formação. O foco é formação integral, humana e cristã.

Tendo como sede-referência o Sítio São José (Bayeux - PB), adquirido graças a projetos financiados por órgãos católicos europeus, e no qual foram construídas várias casas, salão de estudo, refeitório, capela, depois confiadas à Associação *Árvore*, formada de leigos e leigas, com ampla autonomia. Vasta e fecunda programação formativa (Curso Básico, Antigo e Novo Testamento, Jesus de Nazaré, Missão, Realidade Social, Espiritualidade, entre outros temas). O programa completo requeria uma experiência de cinco anos. Curso também acompanhado, “in loco”, em diversas cidades do interior e da zona rural. Uma característica desse curso (como de toda a pedagogia combliniana) é a forte e dinâmica associação entre conteúdos e metodologia adotada. Apenas uma única ilustração, a partir do Curso Básico.

Este consistia, quanto à parte de conteúdos, de sete temas a serem trabalhados, em sete sucessivos meses (um final de semana por mês), compreendendo como temas: Igreja-comunidade, o mundo dos pobres, a missão, a vocação, a oração, os ministérios e o Povo de Deus. Cada um desses temas era trabalhado/vivenciado, a cada vez, em oito passos:

- Oração inicial (tendo como referência o Ofício Divino das Comunidades);

- Motivação: sempre a partir de um belo painel com uma árvore, cuja evolução aí vinha didaticamente visibilizada, desde a preparação do terreno, as sementes, o broto, as várias partes constitutivas da árvore, até a floração e os frutos.
- Troca de experiências – Momento destacado, na avaliação, como dos mais preferidos, pela riqueza de aprendizados.
- Caixa de retratos – Aqui se faz uma fecunda visitação a textos da Sagrada Escritura, especialmente voltados mais diretamente ao tema tratado naquele final de semana.
- Vida de um santo ou de uma santa – Os textos didáticos do Curso da Árvore incluem trechos da vida de alguns santos ou figuras proféticas de hoje, tais como São Benedito, São Francisco, Pe. Ibiapina e outros: o que eles tiveram de inspiração, no tema em reflexão?
- Um documento da Igreja – Elege-se, conforme a temática trabalhada, um trecho de um documento da Igreja, a exemplo de uma das conferências episcopais latino-americanas, como a de Medellín, de Puebla, de Aparecida ou de um texto da CNBB.
- Nossa ação – O penúltimo passo incentiva à ação concreta dos participantes, em vista de seu compromisso pastoral e social. Daqui até o próximo encontro, o que vamos fazer? Que contribuição somos chamados a oferecer, ao voltarmos às nossas comunidades?
- Oração de encerramento – Assim como se começa, também se faz uma celebração ou uma oração, ao final da jornada.

Observe-se aí a íntima associação entre conteúdos e método: uma coisa se faz em função e de modo articulado à

outra. Isto faz uma grande diferença! Essa experiência, vigorosa nos anos 1990, sofreu dificuldades, a partir dos anos 2000, o que comporta vários fatores externos e internos que merecem avaliação, noutra ocasião.

6. A Fraternidade do Discípulo Amado – Desde as primeiras experiências inspiradas numa pedagogia combliniana, já pulsava forte a tendência à uma salutar diversificação de formatos pedagógicos, de modo a compatibilizá-los com o carisma dos participantes. Um desses carismas fortemente presente era o da vocação contemplativa de leigos e leigas. Essa experiência vem sendo vivenciada, de modo mais expresso, a partir de meados dos anos 1990, quando um grupo decidiu ousar concretizar uma fecunda experiência monástica, num sítio – Sítio Catita –, no município de Colônia Leopoldina –AL. Aí vivem cerca de doze pessoas – homens e mulheres –, leigos e leigas consagrados à vida contemplativa. Além dos vários momentos de oração, de celebração litúrgica, durante o dia e à noite, também cuidam da auto-sustentação, com seus trabalhos de criação de pequenos animais, apicultura e trabalhos artesanais. Sua vocação contemplativa, alimentada pela espiritualidade da Teologia da Enxada, mantém-se atenta aos sinais dos tempos, trazendo para a sua contemplação as alegrias, as dores e as esperanças do povo dos pobres.

7. A Associação dos Missionários e Missionárias do Nordeste (AMINE) – Atuando em diferentes Estados do Nordeste, a AMINE tem nas missões populares sua marca mais destacada. Em seus encontros periódicos, eles e elas avaliam suas atividades e planejam as próximas, repartindo tarefas, definindo modos de atuar, sempre acentuando a importância, não apenas dos momentos mais fortes das missões populares,

mas também sua preparação (a pré-Missão) e sua continuidade (a pós-Missão), o que sublinha, mais uma vez, o caráter de continuidade da pedagogia combliniana. Um livro que ilustra muito bem o perfil do trabalho da AMINE, razão por que é tão utilizado, é o que se intitula *Experiência Missionária no Nordeste*, de autoria de Frei Roberto Eufrásio de Oliveira.

8. Grupo de Peregrinos e Peregrinas do Nordeste – Iniciado em 1986/87, este Grupo em breve alcança seus 30 anos de uma experiência frutuosa. Integrado por uma vintena de membros, homens e mulheres –, o Grupo tem-se disposto, a cada ano, a reservar-se algumas semanas, em geral, no mês de julho (por conta do período de férias, já que muitos deles/delas têm vínculo profissional), para peregrinarem por terras nordestinas: ora de Palmares a Canudos; ora pela Zona da Mata, ora pelos assentamentos rurais, buscando seguir os conselhos evangélicos da peregrinação: o despojamento, a gratuidade, a disposição de solidarizar-se com as lutas dos desamparados pela sua libertação. Além do período anual de peregrinação, os integrantes do Grupo costumam encontra-se para confraternização, retiro, celebração, avaliação e planejamento de suas atividades. Encontram-se, inclusive, no Sítio Catita, onde também moram alguns dos seus integrantes, fazendo peregrinações periódicas, individualmente.

9. As Escolas de Formação Missionária – Outro emblema representativo da pedagogia combliniana. Como sugere o nome, trata-se de experiência formativa de jovens do meio popular – do campo e das periferias urbanas –, que se sintam vocacionados ao discipulado e ao seguimento do Movimento de Jesus, comprometidos com a missão de servir a causa do

Reino de Deus, no engajamento a serviço da libertação do povo dos pobres.

Iniciadas no final dos anos 1980 – a primeira foi acolhida em Juazeiro da Bahia, de onde foram estendendo-se por outros Estados do Nordeste. Hoje, são em número de seis: além da de Juazeiro – BA, há a de Mogeiro – PB, a de Esperantina – PI, a de Floresta – PE, a de Barra – BA e a de Nazaré da Mata – PE.

Seus integrantes são jovens e adultos do Nordeste, já com alguma experiência de inserção nos trabalhos de animação comunitária, e que desejam aprimorar sua formação missionária. Nessas escolas, são recebidos, durante um mês, a cada ano, e por quatros anos, com o objetivo de:

- conhecer melhor e aprender com os demais participantes, acerca de suas atividades missionárias;
- aprofundar seus estudos, especialmente atinentes à vida e aos trabalhos missionários junto ao povo dos pobres;
- pôr em prática uma metodologia de estudo e de trabalho, compatível com a concepção de Missão partilhada pela pedagogia combliniana;
- exercitar uma espiritualidade incarnada e libertadora, a partir da opção pelos pobres e da adoção de um estilo de vida sóbrio e fiel à causa do Reino de Deus e Sua justiça;
- levar um estilo de vida sóbrio e a serviço das comunidades do campo e das periferias urbanas;
- de volta à sua comunidade, cumprir as tarefas formativas em grupo, com o acompanhamento de formadores e formadoras.

10. Kairós - Nós Também Somos Igreja, é um grupo inspirado pelos valores da pedagogia combliniana. O Grupo Kairós

foi criado em 1998. Nasceu a partir dos encontros mensais de seus integrantes na casa do Pe. José Comblin, no Alto da Boa Vista, em Bayeux, onde se acha também a sede da Associação Árvore. Nesses encontros mensais, os participantes – uma quinzena – propunham uma temática, elementos da conjuntura sócio-ecclesial, a leitura e reflexão de um texto produzido pelo Pe. José, uma atividade missionária ou pastoral. Eram reuniões realizadas à tarde, ao final da qual, com generosa preparação da missionária Mônica Muggler, era oferecida uma suculenta merenda, com todos em volta da mesa. Após a mudança de Comblin e Mônica para a diocese de Barra-BA, acolhidos que ali foram por Dom Frei Luiz Cappio e aquela comunidade, o grupo passou a reunir-se semanalmente, numa sala do Centro de Educação da UFPB. Nessas reuniões semanais, os integrantes cuidam de refletir sobre leituras previamente acordadas entre os participantes, especialmente dos livros do Pe. José Comblin, sobre a ação do Espírito Santo no mundo, como também de outros teólogos e teólogas (Carlos Mesters, Hans Küngs, Eduardo Hoornaert, Ivone Gebara, Teresa Forcades, entre várias outras personagens). Essas reuniões semanais constituem também um espaço de confraternização, de análise de conjuntura sócio-ecclesial, de celebração e de planejamento de atividades.

11. Em fraterna parceria com estas “famílias” comblinianas, nascem e se desenvolvem experiências grupais ou comunitárias, tendo como fecunda referência a pedagogia de Pe. Comblin e seu modo de fazer teologia. Trata-se de experiências distintas que interagem, em vários momentos, para a construção e vivência de tarefas comuns. Estas experiências são:

- O Grupo Igreja dos Pobres, composto por alguns padres da Paraíba que depois do impacto espiritual

e afetivo da morte de Comblin (27 de Março de 2011), vem se articulando periodicamente para contribuir a manter vivo em nosso meio o legado de Pe. José. Alguns desse grupo participaram dos Cursos de Formação Missionária organizados pelo próprio Comblin, outros colaboram atualmente na Escola de Mogeiro. Este grupo administra e alimenta um Site que se propõe de manter viva a memória da vida missionária de Pe. Ibiapina, Dom Helder e outros, sobretudo da obra pedagógica e teológica de Pe. Comblin, divulgando experiências, reflexões, livros, cursos e Semanas Teológicas (www.teologianordeste.net).

- Rede Celebra, desenvolve atividades de formação litúrgica no espaço e em colaboração com a Escola de Formação de Mogeiro. Anima os momentos de Espiritualidade e de Oração das Semanas Teológicas.
- A Pastoral Operária da Igreja da Paraíba acompanha os encontros de preparação e a própria realização da Semana Teológica.
- Também o Movimento das Comunidades Populares (MCP) participa e dá uma valiosa contribuição na realização das Semanas Teológicas. O Movimento atua na formação e organização de base, nas periferias urbanas e nas comunidades rurais, tendo como referência e sede no Alto das Populares, Santa Rita-PB.
- Na perspectiva da Espiritualidade, surgiu o “Centro Dom Helder Câmara de Animação Espiritual”. Com o apoio dos padres Josenildo e Eliezer, o Centro promove, no espaço da Igreja do Conde (PB), encontros de Espiritualidade, ao terceiro domingo de cada mês. Os participantes atuam nas Comunidades da periferia

de João Pessoa e do Litoral; na convivência e reflexão, eles e elas se inspiram nas intuições místicas do pastor e profeta Dom Helder e no método de Formação Missionária do teólogo Pe. Comblin.

- Outra atividade que vem sendo organizada anualmente é a própria Semana Teológica Pe. José Comblin, já em sua quarta edição. A Semana vem sendo preparada em parceria com esses grupos citados, como também com a Livraria Paulinas, de João Pessoa (PB) e com o Núcleo de Estudos José Comblin da Universidade Católica de Recife (PE). O Site do Núcleo de Estudos José Comblin é: www.unicap.br/comblin.
- Outra parceria importante na organização dessa Semana tem sido a Pastoral do Povo da Rua, de Fortaleza (CE), junto com o teólogo Pe. Francisco Aquino Junior, bem como as Comunidades do campo ao redor de Café do Vento (Sobrado-PB) e as Comunidades da cidade como do Alto das Populares (Santa Rita-PB). Ao longo do ano, tem sido organizadas Jornadas Comunitárias nessas Comunidades em função da construção, em mutirão, da Semana Teológica.

Fizemos um apanhado das experiências mais conhecidas, certamente tem outras; experiências direta ou indiretamente inspiradas no legado de Pe. José Comblin, com destaque para sua contribuição no campo pedagógico.

João Pessoa, outubro de 2014.

CAPÍTULO 4

INSTITUIÇÃO X CARISMA: BREVE NOTA, A
PARTIR DO LEGADO DE JOSÉ COMBLIN

Alder Júlio Ferreira Calado

No dia 30/09/2017, no auditório da Livraria Paulinas, em João Pessoa, a partir das 8h30, ocorreu a Sessão de encerramento da VII Semana Teológica Pe. José Comblin, culminando as fecundas experiências vivenciadas, nas quatro Jornadas Comunitárias - componentes da programação da referida STPJC, realizadas em Cabedelo (10/08), no Rangel (João Pessoa, 03/09); Café do Vento (Sobrado, 17/09) e no Alto do Mateus (João Pessoa, 24/09), nas quais se refletiu sobre o tema da VII STPJC: “Instituição e Carisma, à luz da Tradição de Jesus”, tema que será retomado, na sessão de encerramento, com a partilha das experiências colhidas em cada Jornada Comunitária, por meio dos respectivos delegados e delegadas, e pela reflexão sobre o mesmo tema, a ser oferecido por Dom Sebastião Armando, Bispo emérito da Igreja Anglicana, contando ainda com a colaboração do Prof. Vanderlan Paulo de Oliveira, coordenador dos trabalhos, de

membros da Rede Celebra e dos organizadores e organizadoras da VII STPJC (Grupo Kairós, Centro de Espiritualidade Dom Helder Câmara, Grupo Igreja dos Pobres, Escola de Formação Missionária de Mogeiro, entre outros).

Como se percebe, ainda que focado mais diretamente sob o ângulo teológico, “Instituição” e “Carisma” constituem experiências e conceitos que extrapolam o âmbito teológico. Permeiam, também, a vida social, econômica, política, cultural... As linhas que seguem restringem-se a este plano. As sociedades também se acham impregnadas, ao longo da história, da tensão constante entre instituição e carisma, entre o instituído e o instituinte, entre poder e mudança, etc. No caso de nossa sociedade, o noticiário de cada dia dá conta, à exaustão, do exaurimento do instituído e da acentuada fragilidade, observável em nossas organizações de base, no atual contexto, de sua capacidade instituinte. O modelo vigente de organização societal, já há muito tempo não atende à satisfação das necessidades e das aspirações fundamentais da enorme maioria da população. Não apenas sua estrutura de produção, mas também sua forma de organização, suas instituições, sua grade de valores, sua relação com a Mãe Natureza encontram-se esgotadas, igualmente, seu organismo principal de gestão – o Estado – cada vez mais da prova de ineficiência de esterilidade, tornando-se cada vez mais nocivo à vida do Planeta e da comunidade dos viventes.

Criadas para atenderem as aspirações humanas, as instituições vêm alcançando um progressivo nível de burocratização que ameaça populações inteiras, ao tempo em que aceleram as agressões e os estragos cometidos ao planeta e aos humanos.

Em seu livro “**Vocação para a Liberdade**”, José Comblin, analisando as instituições modernas, após reconhecer que elas são necessárias à vida em sociedade, destaca suas

crescentes limitações. Exemplificando várias delas – Estado, Escola, Hospitais, Exército, Igrejas, etc. –, eis o que afirma a propósito da Universidade:

A universidade também encarnava o espírito das luzes, da liberação mental. Ora, as revoltas estudantis de 1967/8 destruíram a fama sem mancha das universidades, espaço da domesticação mental, da burocratização da juventude, em que os jovens são preparados para ser o servidores submissos do sistema de dominação mental, exploração econômica e ditadura do Estado. Os estudantes perderam o orgulho de pertencer à elite da nação como futuros dirigentes da sociedade. Frequentam a universidade para conquistar um diploma que lhes permita exercer uma função na sociedade: preparação programada para funções programadas. Por isso o que se pede aos professores é muito papel impresso de trabalhos pseudocientíficos que ninguém vai ler, e os estudantes, uma memória sem falha, e sobretudo, nada de inteligência crítica, porque isso só viria a prejudicar a carreira (cf. p.210).

As próprias organizações de base (movimentos populares, sindical, associações, cooperativas...) das quais se espera o principal protagonismo na transformação da sociedade, não se acham imunes à tendência burocratizante das instituições. Max Weber e Troeltsch, entre outros, deram conta do risco de burocratização enfrentado por movimentos sociais, a exemplo dos Anabatistas. Ainda hoje, os movimentos sociais, populares e sindical, além de outras organizações de base, enfrentam semelhante desafio, tal a força burocratizante exercida pelas instituições. Uma vez constatado o risco de burocratização não

se deve render ao fatalismo, como se isto constituísse um destino inevitável de todas as organizações de base.

É pela tomada de consciência e pelo exercício do carisma, que se faz caminho em direção à superação dos riscos acarretados pelo instituído. Veremos, a seguir, qual é o entendimento de Carisma, no legado de José Comblin.

No legado combliniano, o entendimento de carisma vem intimamente associado ao de Liberdade. Enquanto as instituições tendem ao engessamento da criatividade e a uma tediosa rotina de repetições programadas, o Carisma, por sua vez, é movido pela criatividade, pela constante renovação, enfim, pela Liberdade, o carisma impele os seres humanos a irem além do que modelam as instituições. O Carisma induz para além da rotina estabelecida, para além da normose. Por conseguinte, é para a Liberdade, que tende o carisma, na medida em que esta vai além da vida, entendida como o horizonte dos seres viventes, enquanto os seres humanos se completam na Liberdade, que é um chamamento contínuo de plenitude, chamamento vindo do Sopro fontal, do Espírito Santo, razão por que se costuma dizer: “Ubi spiritud, ibi Libertas” (Onde estiver o Espírito, aí está a Liberdade).

Estando compreendidos, no legado combliniano, Carisma e Liberdade, de forma intimamente associada, torna-se compreensível o modo como José Comblin fala da Liberdade:

A liberdade está no agir para se libertar. Essa é a vocação humana: tornar-se alguém, uma pessoa, fazer-se uma personalidade mediante uma luta, um trabalho. Uma atividade que consiste em se libertar. A libertação tem uma finalidade: tornar-se mais livre, dar-se a si próprio uma personalidade realmente mais livre. A liberdade é o seu próprio fim, e ela se constrói no decorrer da vida no meio das

oportunidades dentro das vicissitudes de uma essência humana terrestre. Ser livre é criar a sua própria personalidade, algo novo único, porque não há duas pessoas iguais nem semelhantes, ainda que sejam bilhões (cf. p.238).

João Pessoa, 29/09/17.

CAPÍTULO 5

JOSÉ COMBLIN: UM ESCRITO PROFÉTICO,
A TÍTULO DE SUBSÍDIO, EM VISTA DA
CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN, NUMA
CONJUNTURA DE EFERVESCÊNCIA

Alder Júlio Ferreira Calado

Grças ao historiador Eduardo Hoornaert - a quem, de público, manifesto, meu reconhecimento e gratidão -, chega às minhas mãos, por via postal, cópia de um escrito do Padre José Comblin, sobre o qual o próprio Hoornaert tem-se debruçado, mais de uma vez e que me desperta especial interesse, por várias razões, mas particularmente, pela forte influência que teve o escrito nos preparativos e nos protagonistas da II Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín, que está a celebrar este ano, meio século. Como se verá, tal escrito, tendo tido reconhecida influência nos protagonistas da mencionada conferência, apresenta traços de candente atualidade, 50 anos depois de elaborado, em circunstâncias de tempo bastante exíguo.

Nasceu de uma reunião – conta Eduardo Hoornaert – convocada por Dom Helder Camara, no primeiro semestre de 1968 (portanto, há 3 anos de sua chegada a Recife), da qual participaram seus assessores mais próximos dentre os quais Padre Marcelo Carvalheira, Padre José Comblin, o próprio Eduardo... Tratava-se, da parte de Dom Helder, de solicitar da equipe de assessores, subsídios, em vista da realização, em agosto daquele ano, da II Conferência Episcopal Latino-Americana, a realizar-se em Medellín, Colômbia, e da qual o próprio Dom Helder era uma figura de influência, entre outros Bispos participantes. A tarefa acabou assumida por Padre José Comblin, que levou tão a sério seu compromisso, que pouquíssimos dias depois, apresentou a Dom Helder e respectiva equipe de assessores. O escrito suscitou enorme interesse entre seus leitores, a ponto de se ter sugerido que fosse discutido com as turmas de estudantes seminaristas. Este texto acabou sendo vazado – não se sabe como exatamente – para gente da Direita (o Vereador Wandenkolk Wanderley) que o fez publicar integralmente em duas páginas do Diário de Pernambuco, em 12 de junho de 1968. Não é preciso dizer do efeito explosivo que causou naquela conjuntura de intensa mobilização contra a ditadura civil-militar, instalada havia quatro anos.

Nas linhas que seguem, buscamos, primeiro, registrar rápidos traços daquele contexto; em seguida, cuidamos de trazer a lume pontos-chave do referido escrito, e, por último sublinhar aspectos do texto que ainda hoje repercutem como de relevante atualidade.

BREVES TRAÇOS DO CENÁRIO SOCIOPOLÍTICO, QUANDO DA ELABORAÇÃO DO ESCRITO

O Brasil iniciara o “rumor de botas” (Eder Sader) a ouvir-se no Cone Sul, desde o Golpe empresarial-militar de 1964. A despeito da crescente repressão que se ia instalando, ainda se podia contar com forças de resistência, em especial nos espaços da chamada Igreja na Base. Vale a pena destacar, a este propósito, alguns episódios que se produziram, um pouco antes e um pouco depois (neste último caso, já sob a influência da Conferência de Medellín).

Mesmo em clima de crescente fechamento, ressoavam vozes e atitudes proféticas consideráveis. Pouco tempo após o Golpe, no Nordeste, por exemplo, atuavam grupos e segmentos eclesiais de brava resistência, a exemplo da JOC/ACO conseguira protestar, por meio de um texto memorável - “Nordeste: o homem proibido”, tempo em que Dom Helder já havia assumido, na Arquidiocese de Olinda e Recife, suas funções de Arcebispo, fazendo-se cercar de uma equipe de assessores (como já o fizera, no Rio, aliás) de reconhecida qualidade, dentre os quais o autor do escrito ora em apreciação, Pe. José Comblin. A ACR (Ação dos Cristãos no Meio Rural, sucedânea da JAC), o MER (Movimento de Evangelização Rural), também davam seus primeiros passos, no Nordeste, onde um segmento eclesial com rara sensibilidade profética, inclusive no âmbito do episcopado. Convém lembrar a atuação, à época, de figuras signatárias do Pacto das Catacumbas, dentre as quais um Dom Helder, um Dom Frágoso (em Crateús - CE, a partir de 1964), um Dom Francisco Austregésilo de Mesquita (Afogados da Ingazeira- PE), um Dom José Brandão (Propriá - SE), aos quais vale acrescentar ainda a presença de um Dom José Távora, arcebispo de Aracaju, (falecido em 1966) com grande protagonismo na organização do MEB (Movimento de

Educação de Base, mantido pela CNBB, seguindo uma inspiração freireana, e por isso mesmo sendo duramente perseguido, após o Golpe Civil-Militar), além dos signatários do profético Manifesto dos Bispos e Superiores Religiosos do Nordeste, intitulado, eu ouvi os clamores do meu povo³.

Eis alguns traços que compunham o cenário sócio-ecclesial, em que foi elaborado o texto do Pe. José Comblin. E em que consistia, em linhas gerais, este escrito?

PONTOS FORTES DO ESCRITO

O referido texto-subsídio começa lançando críticas às análises econômicas e sociológicas, então dominantes, por entendê-las pouco comprometidas com rigor científico, estimando-as inspiradas em meras deduções, sem a devida interpretação da realidade concreta latino-americana. Enquanto lia tais registros, eu ficava a imaginar quem seria o alvo da crítica: um Gilberto Freyre, por exemplo? Vale lembrar que este sociólogo não poupava esforços de tecer ácidas críticas contra D. Helder, na imprensa pernambucana.

Visando à realização da II Conferência Episcopal Latino-Americana, cuidavam os dirigentes eclesiais de influenciar, desde Roma, desde o Vaticano, a partir dos preparativos, os protagonistas do referido encontro, oferecendo esquemas e subsídios, ao seu modo. O escrito combliniano estende aos organismos eclesiais oficiais semelhantes críticas, principalmente considerando seu silêncio ou ignorância da realidade específica latino-americana, quanto aos verdadeiros desafios históricos, econômicos, políticos, sociais e

3 Sobre este documento, ver: <http://www.alterinfos.org/archives/DIAL-99.pdf>

culturais, enfrentados por seus povos originários, pelos africanos aqui escravizados, pelos camponeses, pelos operários, pelos jovens.

A essa altura do texto, Padre José Comblin aprofundava sua crítica à Igreja oficial – particularmente à Igreja do continente, à medida que não se detém apenas em sua má interpretação da realidade, mas também responsabilizando-a pelas suas posições práticas, em relação aos povos do continente, e em especial, ao povo dos pobres, cujos direitos e aspirações passavam ao largo de suas prioridades, acostumada que vivia a aliar-se com os setores privilegiados. Um exemplo de tal descompromisso para com seu público interno, ele denuncia o caso do sistema de “desobriga”, termo empregado para designar uma espécie de dispensa às massas populares católicas, de cumprirem os deveres e compromissos relativos ao comparecimento habitual aos ofícios litúrgicos convencionais, ao tempo em que a hierarquia latino-americana se contenta com reproduzir o que faz e o que pensa o catolicismo europeu bem como a aliar-se com os setores dominantes latino-americanos, que constituem as elites mais atrasadas, por se envergonharem e tomarem distância dos empobrecidos do continente (índio, negros, camponeses, analfabetos, etc.), bem como, a incapacidade organizativa da Igreja Latino Americana, no uso de seus recursos, gerando dispersão e desperdício; a excessiva dependência da Hierarquia Latino Americana das ideias e dos recursos financeiros europeus e suas conseqüências; doze pontos problemáticos da Igreja Latino Americana sem cuja resolução não irá adiante.

PONTOS DO TEXTO DE COMBLIN:

- É forte a tendência ao foquismo, que se tem mostrado, contudo, equivocada. Mesmo sem ignorar, em casos

extremos, o recurso à força, tende a apostar na via pacífica, como caminho para paz e o desenvolvimento.

- Reconhecer a dignidade das massas exploradas, superando a longa herança colonialista.
- Deixar tratamento classista (conluio com os setores dominantes).
- Reformar o tipo de administração eclesiástica: burocrática e dispendiosa.
- Reconhecer e respeitar os direitos trabalhistas de seus funcionários.
- Superar o assistencialismo.
- Ajudar as camadas populares a superar uma expressão demasiado devocionista de catolicismo
- Investir na formação dos leigos.
- Tendo a coragem de se desfazer de suas riquezas, a Igreja só estaria fazendo justiça, e aplicando a Doutrina Social da Igreja.
- Mudar a mentalidade para contribuir com o desenvolvimento, ela mesma deixando de ser subdesenvolvida.
- Crítica a inércia e a incapacidade das classes dirigentes latino-americanas, de protagonizar um projeto de desenvolvimento, com seu esforço, por várias razões: suas elites costumam ter um padrão de vida próximo das elites dos países centrais do Capitalismo; não aceitam qualquer sacrifício, ou desfazer de seus privilégios, mesmo diante da penúria da grande maioria; vivem a querer imitar o estilo da burguesia norte-americana; caberia ao Estado como indutor de desenvolvimento ter dirigentes fortes, para conceber e implementar políticas públicas do interesse das classes populares em situações especiais.

Como conclusão, o autor faz diversas indicações de pistas para a Igreja Latino-Americana, dentre as quais:

- Exercitar sua dimensão internacional, no sentido de contribuir para o desenvolvimento;
- Trabalhar a conscientização dos leigos, e estimular sua contribuição social;
- Criar institutos pastorais de desenvolvimento, com administração de leigos, em vez de seguir apostando na suposta eficácia de sua pesada estrutura administrativa (de Paróquias e Dioceses);
- Distribuir sua infraestrutura parasitária (terrenos, prédios, terras...), dando o testemunho e o exemplo evangélicos para a sociedade;
- Ajudar a formar convicções das possibilidades de mudança, principalmente junto às camadas populares, em geral bastante conformistas e tendentes a atribuir ao destino ou a Deus a sorte de sua penúria. É necessário criar condições para despertar a esperança dos pobres e sua busca de mudança, como expressão da vontade e do Projeto de Deus.

O QUE DIZER DO ESCRITO DO PE. COMBLIN, MEIO SÉCULO DEPOIS?

Por ocasião da elaboração deste texto, seu autor tinha 45 anos de idade. Já contava com um conhecimento considerável sobre a América Latina. Havia chegado ao Brasil, em 1958, inicialmente a Campinas-SP, onde priorizou o acompanhamento da JOC, além de assumir aulas em colégio religioso. Em 1962, fora convidado a assumir aulas na Universidade Católica, em Santiago, de onde, a convite de Dom Helder, retorna ao Brasil, em 1965, instalando-se, desta vez, em Recife, compondo a

Equipe de Assessores de Dom Helder, além de haver também exercido as funções de professor e diretor de estudos do Seminário Regional do Nordeste II, no Instituto de Teologia do Recife. Desde o início de sua fecunda formação acadêmica, em Lovaina, na Bélgica, aprendera e vinha aprimorando uma produção teológica de novo tipo, em comparação com os padrões convencionais então dominantes. Isto se traduzia no cuidado ininterrupto de tomar como suporte de sua reflexão estritamente teológica o contexto histórico-social, donde sua sólida base interdisciplinar, fazendo interlocução ora com a História, ora com a Sociologia, ora com a Economia, ora com a Política, etc. Traços, aliás, bem presentes na elaboração do texto ora em apreço. Sua formação acadêmica, reforçada pela paixão pela causa libertadora do povo dos pobres, sua postura de observador perspicaz dos sinais dos tempos, sua espiritualidade incarnada, inspirada nos valores do Reino de Deus e sua justiça – eis alguns fatores que ajudam a compreender sua genialidade como teólogo.

Resta, por conseguinte, impactante a atualidade do texto, pelo menos no que diz respeito aos seus principais aspectos. Com efeito seja no que toca à realidade macro-social latino-americana seja no que se prende às suas críticas em relação à alta hierarquia do continente, descontados certos aspectos conjunturais, os pontos aí levantados mostram-se em linha com o que se apresentavam, há cinquenta anos. No que toca especificamente às estruturas eclesiais, seu texto me fez lembrar o sentimento de alguns/algumas de nós, para quem resulta mais difícil mudar as estruturas eclesiais do que o modelo societal. Eis um grande desafio a ser enfrentado, sobretudo, pelos Leigos e Leigas, sem cuja participação as mudanças perseguidas não se cumprirão. Isto não quer dizer que, tanto no espectro societal, ao interno da Igreja Católica Romana (e de outras

Igrejas cristãs), não tenha havido algum avanço, mas, considerando o vigor profético da Conferência de Medellín, por exemplo, há muito chão pela frente, a ser percorrido.

João Pessoa, 26 de Março de 2018.

CAPÍTULO 6

JOSÉ COMBLIN: MEMÓRIA,
COMPROMISSO E REINVENÇÃO

Alder Júlio Ferreira Calado

Celebramos, hoje, a data natalícia de Pe. José Comblin (22/03/1923), que fez sua páscoa definitiva a 27/03/2011, apenas quatro dias após haver celebrado seu aniversário natalício. Também hoje, celebramos o Dia Mundial da Água, elemento vital do qual Pe. José também se destacou como exímio cuidador. Num contexto de tanto obscurantismo necrófilo, faz-nos bem trazermos à memória vivificante figuras como a de Pe. José Comblin. É o que nos propomos, a seguir, de modo breve.

Em seus bem vividos oitenta e oito anos, José Comblin nos brindou com sua incansável luta, em várias frentes, pela defesa e promoção da vida - dos humanos e do Planeta. Em função desta meta, dedicou-se completamente: em sua vocação, em seus estudos e pesquisas, em sua missão na América Latina.... Desde cedo, aparecem convincentes os sinais de sua vocação de servir à vida, sob múltiplos aspectos. A este respeito, também,

a Missionária Mônica Muggler, na bem elaborada biografia que compôs deste “Profeta da Liberdade” – “José Comblin, uma vida conduzida pelo Espírito” (São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2013) nos traz preciosos elementos a este respeito. Vale a pena *revisitar este livro! Nestas linhas, limitamo-nos a três frentes de contribuição a que se entregou José Comblin: a ação do Espírito Santo no mundo, a causa libertadora dos pobres e a formação continuada.

CONTRIBUIÇÃO À COMPREENSÃO DA AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO MUNDO

Na literatura teológica contemporânea, tem sido amplamente reconhecida a qualidade extraordinária da contribuição do teólogo José Comblin, um dos fundadores da Teologia da Libertação (participou do primeiro grupo de teólogos da Libertação, juntamente com Gustavo Gutiérrez, Juan Luiz Segundo, Hugo Assmann, Enrique Dussel e outros), no que toca especialmente a pesquisa pneumatológica. Dos seus mais de setenta livros e mais de quatrocentos artigos publicados, cerca de uma dezena é dedicada especificamente à ação do Espírito Santo no mundo, dentre os quais: *O Espírito no Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1978; *O Tempo da Ação: Ensaio sobre o Espírito e a História*. Petrópolis: Vozes, 1982; *A Força da Palavra*. São Paulo: Paulus, 1986; *O Espírito Santo e a Libertação*. São Paulo: Loyola, 1988; *Vocação para a Liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998; *Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002; *A Vida em Busca da Liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007; *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus*. São Paulo: Nhandutti Editora, 2013. Estas e outras obras focam, com efeito, a ação libertadora do Sopro Fontal, do Espírito Santo. Isto não quer dizer que tantas outras obras de sua lavra não enveredem por

semelhantes trilhas, como a que o nosso Grupo Kairós está a refletir – “O Caminho” (São Paulo:Paulus, 2008).

Na verdade, todo o percurso existencial de José Comblin se acha marcado por uma força ubíqua do Espírito Santo, como muito bem o retrata a mencionada biografia. O que dizer, em poucas linhas, sobre o cerne desta contribuição? Restringimo-nos a sublinhar o seguinte. Qual verdadeiro profeta da Liberdade, Comblin especialmente como teólogo, trata de denunciar os graves descaminhos de nossas Igrejas Cristãs, em relação ao cerne de nossa fé: o Evangelho, tal como anunciado, vivido e testemunhado por Jesus, em sua caminhada pelas aldeias da Palestina, acompanhado de seus discípulos e discípulas. Graves desvios que quase sempre têm sua raiz mais funda na avidez do poder, o que nos põe às antípodas da Boa Notícia de Jesus: “Entre vocês, não seja assim! Sucumbindo a esta tentação, o segmento clerical foi cada vez mais distanciando-se do espírito de fraternidade reinante nas primeiras comunidades cristãs. Durante séculos, as Igrejas, a começar da Igreja Católica Romana foram tomando distância da Tradição de Jesus, por meio de estratégias vulpinas, inclusive pela via teológica, helenizante a urdir uma sucessão de doutrinas estranhas aos ensinamentos do Ressuscitado, sucumbindo às alianças com o poder reis e imperadores. Confortante, ao mesmo tempo, é saber da resistência profética conduzida pelo Espírito Santo junto com o povo dos pobres, em diferentes momentos da história, a exemplo dos movimentos pauperísticos do Medievo, inclusive sob a inspiração de Francisco de Assis. Em vários de seus textos, Comblin rememora esses testemunhos proféticos, inclusive em *Vocação para a Liberdade*.

A realização do Concílio Vaticano II constituiu-se uma oportunidade preciosa de exame crítico deste modo de agir eclesiástico, pouco conforme à inspiração do Espírito Santo.

Um sinal desta atitude profética foi o chamamento do Papa João XXIII para um concílio, com propósito não de imposições dogmáticas, mas com intuições e propostas pastorais, pondo o Povo de Deus, e não a hierarquia, como centro do processo organizativo da Igreja. Intuições e propostas ainda mais aprofundadas, de modo inédito, quando da realização em Medellín, 1968, da II Conferência Episcopal Latino-Americana, marcada pelo chamamento ao protagonismo dos cristãos, especialmente dos católicos, em direção a uma Igreja dos Pobres, fazendo inclusive o que passou a ser conhecido como “Opção pelos pobres”. Sucede que, passados mais de cinquenta anos, ainda estamos longe desta meta. As incansáveis contribuições do atual Bispo de Roma, Francisco, ainda não têm sido suficientes para despertar o segmento clerical de sua pose principesca, denunciada na bela exortação apostólica do Papa Francisco, “Evangelii Gaudium”.

Nessa trincheira de resistência profética, animada por Francisco, vale a pena ressaltar as profundas confluências observáveis entre o Bispo de Roma e o legado de José Comblin. Trata-se de personalidades em constante diálogo (implícito).

EM DEFESA E PROMOÇÃO DA VIDA, A COMEÇAR DOS MAIS VULNERÁVEIS

Outra marca inapagável do legado de Comblin reside em sua dedicação incansável à defesa e promoção da vida, em sua plenitude, a começar por aqueles que vivem sob constante ameaça de negação de sua dignidade. Em um de seus tantos escritos – aqui me refiro ao intitulado *Um novo amanhecer para a Igreja?* (Paulus, 2001) – Comblin afirmava que os pobres não constituíam apenas uma questão a mais, dentre as importantes, para os cristãos, mas “a” questão central de nossa fé.

Lida/ouvida esta frase, sem a devida atenção, pode até soar aos ouvidos de cristãos por demais aferrados a uma rotina confessional, muito apegada a ritos e devoções doutrinárias, como se tratasse de algo chocante, uma espécie de reducionismo, cometido pelo teólogo Comblin. Ou seja: soa-lhes como algo novo, quando, na verdade, se trata do grande critério ensinado e praticado por Jesus, inclusive um critério definidor de nossa verdadeira adesão à Sua Mensagem, como se acha tão explícita, por ex., no cap. 25 de Mateus: “Eu tive fome...”, “Eu tive sede...”, “Eu estava esfarrapado...”, “Eu estava enfermo...”, “Eu estava preso...”. Em outras palavras, como é comum entre os verdadeiros profetas e profetisas do Reino de Deus e do Movimento de Jesus, cabe-lhes sacudir nossas consciências adormecidas pelo excesso de acessórios que acumulamos, no dia-a-dia de nossas relações eclesiais, de modo a escantearmos o essencial de nossa vocação e de nossa missão: a fidelidade ao Evangelho.

De fato, ao acompanharmos os passos de Comblin, percebemos como não se limitou a pregar o Evangelho, mas a testemunhá-lo, das mais variadas formas. Quem o conheceu, pode bem testemunhar sua fidelidade profética à causa do povo dos pobres. Ao conversarmos sobre ele com pessoas mais simples de nossa gente, são unânimes em destacar, de pronto, algum de seus feitos: sua capacidade de escuta, seu empenho em aprender com os mais simples, sua disposição sincera em insistir junto às pessoas mais simples, de pouca ou nenhuma letra, em que cada uma delas, ao ler a Palavra de Deus, buscasse escutar o que lhe falava a Palavra ao seu coração, à sua mente, especialmente em contexto de círculos bíblicos, sempre partindo de sua realidade concreta e dos demais participantes. Atenho-me, de passagem, a um dentre centenas de casos. Trago o caso de Nilza, uma das Missionárias do Meio Popular, atuando em Alagoa Grande.

Com que entusiasmo e admiração Nilza nos conta da solidariedade de Pe. José à sua condição de missionária acampada, em rancho de lona preta. Em solidariedade a toda aquela gente do mesmo Acampamento, lá ia Pe. José, a levar uma palavra de incentivo. Mais do que isto: quanto Nilza nos conta dever a Pe. José, pela ajuda em construir sua casinha digna, indo visitá-la e às demais pessoas daquele Assentamento. Nilza segue atuando, ao lado de outras missionárias, tais como Maria da Soledade, Fátima e outras, ajudando na coordenação da Escola Missionária de Mogeiro, uma das mais fecundas experiências formativas do legado Combliniano, da qual nos ocuparemos em seguida, não sem antes sublinhar o lugar especial que o povo dos pobres assume, ao lono da vida missionária de José Comblin, conforme nos atestam também pessoas amigas, como Eduardo Hoornaert e outras que o acompanharam mais de perto. É conhecida sua dedicação aos trabalhos realizados, durante a já perseguida Conferência de Puebla (1979) oportunidade que atuou como assessor de alguns bispos profetas, tendo que enfrentar perseguição por parte de autoridades, tais como o Cardeal Trugillo. Ainda assim, vale a pena relembrar a fidelidade aos pobres ilustrada, por exemplo, entre os números 31 a 39 do documento de Puebla, traçando um perfil fidedigno do rosto dos pobres da América Latina.

TRAÇOS DA INVENTIVIDADE DA PEDAGOGIA COMBLINIANA

Uma terceira trincheira da contribuição de José Comblin, tem a ver com sua condição de Educador, alguém profundamente comprometido com o processo formativo das comunidades, das pastorais sociais e, sobretudo, das organizações missionárias populares. Também, nesta trincheira, pode-se observar a linha

de continuidade de sua teologia pneumatológica. Aqui, a criatividade ocupa lugar privilegiado. As experiências formativas que animou, longe de reproduzirem o que ensinam as escolas oficiais ou a Catequese tradicional, constituem iniciativas que estão sempre a convidar seus participantes, para exercitarem o dom da criatividade. Vale a pena destacar, ainda que de passagem, algumas marcas desse processo formativo. Em primeiro lugar, sempre se trata de iniciativas que brotam do chão da realidade do povo dos pobres. Não se trata de propor, de forma professoral, determinadas condutas, de cima para baixo, nem de fora para dentro, mas de construir-se, a partir do protagonismo de educadores e educandos, em sua dinâmica convivências uma proposta formativa, acompanhada de marcas tais como:

- A continuidade como traço inafastável: quem chega a participar de uma experiência formativa, é chamado a assumir o compromisso de continuar formando-se ao longo da vida, seja no convívio comunitário, seja nos desafios pessoais;
- Uma formação permanentemente atenta e vigilante aos sinais dos tempos, isto é, ao que o Espírito Santo tem a inspirar, em relação aos verdadeiros desafios e urgências do Planeta, dos humanos e de toda a comunidade dos viventes;
- Uma formação cujos conteúdos e métodos se acham profundamente articulados, em função dos compromissos libertários do povo dos pobres e, em âmbito também local, conforme as urgências sentidas pelas comunidades do entorno;
- Um processo formativo que se dá no horizonte de uma educação integral, isto é, do ser humano como um todo e todos os seres humanos;

- Na ousadia de superação incessante de toda dicotomia, inclusive no combate da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual: todos fazem de um tudo;
- Um processo formativo no qual todos se assumem como aprendentes uns dos outros, sem qualquer tom professoral, mas no exercício do diálogo entre todos;
- No cultivo de uma memória histórica coletiva (dos movimentos sociais populares e de nossos povos tradicionais- e também alimentado pelo estudo de biografias de figuras de referência, cuja memória também alimenta a mística revolucionária;
- O cotidiano exercício de uma espiritualidade incarnada não apenas se renova pela revisitação da memória histórica dos oprimidos, como também alimenta o constante reavivamento do horizonte a perseguir – o da Tradição de Jesus, sem o que empalidecem e perdem força as atividades do dia-a-dia, correndo o risco de perda de rumo: em outras palavras: alimentar-se da Esperança do Movimento de Jesus, como condição de perseverança no Caminho;
- Um processo formativo atento e observante da interconexão orgânica entre passado-presente-futuro, de modo a revestir as ações do dia-a-dia de uma linha de continuidade, de modo a costurar os tempos da Graça;
- Uma formação que cultiva, dia após dia, desde o chão das relações comunitárias e pessoais, a criticidade e a autocríticidade, seja do ponto de vista coletivo, seja do ponto de vista de cada pessoa, donde decorrem responsabilidades e tarefas pessoais e coletivas, a serem cumpridas, não por cobranças externas, mas pelo exercício de uma autodisciplina que formandos e

formadores vão aprendendo a introjetar e a testemunhar, com leveza e alegria.

Como se percebe, múltiplo e denso é o legado de Comblin, sobre o qual se tem debruçado um conjunto cada vez mais vasto de pesquisadores e pesquisadoras, além de tantos amigos e amigas do Padre José, a exemplo daqueles e daquelas, como a Irmã Agostinha Vieira de Melo, que fizeram questão de registrar seu testemunho, por ocasião da celebração dos seus oitenta anos, sob a forma de livro, “A esperança dos pobres vive”.

João Pessoa, 12 de abril de 2019

CAPÍTULO 7

JOSÉ COMBLIN: MISSÃO E
FORMAÇÃO NO NORDESTE

Alder Júlio Ferreira Calado

Na oportunidade em que fazemos memória de José Comblin, este “profeta da Liberdade”, como o costumam chamar figuras como Marcelo Barros, Sebastião Armando Gameleira Soares, Mônica Muggler, entre outras, permitimo-nos prestar homenagem a algumas personalidades-chave nos estudos, nas pesquisas e em momentos luminosos do cotidiano de José Comblin, bem como das experiências missionárias nele inspiradas, em especial no Nordeste brasileiro. Nas pessoas de Eduardo Hoornaert⁴, Mônica Muggler e João Batista Magalhães, homenageamos diversas outras.

4 Um tributo especial a Eduardo Hoornaert pela estreita proximidade e pelo acompanhamento que vem exercitando com José Comblin, pelo menos desde 1958. À missionária Mônica Muggler, graças ao sistemático acompanhamento, desde meados dos anos 1980, a João Batista devemos o testemunho de quem segue José Comblin, desde os inícios da Teologia da Enxada. Também homenageamos: Raimundo Nonato “In Memoriam”, Ir. Maria Emília “In

Trata-se, de um lado, de igualmente destacarmos aspectos de sua postura, de seu testemunho pessoal, vivenciado em meio dos pobres do Nordeste, o que se obtém por pesquisas mais diretamente voltadas a recolher testemunhos de numerosas pessoas anônimas e de referência que o acompanharam mais de perto – parte do que se faz presente na densa biografia escrita pela missionária Mônica Muggler, no livro intitulado “José Comblin, uma vida guiada pelo espírito” –, bem como, não menos importante, destacar sua enorme contribuição de pensador, de escritor. Este último traço constitui uma dimensão de enorme importância na trajetória missionária e pedagógica do Pe. José Comblin. Com efeito, durante seu tempo de missão e formação no Nordeste, sobretudo seu tempo de ação missionária e pedagógica na Paraíba, entre 1981 a 2008/2009, sua contribuição especificamente de produção teológica corresponde a culminância de sua produção, de sua contribuição mais aprimorada sobre a tradição de Jesus, campo em que recolhemos o melhor de sua produção bibliográfica, bem como o melhor que se pode ler no campo pneumatológico, de contribuição à Teologia da Libertação.

Uma das contribuições emblemáticas, ainda que pouco lembrada, tem a ver com sua ativa participação entre os membros de um primeiro grupo fundador da Teologia da Libertação. Com efeito, desde meados dos anos 1960, seja a partir do Brasil, do Chile, do México, formou-se um grupo que se reunia periodicamente para tratar especificamente do processo de libertação na América Latina, principalmente do ponto de vista

Memoriam”, Ir. Agostinha Vieira “In Memoriam”, Marcelo Barros, Ivone Gebara, Luís Barros, Pastor Luciano Batista de Sousa, Pastor Paulo Cesar, Joselita Tessarotto, Dom Fragoso “In Memoriam”, Frei Hugo Fragoso “In Memoriam”, Humberto Plummen “In Memoriam” e tantas outros(as).

teológico, com bastante abertura interdisciplinar, recorrendo inclusive às ciências sociais. Deste grupo composto por cerca de uma dezena de teólogos, dentre os quais, Juan Luis Segundo (Uruguai), Gustavo Gutierrez (Perú), José Comblin, Ivan Ilich (México), Franz Hinkelammert (Honduras), Ignácio Ellacuría (San Salvador), Frei Gilberto Gorgulho (Brasil), Segundo Galilea (Chile), Henrique Claudio de Lima Vaz (Brasil), dentre outros, aos quais logo se associariam outros e outras, cada qual a partir do seu campo temático, tais como James Cone (EUA), Jon Sobrino (El Salvador), Frei Carlos Mesters (Brasil), Ana Flora Anderson (Brasil), Otto Maduro (Venezuela), Paulo Suess (Brasil), Lúcia Gera (Argentina), Juan Carlos Scannone (Argentina), François Houtard (Equador), Luiz Alberto Gomez de Souza (Brasil), Ronaldo Muñoz (Chile), Enrique Dussel (Argentina/México), Hugo Assman (Brasil), Eduardo Hoornaert (Brasil), José Oscar Beozzo (Brasil), Paulo Freire (Brasil), Leonardo Boff (Brasil), Clodovis Boff (Brasil), Libânio Christo (Brasil), Hugo Echegeraray (Perú), Frei Betto (Brasil), Pablo Richard (Chile/Costa Rica), Manfredo Oliveira (Brasil), Elsa Tamez (Costa Rica), Ivone Gebara (Brasil), Maria Clara Bingemer (Brasil), Victor Codina (Bolívia), Benedito Ferraro (Brasil), Jung Mo Sung (Brasil), Marcelo Barros (Brasil), Reginaldo Veloso (Brasil), Agenor Brighenti (Brasil), Luis Carlos Susin (Brasil), Sebastião Armando Gameleira Soares (Brasil), Agostinha Vieira de Melo (Brasil), Luís Carlos Araújo (Brasil), Francisco Aquino Júnior (Brasil), entre outros/as.

Comblin era um dos mais assíduos participantes do primeiro grupo em distintas reuniões e encontros realizados, em diferentes países da América Latina. Trata-se, portanto, de um grupo propriamente fundador da Teologia da Libertação, que teve prosseguimento com a contribuição efetiva de teólogos e teólogas de gerações seguintes, já mencionados/as.

No caso específico do Padre José Comblin, tratava-se de uma das figuras mais assíduas a participarem dos vários encontros realizados, em distintos países da América Latina, inclusive em Cuernavaca, México, na companhia de Ivan Ilich e tantos outros. A contribuição de Comblin não se dava apenas em sua reconhecida contribuição presencial, mas igualmente na ininterrupta produção de livros e artigos propostos, por ocasião destes encontros. Em um deles, foi acolhida a proposta de publicação de textos específicos sobre temas bíblicos variados, na perspectivas da Teologia da Libertação. Um dos temas preferidos do Padre Comblin, porque fortemente ligado à sua formação teológica, dizia respeito aos Evangelhos. Outros se apresentaram para aprofundarem este tema. Tímido como era, embora tivesse muita vontade de assumir o aprofundamento, sob a perspectiva da Teologia da Libertação, de um dos Evangelhos, outros se apresentaram antes dele, de sorte que se contentou com assumir outro tema de sua preferência, algumas cartas paulinas, dentre tantas cartas que estavam sob sua mira de exegeta.

De outra feita, aí já em inícios dos anos 1980 foi acordada a produção de algumas dezenas de textos de aprofundamento sobre um vasto temário assumido pela Teologia da Libertação. Esta iniciativa foi cunhada de “Teologia e Libertação”, proposta assumida pela Editora Loyola. Importa destacar que esta coleção começou a circular com a explícita aprovação de mais de uma centena de bispos latino-americanos, cuja lista chegou a constar nos primeiros volumes desta coleção, cujo total foi pensado para pouco mais de 50 livros, dos quais saíram pouco mais de 3 dezenas, dada a perseguição movida por Roma, e apoiada pela retirada de muitos dos bispos signatários daquela proposta. Nesta vasta coleção, o Padre José Comblin contribuiu com duas publicações: “Antropologia cristã”, “O Espírito

Santo no mundo”. Reconhecidamente, Comblin se destacava como um dos primeiros a apresentar, no tempo mais breve possível, o resultado de suas pesquisas. Enquanto isto, não poucos retardavam a entrega de seus trabalhos, o que provocava certa impaciência no teólogo José Comblin.

Retornando às contribuições específicas de José Comblin, em sua experiência missionária no Nordeste, especialmente, desde a Paraíba, de fato, foi durante este período que ele logra oferecer o melhor de suas contribuições pneumatológicas, passando a realizar um projeto que já havia assinalado em um de seus livros, “O Espírito Santo no mundo” publicado pela Vozes em 1979. Neste pequeno livro, José Comblin antecipa cinco palavras-chave que assinalam a forma própria da ação do Espírito Santo no mundo, projeto que ele realizaria em seu tempo de ação missionária e pedagógica, no Nordeste, e especialmente durante seu tempo de vivência na Paraíba. Isto não significa que, quando viveu em Recife, durante sete anos, ou na Paraíba, durante vinte oito anos, ou quando viveu em Barra - BA, durante dois ou três anos - cerca de quarenta anos no Nordeste -, ele tenha aberto mão de viajar com frequência para trabalhos missionários, seja em Louvain, seja em Riobamba, seja na América Central, seja em outras regiões do Brasil etc. Pe. José Comblin, como poucos, conseguiu responder generosamente a múltiplos convites, fora do Nordeste, o que não o impedia de trazer sua contribuição específica desde a Paraíba, desde o Nordeste.

É assim que, já em 1982, consegue trazer a lume seu denso ensaio pneumatológico, de mais de 400 páginas, intitulado “Tempo da ação”, publicado pela editora Vozes, em 1982. Quatro anos depois, precisamente em 1986, aparece outro alentado livro seu, intitulado “A força da palavra”, de cerca de 400 páginas, também editado pela Vozes. Estes livros foram

cada qual requerendo semanas e semanas de reflexão, estudados minuciosamente pelo grupo Kairós, que passou a reunir-se semanalmente, inclusive nos dias atuais, quando o grupo está refletindo a cada quinta-feira o livro que o grupo estima como o seu testamento, livro póstumo, intitulado “O Espírito Santo e a tradição de Jesus”, publicado em 2012. Voltando à sequência de sua contribuição pneumatológica à Teologia da Libertação, surgiu em 1998, seu terceiro livro correspondente àquelas palavras-chave antecipadas em seu livro de 1978. Desta vez, José Comblin se debruçava sobre a liberdade, por meio de seu livro “Vocação para a Liberdade” editado por Paulus, 1998.

Em 2002, um ano antes de completar seus 80 anos, e de vivenciar aquele momento de celebração especial de seus 80 anos, experiência bem expressa no livro “A esperança dos pobres vive”, eis que José Comblin enfrenta outra palavra-chave, “Povo de Deus”, editado também pela Paulus, em 2002, trazendo reflexões sempre percucientes acerca do povo de Deus, expressão secularmente ausente na Teologia Cristã dominante, especialmente a Católica, e recuperada pelo Concílio Vaticano II, não obstante suas limitações bem exemplificadas no mesmo livro. A quinta expressão-chave que o Pe. José desenvolve é expressa no livro “A vida com liberdade”, em que se busca caracterizar o sentido da vida cristã inspirada no Espírito Santo.

Entre 1983 e 1986, voltando-se diretamente às experiências de formação missionária, no Nordeste, Comblin escreveu quatro livros correspondentes ao seu breve curso de teologia, a título de textos formativos de grande alcance teológico pedagógico, denominados “Jesus Cristo e sua missão” (1983), “O espírito Santo e sua missão” (1984), “A Igreja e sua missão (1985) e “A sabedoria cristã” (1986). Importa também destacar outros tão importantes, tais como “O caminho”, “A verdade”, “A Ideologia da Segurança Nacional o Poder Militar na América

Latina” (1978), “Um novo amanhecer da Igreja” (2002). “A profecia na Igreja”, em que ele faz questão de dedicar um capítulo inteiro a 10 figuras de Bispos-Profetas latino-americanos, que ele considera Santos Padres da Igreja da América Latina.

Como se percebe, o legado de José Comblin tem um caráter compósito, isto é, só pode ser melhor compreendido quando apreciado em distintas dimensões, de modo a integrar ao mesmo tempo, sua contribuição de escritor fecundo, seu estilo de vida pessoal, sua atuação pedagógica no meio dos pobres, bem como os frutos recolhidos das e nas diversas experiências missionárias inspiradas em sua pedagogia missionária. Em vão, se procura entender bem José Comblin, apenas por uma única destas dimensões.

Dos bem vividos 53 anos de José Comblin em território latino americano, 40 anos ele trabalhou como educador missionário no Nordeste, enquanto 28 na Paraíba. Portanto, mais da metade (em torno de 75%) de seu trabalho missionário na América Latina ele viveu no Nordeste (55% na Paraíba). Após ter passado de 1958 à 1962 em Campinas-SP, onde, a convite do Bispo Diocesano, trabalhou como professor do seminário e de um colégio religioso, como professor de ciências, e ainda tendo a experiência de trabalho como assistente da JOC em Campinas, também em São Paulo, na faculdade de teologia dos Dominicanos, ocasião em que Frei Betto o conheceu, ele segue para Santiago, a convite do reitor da Universidade Católica daquela capital, para atuar como professor de teologia, justamente no período em que se realizava o Concílio Vaticano II (1962-1965).

Foi justamente em 1965, a convite de Dom Helder Câmara, que Comblin chega ao Nordeste brasileiro, mais precisamente em Recife, para atuar como professor e diretor de estudos do Instituto de Teologia de Recife (ITR), cargo em que atuou

de 1965 até 1972, quando é expulso do Brasil pela ditadura militar então imperante. Em seu exílio, Comblin retorna ao Chile, desta vez para a Diocese de Talca, acolhido que fora pelo amigo de Dom Helder, Dom Manoel la Rain e por Dom Carlos Gonzales. No Chile permanece até 1980, quando é expulso pela ditadura militar capitaneada por Pinochet. Entre outros motivos, pode estar aí presente a publicação do seu livro: “A Ideologia da Segurança Nacional o Poder Militar na América Latina” (1978), uns dos clássicos, nas Ciências Sociais NA AMERICA LATINA, SOBRE O TEMA.

De 1981 a 2008/2009, José Comblin vive na Paraíba (no Seminário Rural, no avarzeado município de Pilões), em 1981 e em 1982. Com o fechamento daquela experiência de formação de jovens vocacionados ao sacerdócio, a serviço dos trabalhadores rurais, com os quais estavam comprometidos, proposta não acolhida por Roma, uma vez fechado aquele seminário rural, a experiência se abre, agora já em Serra Redonda, para a formação de missionário e missionárias leigos. Experiência que tem início uma vez acolhida por Dom José Maria Pires, então Arcebispo da Paraíba, a formação de jovens do meio rural, seja em sua versão masculina - em Serra Redonda-, seja em sua versão feminina, em Mogeiro. Uma experiência que depois se desdobraria em várias outras - uma dezena - de acordo com a vocação manifesta por jovens em formação. Daí resultam experiências fecundas, tais como a da criação da associação dos missionários e missionárias do campo, em meados da década de 1990, bem como a Fraternidade do Discípulo Amado, iniciado ainda em Serra Redonda e tendo continuidade no sítio Catita Colônia Leopoldina - AL, experiência protagonizada por jovens com vocação contemplativa.

Além destas, cumpre mencionar a experiência formativa protagonizada pelos membros da associação Árvore, sediada no

município de Bayeux, no sítio São José, onde Comblin passou a residir desde aproximadamente 1994-1995. Antes disto, já havia nascido a experiência de jovens missionários vocacionados a peregrinação, tanto em estilo individual (é o caso de jovens como Antônio José, Valdo e outros), seja em sua versão coletiva, iniciada sob a coordenação do jovem Artur Peregrino, do movimento dos peregrinos e peregrinas do Nordeste, em 1986. Vale ainda mencionar as afinidades profundas, igualmente inspiradas pela pedagogia Combliniana, da Associação dos Missionários e Missionárias do Nordeste (AMINE), animada por leigos e leigas e por alguns presbíteros, a exemplo de Frei Roberto Eufrásio de Oliveira, exímio discípulo de José Comblin. Também importa acentuar o nascimento de umas experiências mais frutuosas, inspiradas especialmente na pedagogia combliniana: trata-se da criação, em Juazeiro-BA da primeira escola de formação missionária, que é seguida por outras espalhadas pelo Nordeste, mais precisamente, a escola missionária de Santa Fé (depois transferida para Mogeiro), a Escola de Formação Missionária de Floresta - PE, a Escola de Formação Missionárias de Esperantina -PI, a Escola de Formação Missionária de Barra-BA, a Escola de Formação Missionária de São Félix do Araguaia - MT.

Ainda não é tudo. Outras experiências inspiradas na pedagogia combliniana também tem início, tais como a do grupo Kairós Nós Também Somos Igreja, experiência iniciada em 1998, na residência do Pe. José Comblin, com reuniões inicialmente mensais, realizadas na companhia deste teólogo, bem como mais recentemente a formação do Grupo José Comblin, com atuação mais forte nas redondezas de Café do Vento, município de Sobrado - PB, tendo no Pe. Hermínio Canova uma das referências mais atuantes.

Nestas experiências, José Comblin esteve diuturnamente envolvido, durante este período, ministrando aulas,

assessorando formadores e formadoras, atuando como um grande conselheiro, doando-se a causa missionária do segmento de Jesus. Aqui, convém fazer referência a um momento muito especial que foi a celebração comunitária dos seus 80 anos, comemorada por algumas centenas de pessoas vindas de várias partes da América Latina, do Brasil, especialmente do Nordeste, mas também do Canadá, dos EUA, da Europa. Este episódio tem um registro muito especial, com a publicação do livro “A esperança dos pobres vive”, no qual se encontram dezenas de testemunhos e de reflexões compartilhadas por missionários e missionárias por toda a América Latina, terra de missão especial escolhida por José Comblin.

Seus trabalhos prosseguiram vivamente, para além dos seus 80 anos. Em um dos episódios marcantes deste período seu no Nordeste é o que envolveu fortemente a figura de um franciscano, Bispo da Diocese de Barra-BA, Dom Frei Luis Cappio. Em resposta ao projeto governamental de transposição das águas do Rio São Francisco para Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, Dom Cappio, juntamente com o apoio, a adesão e a participação de diversos grupos e movimentos eclesiais e da sociedade civil, houve por bem manifestar forte resistência, por duas vezes. Em 2007, quando estavam sendo realizados os trabalhos do projeto de transposição para a região de Cabrobó, Dom Capio, respondeu com um jejum -outros o chamaram de greve de fome- por 11 dias. Entre estas numerosas pessoas que vieram em apoio e solidariedade ao testemunho profético de Dom Luis Capio, estava Padre José Comblin. 2 anos depois não surtindo efeito sua atitude profética perante a disposição governamental de prosseguir o projeto de transposição, Dom Luis Cappio volta a oferecer-se como testemunho profético de resistência pela salvação do rio e dos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, agricultores que viviam do rio.

Desta vez Dom Luis Cappio passa 22 dias em jejum, às margens do São Francisco, em Sobradinho, na Bahia, contando mais uma vez com o testemunho solidário de diversos grupos pastorais, de movimentos populares, de pessoas de referência, a exemplo, mais uma vez do Pe. José Comblin. Tanto o teólogo quanto o Bispo passaram a ter um relacionamento denso, fraterno, de compromisso com a causa dos pobres. Aqueles e aquelas que lá estiveram, ao lado da Igreja em que o Bispo se hospedou, durante o período de longo jejum, podiam ver a certa distância, Dom Cappio e José Comblin, sob a sombra generosa de uma árvore, a conversarem, a trocarem ideias. Foi por esta ocasião que Dom Cappio solicita a José Comblin, já à altura dos seus 85 anos, convidando-o para ir morar em sua Diocese, na Barra. Convite que é aceito e que faz Comblin, naquela idade, deixar a Paraíba e ir morar em Barra, na Bahia. Foi aí que ele viveu, sempre trabalhando, em companhia também de Dom Cappio, da Missionária Mônica Muggler e de tantos outros e outras missionários iria passar seus últimos anos, tendo sido chamado à casa do Pai, em sua grande viagem definitiva, em 27 de março de 2011, quando se encontrava perto de Salvador para um compromisso missionário.

Importa lembrar como sua Páscoa mexeu profundamente com centenas e milhares de pessoas, de grupos, de associações, de movimentos eclesiais e populares espalhados na América Latina e para além de nosso continente, disto é prova o número grandioso de mensagens enviadas, em memória do Pe. José Comblin⁵.

Ainda acerca destas numerosas mensagens de pesar ou antes, de saudades, e sobretudo de agradecimento pela frutuosa

5 Ver: (cf. <https://revistaconsciencia.com/a-pascoa-do-pe-jose-comblin-22-03-1923-27-03-2011/>).

vida do Pe. José, cumpre lembrar uma amostra destas mensagens enviadas em meu e-mail e que recolhi e compartilhei. Cada uma destas experiências inspiradas na pedagogia do Pe. José Comblin e por ele animadas, com assiduidade, com perseverança e com entusiasmo missionário, seria preciso fazer importantes considerações, pontuando seus traços característicos, sua missão específica, seus protagonistas, sua metodologia de ação, entre outros pontos, o que exigiria um outro espaço de registro e de análise. Mas, importa destacar, com bastante ênfase, que uma compreensão mais próxima do caráter missionário e pedagógico testemunhado por José Comblin, exige de nós irmos além destas experiências, buscando implementá-las com dois outros aspectos de sua trajetória existencial como missionário e como pedagogo.

José Comblin tem, como poucos, um profundo legado que dificilmente se pode compreender sem buscar decifrá-lo, em sua integridade, isto é, sem que o entendamos como portador de um legado com o compósito, ou seja, não há como compreender melhor este teólogo, este missionário e profeta da liberdade (como costumam chamá-lo figuras como a de Marcelo Barros, Mônica Muggler, Sebastião Armando Gameleira e outros), para além dos seus escritos, por mais importantes e fundamentais que estes também o sejam.

Uma melhor compreensão do seu legado deve ser buscada para além dos seus livros e artigos (cerca de 70 livros e mais de 400 artigos). Este cuidado torna-se tanto mais relevante quando se percebe, ainda que de forma sutil, alguma tentativa de domesticá-lo. Risco também presente em outras figuras de referência. Na tentativa de se apresentar o perfil destas personalidades dotadas de reconhecido potencial revolucionário (a exemplo do que aconteceu/acontece a Francisco de Assis e outras), cuida-se de superestimar sua dimensão de intelectual,

em detrimento em outras dimensões não menos relevantes de seu perfil, todas a serem entendidas em suas interconexões. Apenas para um exemplo ilustrativo: por mais relevantes e profundos que sejam – e os são! – seus escritos, este caminho perderia força, se não o conectamos ao seu testemunho de vida pessoal (manifesto não apenas em sua biografia, tal como a escrita por Mônica Muggler, e os exemplos de vida de Comblin relatados por numerosas pessoas simples e anônimas que o conheceram), bem como pelo olhar atento e avaliativo e prospectivo em tantas experiências comunitárias por ele semeadas ou nele inspiradas. Neste sentido, resulta relevante a pesquisa sobre ele, que vem sendo conduzida por Elenilson Delmiro dos Santos, atendo-se especialmente aos relatos de pessoas simples que o conheceram ou com ele conviveram.

Esta constitui por certo uma dimensão fundamental do seu legado, mas ainda assim insuficiente para dar conta, de modo menos incompleto, da inteireza do seu legado. Para tanto, urge complementar a compreensão do seu legado escrito com pelo menos outras duas dimensões: a de analisar com cuidado e atenção, o testemunho pessoal que Comblin apresenta, ao longo de sua vida, desde o ambiente familiar, passando pela sua ligação religiosa de criança junto com seu irmão André e os demais irmãos, acompanhados de perto pela sua mãe, D. Alice e pelo seu pai Firmo. Passa pela experiência de estudos na escola fundamental e no ensino médio. Passa também pela sua entrada no seminário, aos 17 anos. Passa pela sua entrega aos estudos durante dez anos, desde a graduação à sua pós-graduação (doutorado), aqui destacando grande influência que teve do seu Orientador de tese Lucien Cerfaux, bem como de professores tais como Gustave Thils (Cf.sua categoria de “Realidades terrestres”) e Roger Aubert. Passa pela sua experiência de formador junto aos jovens componentes daquela experiência, passa

pela sua experiência de vigário. Passa, não menos, pela sua decisão de ser um missionário no terceiro mundo, especialmente, na América Latina, aonde chegou com 35 anos. Passa pela sua experiência de vida inicialmente em Campinas. Passa pela sua primeira experiência no Chile, entre 1962 a 1965, período em que se realizava o Concílio Vaticano II. Passa pela sua chegada, a convite de Dom Helder, a Recife, em 1965, para ser um dos principais assessores de Dom Helder, com quem contribuiu de maneira profícua, em vários momentos, principalmente, oferecendo-lhe a pedido do próprio Dom Helder, preciosos subsídios, inclusive para a realização da Conferência Episcopal Latino-Americana em Medellín, realizada na Colômbia, em 1968. Passa pela sua fecunda contribuição como diretor de estudos do Instituto de Teologia de Recife (ITER). Passa pela sua experiência docente no Seminário Regional Nordeste II e no próprio ITER. Passa pela sua contribuição, acatando múltiplos convites para palestras, assessoria, artigos sobre vários temas. Passa pelo seu envolvimento profético a serviço da causa dos pobres, que lhe rendeu a expulsão do Brasil, pela ditadura militar, em 1972. Passa pelo retorno ao Chile, onde passaria seu exílio fecundo, desta vez, em Talca, a convite de Dom Manuel Larraín e de Dom Carlos González. Passa pelo seu empenho em dar sequência ao trabalho da Teologia da Enxada que havia inspirado, junto com o protagonismo de jovens seminaristas, em 1969, tanto em Tacaimbó- PE quanto em Salgado de São Félix – PB.

O trabalho realizado em Talca busca dar sequência, dentro da inspiração da Teologia da Enxada, a este trabalho, que o leva a, juntamente com uma preciosa equipe da qual faziam parte seu grande amigo Enrique Correa, sacerdote, e o Diácono Agustín Dial, buscando implantar o seminário campesino, que respondeu à necessidade de formação de padres a

serviço dos camponeses. Passa pelo seu retorno ao Brasil depois de sua expulsão do Chile, pela ditadura de Pinochet, vindo residir definitivamente no Brasil, desta vez na Paraíba e, em seus dois, três últimos anos, em Barra – BA.

Outra dimensão a ser tomada em conta, de modo complementar, às demais, diz respeito ao conjunto de experiências missionárias protagonizadas por leigos e leigas e sob sua inspiração pedagógica e teológica. Trata-se de mais de uma dezena de experiências missionárias vivenciadas na Paraíba e em Barra, tais como a criação do Seminário Rural (dando continuidade à experiência do Seminário Campesino, em Talca, que por sua vez corresponde a um sequenciamento do Espírito da Teologia da Enxada), O Centro de Formação Missionária (em sua versão masculina, em Serra Redonda – PB) e em sua versão feminina, vivenciada em Mogeiro), à associação dos missionários e missionárias do campo, à associação dos missionários e missionárias do Nordeste (AMINE), à fraternidade do discípulo amado, o curso da Associação Árvore, às escolas de formação missionária (em Juazeiro – BA, desde 1989, a de Santa Fé – PB, depois transferida para Mogeiro e recentemente de volta a Santa Fé, a de Floresta – PE, a de Esperantina – PI, a de Barra – BA, a de São Félix do Araguaia – MT), a experiência de peregrinação, seja em sua expressão individual (Antônio José, Valdo) seja em sua dimensão coletiva, a partir da criação sob a coordenação de Arthur Peregrino, do movimento de peregrinos e peregrinas do Nordeste, desde 1986, o grupo Kairós – Nós também somos Igreja, criado desde a residência do Padre José Comblin, em 1998, quando do lançamento do livro *Vocação para a Liberdade*, grupo que até hoje segue estudando as obras de Comblin e de outros teólogos e teólogas contemporâneos, o grupo José Comblin, em torno das comunidades de Café do Vento, município de Sobrado – PB, com a

coordenação fecunda do padre Hermínio Canova. Estas experiências constituem sinais visíveis da semente ou das sementes lançadas por este profeta da liberdade.

Quanto ao chamamento que o Espírito pode estar suscitando entre aqueles e aquelas que se dispõem a prezar este legado abençoado de José Comblin, valha-nos de exemplo a imagem utilizada por Dom Flávio Cappio, bispo de Barra – BA, por ocasião de um retiro por ele pregado, com a presença e participação do padre José, em Mogeiro – PB, poucos dias antes de sua grande viagem. Naquela oportunidade, Dom Frei Luiz Cappio fazia menção de uma imagem pedagógica bastante rica: a de que a discípula, o discípulo de Jesus de Nazaré não devia ficar limitado a contemplar, sob tantos aspectos e detalhes, o dedo do Nazareno, mas buscar a direção para a qual Ele aponta. De modo semelhante ou analógico, cumprenos, em vez de nos cingirmos a uma contemplação individual de Comblin, prestar atenção à direção para onde aponta o seu dedo profético e libertador. Neste sentido alegra-nos poder acompanhar a continuidade viva deste processo. Para citar apenas um exemplo ilustrativo, lembramos a participação de jovens teólogas feministas, provenientes de experiências comblinianas, em especial das escolas de formação missionária e do CEBI, a exemplo de Elinaide Carvalho, Glória Carneiro, Jéssica da Silva, Jardene⁶.

João Pessoa, 27 de junho de 2021.

6 Ver: <https://teologianordeste.net>

CAPÍTULO 8

O QUE JOSÉ COMBLIN NOS CONTOU EM 2007

Eduardo Hoornaert

Por ocasião dos sessenta anos da ordenação sacerdotal de José Comblin em 2007, um bom grupo de amigos(as) e missionários(as) se reuniu no santuário de Ibiapina em Santa Fé (Arara), no brejo paraibano, para festejar a data, reatar os contatos, fortalecer a rede e reanimar o espírito. José tinha 85 anos e estava particularmente eufórico. Ele nos confidenciou detalhes sobre sua vida, algo que não costumava fazer.

1. Desde muito jovem, seus talentos intelectuais chamaram a atenção de familiares e educadores. Quando, provavelmente com a idade de 16 ou 17 anos, ele disse a seu tio padre que queria ser missionário, este respondeu prontamente: 'Missionário não, você é inteligente demais. Professor, isso sim, professor na universidade de Lovaina!'. Efetivamente, José estudou teologia em Lovaina e admirou a competência, aplicação e honestidade intelectual de professores como Lucien Cerfaux e Gustave Thils. Então o novo 'doutor' é nomeado

vigário auxiliar numa paróquia em Bruxelas, e fica decepcionado: ‘eu senti que não havia mais futuro para o catolicismo na Bélgica’. Procurando outra coisa, entra no Colégio para a América Latina que a universidade de Lovaina abre a pedido do papa Pio XII, na intenção de preparar sacerdotes que desejam ir trabalhar naquele continente. Ele é um dos primeiros candidatos.

2. Com a idade de 35 anos, em 1958, José parte para o Brasil. Na conversa de 2007 ele insiste: ‘Não deixei a Bélgica para responder ao apelo do papa nem para combater comunismo, protestantismo ou espiritismo (três ameaças da época, na opinião do Vaticano). Parti tampouco para remediar a falta de padres. Eu compreendi que o cristianismo estava se extinguindo na Europa e só poderia renascer fora de um continente deformado por longa tradição de colonialismo, tráfico de escravos, matança de povos, como também por multissecular opressão da liberdade e das forças vitais do ser humano’. Ao encontrar aqui, já nos primeiros dias, pessoas que correspondem à sua visão, a alegria é grande. José fica imediatamente fascinado pelo Brasil. Seus primeiros contatos se fazem com jovens da JOC (juventude operária católica), pois, assim como muitos padres de sua geração, ele é influenciado por Cardijn, padre da diocese de Bruxelas e fundador da JOC. Educado em ambiente onde obediência, discrição e mesmo timidez eram apreciadas e mesmo encorajadas, ele encontra aqui pessoas que não são nem obedientes, nem discretas e nem tímidas. ‘Eu encontrei pessoas verdadeiras, que não escondiam o que eram, pessoas

sem mentira'. A fascinação pelo modo de ser brasileiro aparentemente nunca mais o abandonou e isso me foi confirmado inesperadamente por sua própria irmã, que encontrei certa vez em Bruxelas, em 1980: 'O que fizeram com meu irmão? Ele não é mais o mesmo!'

3. Comblin nunca foi a Roma: 'O que eu faria ali?'. Mas em 1968, o arcebispo Helder Camara lhe pede para redigir um texto para a conferência dos bispos em Medellín (Colômbia). José vai a seu quarto e bate o dia inteiro com os dedos na máquina de escrever. Sou testemunha, pois na época vivíamos na mesma casa, com portas e janelas sempre abertas. Principalmente a partir de textos de José Comblin, Gustavo Gutiérrez (Peru) e Juan Luís Segundo (Uruguai) surgiu então a expressão 'opção pelos pobres', na verdade uma confirmação verbal do que diversos bispos da América Latina já estavam praticando na época, na fidelidade ao 'pacto das catacumbas' firmado em Roma no final do Concílio Vaticano II. Os três teólogos sabiam, pois, que estavam construindo sobre terreno firme, o que mais tarde ficou comprovado pelo surgimento da teologia da libertação. Dom Hélder Câmara, que era um homem perspicaz, tinha convidado José Comblin a vir trabalhar em Recife. Isso em 1965. Desse modo o conselheiro de Dom Hélder entrou, aos poucos, em contato com outros bispos progressistas da América latina como Leônidas Proaño (Equador), Mendez Arceo (México), Aloísio Lorscheider, José Maria Pires e outros bispos. A visão dos teólogos da libertação consistia basicamente na rejeição da ideologia do desenvolvimento e no aprofundamento de temas

como opressão, ditadura econômica e política, fascínio do capitalismo (Jung Mo Sung) e solidariedade com os pobres. Quando o texto de 1968, por indiscrição, caiu nas mãos dos militares, Comblin entrou numa rota de colisão com o sistema e foi expulso do país em 1972. Ainda tentou viver no Chile, mas ali também Pinochet tomou o poder em 1973. A única possibilidade, depois da ‘abertura lenta e progressiva’ de 1977, consistia em permanecer no Brasil na qualidade de ‘turista’ por consecutivos períodos de três anos. Seu estatuto legal só foi regularizado no decorrer dos anos 1980.

4. Entretanto, Comblin muda outra vez o rumo de sua vida. Adeus formação sacerdotal em seminários e institutos de teologia, adeus grandes cidades. José desaparece e começa uma peregrinação de longos anos e grandes percursos, ziguezagueando pelos imensos espaços do Nordeste, à procura de pessoas que se sensibilizem com sua ‘teologia da enxada’. A agricultura tradicional do Nordeste opera por meio da enxada, não do arado. Isso significa que a teologia da enxada parte da cosmovisão do agricultor comum, algo que pressupõe uma ‘reversão de todos os valores’ por parte de um teólogo formado por Cerfaux e Thils. Na qualidade de teólogo da enxada, José viaja até três dias antes de morrer tranquilamente no Recanto da Transfiguração, em Salvador. Nos últimos anos ele conta com a dedicação incondicional de Mônica Muggler, que faz de tudo para que José possa trabalhar e viajar até a idade de 88 anos. Ela é motorista (ele mesmo não sabe dirigir carro!), planeja encontros

(nos últimos anos de forma intensiva por meio de telefone celular), estabelece contatos, organiza planos de viagens, coloca textos na internet (laptop), encontra lideranças locais. José também tem seu laptop. Ele ainda me manda algumas palavras por ocasião de seu aniversário, cinco dias antes de morrer.

5. O milagre consiste no fato de que um intelectual estrangeiro, de índole reservada, consegue estabelecer um laço provavelmente estável com a cultura iletrada do interior nordestino. Um milagre que, como todos os milagres, é incompreensível. Neste momento (31/03/2011) estou sendo informado que há velas acesas em cima de sua cova, ao lado do túmulo do padre Ibiapina, na calma e linda natureza do brejo parai-bano, em baixo das árvores.

Salvador, 28 de abril de 2011.

CAPÍTULO 9

O QUE HÁ ENTRE O PADRE IBIAPINA E
O PADRE COMBLIN?

Eduardo Hoornaert

Os que só conhecem José Comblin por suas conferências, artigos e livros podem estranhar a insistência com que ele se referia, principalmente no período em que atuou na Paraíba, ao padre-mestre Ibiapina (1806-1883), ao ponto de expressar o desejo de ser enterrado ao lado dele no pequeno cemitério dentro do complexo comemorativo que se criou em torno da mais famosa Casa de Caridade fundada pelo missionário em Santa Fé (Arara, município de Solânea) no brejo paraibano, onde o padre-mestre passou os últimos anos de sua vida (1878-1883). O desejo do padre Comblin foi atendido. Falecido em 27 de março em Salvador, seu corpo foi transferido para Santa Fé e aí enterrado no dia 29, na presença de seis bispos, numerosos padres, amigos e amigas, várias religiosas inseridas no meio popular, diversos de seus ex-alunos do Seminário Regional do Nordeste e do Instituto de Teologia do Recife; representantes de diversos movimentos sociais e

pastorais sociais (MST, CPT, Consulta Popular, Assembléia Popular, Pastoral Operária, entre outros) e vários pastores protestantes (de Olinda, de Recife, de Souza). Duas pessoas vieram do Chile para acompanhar o enterro na Paraíba. Mas o realce principal foi dado por alguns dos primeiros protagonistas dos núcleos missionários iniciais de Tacaimbó (PE) e Salgado de São Félix (PB) e também por representantes atuais (homens e mulheres) das numerosas obras missionárias por ele criadas e/ou animadas nos últimos 35 anos de sua longa vida, entre os quais alguns (algumas) tomaram a palavra na ocasião. Como esse é um aspecto menos conhecido da atuação do padre Comblin, arrolo aqui uma lista provisória das principais instituições missionárias por ele instruídas e acompanhadas ao longo dos anos: Seminário Rural e Centro de Formação Missionária (primeira experiência, dos anos 1970); Associação dos Missionários do Campo (AMC); Associação de Missionários e Missionárias do Nordeste (AMINE); Missionárias do Meio Popular; Fraternidade do Discípulo Amado (AL); Associação da Árvore; Escolas Missionárias de Juazeiro (BA), Mogeiro (PB), Floresta (PE), Esperantina (PI) e Barra (BA).

A presença marcante de representantes dessas associações e escolas missionárias demonstrou a importância da decisão tomada por José Comblin no início dos anos 1970. Ele abandonou a formação sacerdotal tradicional em seminários e institutos de teologia e iniciou uma peregrinação de longos anos e grandes percursos, ziguezague pelos imensos espaços do Nordeste, à procura de pessoas que se sensibilizassem por sua ‘teologia da enxada’. Esse nome estranho indica uma tentativa de construção de uma teologia a partir da cosmovisão do agricultor nordestino, o que deve ter provocado uma verdadeira ‘reversão de todos os valores’ na mente de um teólogo destinado a ser professor na universidade de Lovaina na Bélgica.

Mas é na qualidade de teólogo da enxada que o padre Comblin viajou até três dias antes da morte.

Nos últimos anos ele contou com a dedicação incondicional de Mônica Muggler, que fez de tudo para que José pudesse trabalhar e viajar até a idade de 88 anos. Ela era motorista (ele mesmo não dirigia carro!), planejava encontros (nos últimos anos de forma intensiva por meio de telefone celular), estabelecia contactos, organizava planos de viagens, colocava textos na internet (laptop) e encontrava lideranças locais. José também tinha seu laptop. É nessas circunstâncias que ele morreu tranquilamente no Recanto da Transfiguração, em Salvador. A emoção na hora do enterro, as palavras proferidas e o local onde estávamos naquele momento demonstravam que, para a maioria dos presentes, José Comblin era antes de tudo um ‘padre-mestre’ ao estilo do padre Ibiapina. Não se falou, na hora, de sua atuação como escritor, conferencista e teólogo conhecido por toda a América Latina, conselheiro de Dom Hélder Câmara, em contato com outros bispos progressistas da América latina como Leônidas Proaño (Equador), Mendez Arceo (México), Aloísio Lorscheider, José Maria Pires, Pedro Casaldáliga, Paulo Evaristo Arns e outros. Não foi lembrado como um dos principais mentores da conferência de Medellín (1968), um dos primeiros a rejeitar as ideologias do desenvolvimento e da segurança nacional e aprofundar temas como opressão, ditadura econômica e política, fascínio do capitalismo e solidariedade com os pobres. Era visto como ‘padre José’ (padre Zê), um sacerdote da linhagem espiritual do padre Ibiapina.

Nesse sentido me parece oportuno tecer aqui algumas considerações de ordem histórica em torno de José Ibiapina, que permitem verificar uma marcante sintonia com José Comblin. Seria longo demais apresentar aqui uma biografia do

padre Ibiapina. Vou me limitar a escrever algo sobre suas intuições, que são bastante parecidas com as do padre Comblin. Na biografia de Ibiapina existem, em meu entender, pelo menos três momentos em que ele manifesta uma intuição incomum. A primeira se manifesta quando ele tem apenas 18 anos (em 1823). O jovem estudante abandona o seminário de Olinda e vai morar com os padres oratorianos em Recife. No seminário de Olinda fervem as novas idéias da revolução francesa (final do século XVIII). O livro do professor Siqueira ‘Os padres e a teologia da ilustração: Pernambuco 1817 (2009), expõe amplamente o tema.

Ibiapina não se entusiasma com a teologia da ilustração de Olinda, nem com as grandes ideias libertárias que afetam a burguesia de sua época, o que não deixa de ser estranho para quem vem de um ambiente familiar marcado pelas ideias francesas. Seu pai e irmão lutam e morrem por ideias libertárias. Ibiapina, pelo contrário, se posiciona de forma independente, não adere aos grandes ideais burgueses. Parece que não lhe interessam esses grandes programas e que ele prefere se formar fora dessas ‘brigas de gente grande’. Podemos ver nisso, desde já, os esboços da futura opção pela gente miúda da sociedade? Mais tarde, Joaquim Nabuco dará implicitamente razão a Ibiapina ao escrever: ‘As revoluções brasileiras são ondulações do que se passa em Paris’. Elas não combinam com a realidade do país. O segundo momento é o de sua crise nos anos 1850-53, quando ele abandona a profissão de advogado e, com 43 anos de vida, resolve parar, o que não é comum para uma pessoa que está na idade em que o corpo está no auge de suas potencialidades. Na idade em que a maioria das pessoas navega a todo vapor numa carreira já em pleno curso, ele resolve parar, dedicar tempo para ver o que significa a crise que está sentindo dentro de si e quais são as eventuais perspectivas. Ele sente que se esgotou a

carreira de advogado. É preciso pensar em algo que seja mais ‘útil’ para a sociedade. É preciso penetrar mais no universo dos pequenos, das pessoas comuns. Em 1854, ele abraça o sacerdócio. Ibiapina vislumbra uma terceira encruzilhada por ocasião do sucesso de suas missões no interior nordestino. O sucesso da missão lhe indica a possibilidade de ir além do trabalho esporádico de viagens a convite de vigários ou fazendeiros e de iniciar algo mais fundamental no plano educacional. Pois as Casas de Caridade, na mente do missionário, são antes de tudo casas de educação e formação da juventude. Nelas se experimentam métodos totalmente novos para a sociedade do século XIX, não só no plano propriamente educacional como também nos planos do trabalho (que deixa de ser escravo), da posição da mulher (que deixa de ser secundária) e da prática religiosa (que deixa de ser puramente ritual).

Num tempo em que praticamente todas as instituições brasileiras funcionam na base de trabalho escravo, as Casas de Caridade não recorrem a escravos para execução dos trabalhos manuais. O primeiro biógrafo do padre-mestre, o autor paraibano Celso Mariz (1942), é taxativo: “a instituição não recebia de presente, não comprava e não possuía escravos” (1942, p. 257). Eis um ponto fundamental. Podemos dizer que as Casas de Caridade do padre Ibiapina seguem, já no século XIX, um modelo ainda não alcançado nos dias de hoje nas famílias brasileiras de classe média. Um segundo ponto em que Ibiapina está bem à frente de seu tempo consiste na atenção dada à mulher, seus problemas e suas potencialidades. Cabe registrar aqui que no interior do Nordeste, até 1851, só existe uma escola (em Pernambuco) voltada para o atendimento de meninas pobres. Mesmo assim, essa escola não cuida do ensino profissional, em contraste com as Casas de Caridade, que ensinam leitura, escrita, ofícios domésticos, industriais e agrícolas

e chegam mesmo a formar ‘mestras públicas’. Eis um assunto ainda não suficientemente pesquisado dentro de uma perspectiva feminista. Ibiapina demonstra ‘vontade política’ de investir em educação feminina e nisso continua pioneiro, mesmo nos dias de hoje.

No tocante à religiosidade se registra igualmente novidade nas Casas de Caridade, pois nelas não se reprime o caráter lúdico e criativo do catolicismo popular. Não se interpretam as imagens de Jesus crucificado, Nossa Senhora das Dores e outros santos penitentes como símbolos de uma árdua batalha contra os antigos deuses do sertão, lúdicos e amantes da vida e de seus prazeres. Pelo contrário, abandona-se o penitencialismo de caráter negativo. Uma das novidades pouco conhecidas de Ibiapina consiste no fato que seus beatos em nada correspondem à imagem do beato rezador e simplório, fora da realidade da vida. Os ‘homens de Ibiapina’ são realistas e ativos, eles são capazes de executar um amplo leque de atividades que vão desde o árduo trabalho de ‘tanger os burros’ a transportar cargas (bacalhau, legumes, água, farinha de mandioca, algodão, tecida) ou pessoas (irmãs, órfãs) por longas distâncias, até a complexa administração das Casas de Caridade. O beato cuida dos roçados em torno da casa (deles provém grande parte do sustento), ele comercializa o que a casa produz em termo de renda, labirinto, crochê, chapéu de palha e tecidos finos e, em determinados casos, ainda fica responsável pelas finanças da casa. Há beatos que viajam na qualidade de esmoleres, empreendem longas viagens em busca de dinheiro a sustentar as casas. Há beatos ‘esmolando’ (o verbo é típico da linguagem utilizada na Crônica) nas fazendas ao longo do rio São Francisco e mesmo em Rio de Janeiro, capital do país. O beato ibiapino é um voluntário sem estatuto fixo nem regulamentação trabalhista. Tudo se baseia no voluntariado. Não se

compreende facilmente como esses beatos, que são numerosos, conseguem executar tarefas de tanta abrangência e complexidade. Há, por exemplo, senhores fazendeiros que passam a ser chamados beatos pelo povo no momento em que decidem colaborar com Ibiapina. Ele mesmo prefere chamá-los ‘gedeões’, aludindo ao primeiro juiz da história de Israel (Jz 5, 1-8, 35).

Um famoso Gedeão é o fazendeiro Cunha Lima que doa as terras de Santa Fé ao missionário. A beata Júlia, frequentemente mencionada na Crônica, é também uma mulher da alta sociedade, esposa de um fazendeiro. O povo a chama de beata porque ela governa uma Casa da Caridade. Há beatos e beatas que dominam bem a língua portuguesa, escrevem com letra caprichada e redigem textos (como o da própria Crônica, principal fonte histórica acerca de Ibiapina). Quem quiser saber mais sobre esses beatos leia o artigo de Ernando Teixeira na Revista Eclesiástica Brasileira de outubro 2010: ‘Ibiapina e seus beatos’ (pp. 886-909). Aí se encontram muitos exemplos interessantes, provenientes de uma consulta direta da documentação histórica.

Em 1878, no final do mês de dezembro, já doente, Ibiapina menciona os obstáculos enfrentados para manter funcionando algumas Casas de Caridade. Ele alude à seca de 1877, relata as agruras causadas por falta de água e lamenta que a roupa tenha de ser lavada a três léguas de distância e a água para beber carregada por duas léguas. Ele menciona a precariedade dos recursos financeiros e a impossibilidade de se comprar cargas de água e alimentos. Ele deve ter pressentido as situações críticas que as Casas de Caridades teriam de enfrentar após sua morte. Mas não é só por problemas econômicos que o pano desce sobre as obras de Ibiapina, logo depois de sua morte. É porque se inicia a romanização da igreja do Brasil, que consiste em implantar no país o modelo clerical europeu, nunca

plenamente obedecido no Brasil colonial. As autoridades romanas descobrem irregularidades em toda parte. Para elas, o Brasil lusitano não conta, pois não vale nada. Elas resolvem ‘passar tudo a limpo’ e colocar a igreja ‘nos eixos’.

O bispo tem de cuidar, antes de tudo, em fundar e organizar um seminário em moldes europeus (romanos ou franceses). Diante dessa nova lógica eclesiástica, as obras de Ibiapina sucumbem em pouco tempo, são desativadas ou destinadas a outros fins. As Casas de Caridade de Cajazeiras e Bezerros viram colégios, a de Sobral se torna Casa de Misericórdia (hospital), a de Cabaceiras Biblioteca Municipal. A grande Casa do Crato se transforma em Centro Social e hoje é sede da Universidade Regional do Cariri. Santa Fé na Paraíba vira casa paroquial e a Casa de Campina Grande é transformada em orfanato (funcionou desse modo até 1975). Um sinal significativo dessa romanização (ou europeização) pode ser visto por quem visita os dois grandes pátios internos do seminário da Prainha em Fortaleza. Aí se encontram as estátuas de santos franceses como o Cura d’Ars e São Vicente de Paulo, mas o visitante procura em vão uma referência às grandes figuras do Ceará católico: o padre Ibiapina, o padre Cícero e o beato Antônio Conselheiro. Mesmo assim, como escreve Ernando Teixeira no referido artigo da Revista Eclesiástica Brasileira, “tempo de Ibiapina ainda não terminou” (p. 196). Prova disso a ‘fase ibiapina’ da vida de José Comblin, uma história ainda não contada em detalhes.

No final dessas considerações, dou alguma informação acerca da literatura existente em torno do padre Ibiapina. O trabalho que divulgou pela primeira vez seu nome no mundo dos letrados foi a biografia publicada em 1942 pelo historiador paraibano Celso Mariz: ‘O padre Ibiapina, um apóstolo do Nordeste’ (Gráfica A União, João Pessoa), um estudo

sólido que continua fundamental. Em 1996, quando a diocese de Guarabira (Paraíba) introduziu um processo de beatificação do padre junto ao Vaticano, o padre Francisco Sadoc de Araújo publicou o livro ‘Padre Ibiapina, peregrino da caridade’ (Edições Paulinas, São Paulo), que tem o mérito de integrar a ‘Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo padre Ibiapina’, principal fonte histórica que possuímos sobre Ibiapina. Há duas edições dessa Crônica, ambas preparadas por mim: uma de 1981 (edições Loyola, São Paulo) e outra de 2006 (Secretaria de Cultura do Estado do Ceará). O autor cruza dados da Crônica com outros documentos históricos disponíveis, como os arquivos das Casas de Caridade de Santa Fé (Arara), Campina Grande e Pocinhos. Em 2008, Ernando Teixeira enriqueceu a essa literatura com seu trabalho ‘A missão ibiapina’ (Gráfica Editora Berthier, Passo Fundo, 2008), que oferece a melhor edição crítica e atualizada da literatura existente sobre a vida missionária (os últimos 30 anos).

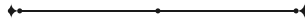
Além disso, o autor nos brinda com uma edição dos textos em grafia atualizada, excelente pontuação e divisão de frases e parágrafos, o que permite uma leitura fluente de documentos que antes só se liam com dificuldade. As numerosas notas de rodapé, minuciosamente redigidas, constituem em si mesmas um esboço biográfico de primeira classe, em diversos pontos mais preciso e detalhada que os trabalhos anteriores de Celso Mariz e Francisco Sadoc. Finalmente, Ernando Teixeira sustenta que toda a tradição literária originária em torno do missionário provém, em última análise, da Casa de Caridade de Santa Fé na Paraíba. Santa Fé é o nome de uma fazenda doada ao padre Ibiapina pela família Cunha Lima, no sítio Arara (município de Solânea, no brejo paraibano, a 50 km aproximadamente de Campina Grande) depois da grande missão em Bananeiras no ano 1863. Aí o missionário fixou o

centro de sua obra quando não tinha mais condições de andar a pé pelos sertões. Pois ele andava a pé e costumava dizer: “as ovelhas não têm de carregar (de rede) o pastor, é o pastor que tem de carregar as ovelhas”.

Só na sua última viagem (de Triunfo em Pernambuco a Santa Fé) ele foi carregado de rede, pelo que me consta. Com o tempo, a tradição literária proveniente de Santa Fé se espalhou pelas Casas de Caridade, feitas principalmente na Paraíba e no Cariri cearense. Hoje, o corpo do padre Ibiapina está enterrado em Santa Fé e foi aí que o padre José Comblin desejou ser enterrado também. Dois Padres Mestres, um ao lado do outro.

Salvador, 03 de março de 2012.

CAPÍTULO 10



PAULO FREIRE E JOSÉ COMBLIN

Eduardo Hoornaert

Como os tempos correm rápidos está na hora de se recuperar a memória de pessoas que renovaram significativamente o pensamento no Brasil nos últimos cinquenta anos. Muitas delas não são mais conhecidas pela juventude emergente, o que é uma pena. Pois, como escreve Bertold Brecht, ‘quem desconhece sua história está condenado a repeti-la’.

Enfoco aqui duas figuras que atuaram em áreas aparentemente muito diversas: José Comblin, o teólogo, e Paulo Freire, o educador. Quem observa as coisas de mais perto percebe que a distância entre ambos é apenas aparente. Na realidade, ambos são eminentes educadores. Todos repetem que a educação é o grande problema do Brasil, mas poucos dizem o que entendem por educação. Todos dizem que a educação escolar não corresponde aos desafios da vida atual, mas poucos dizem com clareza como remediar a essa situação.

É aqui que entra Paulo Freire. Ele diz com toda clareza: a educação tem de partir de ‘temas geradores’. As situações vividas no dia-a-dia geram a reflexão e desse modo originam a educação. Quem nasceu e se criou numa casa de taipa reflete o que isso significa na sociedade em que vivemos, e o mesmo se dá com quem se criou num apartamento de luxo. Em outras palavras, a casa (o apartamento), a rua, o bairro, o trabalho, o dinheiro, o corpo, o sexo, a festa, etc. são temas geradores de educação. Da realidade se chega à reflexão, que por sua vez gera a ação. Logo se vê que o método Paulo Freire combina bem com o método Cardijn, o sacerdote belga fundador da Juventude Operária Católica (JOC) nos anos 1940, que criou um método de formação de jovens operários/as, baseado no lema ‘ver, julgar, agir’. Cardijn não fala em ‘temas geradores’, mas a intuição é a mesma. Ora, quando José Comblin chega ao Brasil em 1958, ele está imbuído da metodologia de José Cardijn. Ele inicia seu trabalho aqui com a JOC, e depois de muitas peripécias consegue, em 1969, ‘fugir’ do Instituto de Teologia de Recife (ITER) com nove seminaristas dispostos a repensar sua vocação sacerdotal em consonância com a realidade do povo rural do Nordeste. É em cima dessa disposição por parte de jovens candidatos ao sacerdócio que Comblin elabora a ‘teologia da enxada’, que significativamente está articulada nos ‘temas geradores’ de Freire: a casa, a comunidade local, a terra, o trabalho, a refeição, o corpo, a festa.

Penso que Comblin pedagogo é mais importante que Comblin teólogo e conselheiro de bispos. A teologia da enxada é um método pedagógico que excede de longe as experiências concretas com seminaristas. Hoje se assemelha ao método Paulo Freire aplicado à formação de agentes de pastoral, como se pode verificar em seis ‘escolas missionárias’, espalhadas por

cinco estados nordestinos: Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí.

Trata-se de uma experiência que merece ser melhor divulgada, inclusive junto a políticos responsáveis pela educação. Muitos deles (mesmo os da esquerda) não parecem perceber a relevância do método na educação e pensam que basta conseguir verbas para as instituições educacionais existentes. Seria bom se eles se aprofundassem na metodologia exemplarmente praticada por figuras como José Cardijn, Paulo Freire e José Comblin (poderíamos acrescentar aqui Ivan Illich, mas isso nos levaria longe).

De qualquer modo, Comblin figura ao lado de Paulo Freire como expressão de uma pedagogia nova na América Latina, surgida na década de 1960. Sua pedagogia é relevante para a sociedade como um todo, não só para a igreja. Ela é revolucionária no sentido que está baseada no ‘amor desordenado’, ou seja, num amor pelas pessoas que desordena a sociedade estabelecida, baseada na injustiça.

Como escreve José Comblin numa sequência de três frases lapidares: o amor não fundamenta a ordem, mas a desordem. O amor quebra toda a estrutura da ordem. O amor fundamenta a liberdade e, por conseguinte, provoca desordem.

Salvador, 03 de março de 2012.

CAPÍTULO II



CRITICIDADE E COMPROMETIMENTO

Eduardo Hoornaert

(O presente texto constitui a introdução ao livro *Novos Desafios para o Cristianismo: a contribuição de José Comblin*, publicado pela Editora Paulus em 2012).

Estamos navegando em alto mar. Os tempos são incertos e não sabemos bem para onde o navio nos leva. O futuro parece ao mesmo tempo cativante e medonho. Fica difícil interpretar muitas coisas que hoje acontecem. Mais difícil ainda é responder aos desafios que aparecem. Necessitamos mais do que nunca de um bom timoneiro, para que a embarcação não descambe à deriva. Pois, de qualquer modo, ‘navegar é preciso’ (Fernando Pessoa). Não é momento de abandonar a travessia, voltar à terra firme, lavar as mãos na inocência e refugiar-se em convicções do passado, que não funcionam mais. Decididamente, o cristianismo enfrenta novos desafios e temos de reconhecer: muitas vezes não sabemos como agir. Se, nessas condições, aparece um intelectual autêntico, lúcido, crítico e comprometido com a causa dos desafortunados, é uma graça de Deus.

Um intelectual que tem a coragem de dizer que nada sabe do futuro, mas ao mesmo tempo é capaz de detectar ‘sinais dos tempos’ na passagem do momento. Com ele navegamos mais seguros.

Afinal, o que José Comblin tem a nos dizer? Como resumir em poucas palavras sua contribuição? Penso em duas palavras, a serem entendidas de forma interrelacionada: criticidade e comprometimento. Essa conjunção firmou-se nele a partir do momento em que fora convidado por Dom Helder Câmara para trabalhar em Recife (1965). A criticidade e o comprometimento com o universo dos pobres começaram a fazer parte do ‘método’. José Comblin adota um método teológico que ao mesmo tempo inclui (1) exigente criticidade e honestidade intelectual e (2) comprometimento real com a melhoria de vida e bem-estar dos pobres. Trata-se de um método teológico inusitado, pois não é comum encontrar um teólogo que resolve viver e trabalhar em condições de grande despojamento por opção ‘metodológica’. A história cristã oferece decerto exemplos de cristãos que viveram na pobreza por motivos ascéticos (como os antigos padres do deserto), evangélicos (como São Francisco de Assis) ou sociais (como Vicente de Paulo). Mas não é comum encontrar um teólogo que resolve viver na pobreza por motivos ‘metodológicos’. Normalmente, encontramos os teólogos, mesmo os comprometidos com a teologia da libertação, nos institutos de teologia ou nas universidades. Com Comblin foi diferente. Nos últimos anos de sua vida, era preciso viajar ao interior do Nordeste, em meio a populações rurais, para encontrá-lo. Ele estava convencido de que, para a mensagem cristã atingir em profundidade a cultura dos pobres, que hoje constituem mais da metade da população mundial, há de se refletir a fé criticamente, a partir da vida concreta desses mesmos pobres.

Salvador, 03 de março de 2012.

CAPÍTULO 12

A TEOLOGIA DA ENXADA:
QUARENTA ANOS DEPOIS

Eduardo Hoornaert

A teologia da enxada foi elaborada em 1969, 43 anos atrás. Mas só nove anos depois, em 1978, a Editora Vozes publicou um pequeno livro, intitulado ‘Teologia da Enxada’, que apresenta os documentos originais dessa experiência. Nesta comunicação pretendo trabalhar basicamente sobre os dados contidos nesse livro. O que causa estranheza é que o mentor dessa teologia, o padre José Comblin, já em maio de 1975 escreve: ‘essa experiência pertence ao passado’. A teologia da enxada teve vida curta. Na sua qualidade de experiência de formação presbiterial, só funcionou seis anos. Mesmo assim, quer me parecer que esse curto período de experiência ainda hoje merece nossa consideração. Aviso de início que, nesta comunicação, não analiso os ulteriores desdobramentos dessa teologia. Como vou me restringir a um período tão breve, é normal que surja a pergunta: por que estudar ainda uma experiência tão curta e que terminou tantos anos atrás? Ela ainda tem algo a nos dizer hoje? Será que não pertence

irremediavelmente ao passado? Ou, pelo contrário, contribui até hoje para nossa reflexão?

Em primeiro lugar, situemos a expressão ‘teologia da enxada’ em seu devido contexto. O que impressiona o leitor de hoje no livro acima mencionado é que o termo ‘teologia da enxada’ só aparece no título e na contracapa. O próprio Comblin não fala em ‘teologia da enxada’, mas em ‘experiência’, ‘método’ e ‘programa de vida’. Ele também fala em ‘risco’, e com isso a experiência de 1969 se situa imediatamente dentro do contexto vivido por ele e por alguns seminaristas do Instituto de teologia de Recife (ITER) no final dos anos 1960.

Em 1965, Dom Helder chamou Comblin de Santiago do Chile para Recife, onde ele assumiu logo a tarefa de prefeito dos estudos no ITER. Começou a mexer no currículo, no sentido de aproximar os estudos da realidade vivida. Tratava-se de inserir no programa estudos de psicologia, sociologia, história (ainda não economia nem política) antes da abordagem da teologia propriamente dita. Apesar desses esforços, nove seminaristas não ficaram satisfeitos com os estudos do ITER e expressavam (Comblin cita palavras de um deles): “insatisfação com o tipo de estudo e o desejo de aprender a ser pastor e servidor do povo de Deus na simplicidade. Optar pelo meio de origem, o mundo do campo. Para tal receber uma cultura adequada” (COMBLIN, 1978, p. 9-10). Essa contextualização mostra que o termo ‘enxada’ não deve ser entendido num sentido restritivo. A enxada entra aqui como metáfora. O que importa é o método pedagógico, o que implica em definir Comblin antes de tudo como educador, conforme realça Luis Carlos Susin no livro ‘Novos Desafios para o cristianismo: a contribuição de José Comblin’ (Paulus, São Paulo, 2012).

Segundo, apresento brevemente a experiência, tal qual vai descrita no livro de 1978. Em termos simples, sem adjetivações, Comblin escreve que “em 1969, nove seminaristas resolvem viver alguns anos numa região rural: 5 em Salgado (PB) e 4 em Tacaimbó (PE)” (COMBLIN, 1978). No primeiro ano, os estudantes estudam a ‘realidade’ em 14 temas: a casa, a comunidade local, a terra, o trabalho, a refeição, o corpo, a festa, o nascimento, os santos, paternidade, pobres e ricos, fraternidade, relação homem-mulher, a vida. No segundo ano, estudam a figura de Jesus em 12 temas: vida terrestre de Jesus, paixão e morte, ressurreição, espírito santo, Maria mãe de Deus, eucaristia, Deus pai, milagres de Jesus, reino de Deus, Jesus no meio dos homens, a condição humana de Jesus, a vinda de Jesus. No terceiro ano, os seminaristas estudam a moral em 11 temas (desde agora cada roteiro é explicitamente dividido em três partes: inquérito, teologia, agir): a felicidade, piedade ou religião, a lei de Deus, justiça, sexualidade, riqueza e desenvolvimento, a caridade, a fé, o pecado, a doença, a morte. Eis o programa. O orientador exige relatórios pormenorizados acerca de cada tema: uma tarefa árdua, que mexe com a maneira de pensar e agir dos estudantes.

O trabalho é intenso e os dias estão repletos. Principalmente o trabalho intelectual é exigente. Num depoimento de agosto 1969, um deles confessa:

Dentro da casa, há dias em que não podemos nos levantar da mesa, tal a intensidade. O difícil consiste em partir sempre de dados concretos. Não adiante consultar livros, há de se partir da observação direta. Copiar textos foge ao objetivo de tal tipo de estudo, fundado sobre dados concretos (1978, p. 15).

Desenha-se um novo tipo de relação entre estudo e vida, o que mexe com os estudantes, como se pode verificar nos relatórios, penosamente copiados e datilografados, onde se pode ler sempre o mesmo refrão: é preciso partir sempre de ‘dados concretos’, não de livros ou doutrinas estabelecidas. O plano de estudos acima citado é apresentado por Comblin em dezembro 1971. Apenas quatro anos depois, em maio 1975, ele escreve que:

A experiência terminou. Dos nove iniciantes, 5 se ordenaram sacerdotes (em João Pessoa, Teresina, Caicó, Iguatu, Própria), dois se tornaram agentes pastorais leigos (um deles com votos recebidos pelo bispo), e três abandonaram a experiência (COMBLIN, 1978).

Comblin constata que “essa experiência pertence ao passado. Não foi renovada e tudo indica que não reaparecerão as circunstâncias que lhe deram origem. O passado, porém, é capaz de estimular novas experiências” (COMBLIN, 1978). Como interpretar essa frase?. Comblin não explicita esse ponto, mas o próprio ‘plano de estudo’ de 1969 mostra que ele quis elaborar algo que ultrapassasse uma experiência de formação presbiteral. Na realidade, ele estava pensando, aqui como sempre, num ‘método pedagógico’. O plano de estudo proposto aos seminaristas, descrito de forma muito modesta, é na realidade uma proposta metodológica que excede a experiência eclesial. Quem consulta atentamente a concatenação e organização dos três roteiros publicados no livro de 1978 (antropologia, cristologia, moral, eclesiologia, sendo que o roteiro desse último tema está em falta), percebe o que isso significa.

Terceiro, a simplicidade com que a teologia da enxada foi apresentada pode ocultar sua real dimensão pedagógica, que só

aparece em plena luz quando comparada à tradicional pedagogia da igreja. Pois aqui se trata de pedagogia, da maneira em que a igreja a percebeu desde o século II, quando se criou um método a partir da tradição grega de ‘katechèsis’, que significa ‘ensino oral’.

Entrando em contato com a cultura grega, a igreja descobre que ela tem de se tornar catequista. Trata-se de situar o cristão no mundo a partir da fé. Mas acontece que, ao longo dos séculos, principalmente a partir do século IV, a ideia de catequese foi adulterada por causa do crescimento do poder na igreja e da igreja. Aos poucos, a doutrina, originalmente elaborada para ajudar as pessoas no mundo em que viviam, foi utilizada para servir de instrumento do fortalecimento do poder da hierarquia. Com isso, ela se tornou sempre mais apologética, ou seja, serviu para lutar contra as heresias, que contestavam as autoridades eclesiásticas estabelecidas. A luta pela hegemonia criou o dogmatismo e, ao mesmo tempo, um novo tipo de catequese. A bíblia começou a ser lida como se fosse um manancial de doutrina. Percebemos isso com clareza quando observamos como, nos últimos quinhentos anos, a catequese serviu para manter o poder da hierarquia estabelecida. Quando o frade agostiniano Martinho Lutero começou a dizer que a última referência é a bíblia, a resposta da igreja foi o concílio de Trento, que taxou a experiência de Lutero de ‘protestantismo’, ou seja, de heresia. O catecismo de Trento foi elaborado para afirmar a verdade católica contra a heresia protestante. E quando, no final do século XVIII, a revolução francesa promulgou a democracia como forma de governo, o concílio Vaticano I (1870) se apressou a proclamar o dogma da infalibilidade papal, diametralmente oposto à ideia da democracia. Enfim, podemos dizer que, com o tempo, a catequese perdeu sempre mais seu caráter propriamente educacional.

Um quarto ponto, será que o Vaticano II conseguiu mudar as coisas e restituir a antiga pedagogia da igreja? O concílio conseguiu realmente repensar o catecismo na sua qualidade originária de educação? Vejamos o que aconteceu com o ‘novo catecismo’ de 9/10/1966, expressão típica do pensamento da ala progressista do Vaticano II, propagado na Holanda sob os auspícios do episcopado nacional. Esse catecismo pretendia expressar o espírito do Vaticano II aos fiéis da Holanda, mas sua influência alcançou o universo católico todo. A edição brasileira é de 1968 (pela Herder de São Paulo). Será que esse catecismo realmente criou uma nova educação cristã?

Em primeiro lugar, o próprio papa Paulo VI, árduo defensor do Vaticano II, não gostou desse catecismo. Ele manifestou restrições ao tratamento dado a pontos como a virgindade de Maria, o ‘caráter satisfatório do santo sacrifício da missa’ e a existência de anjos e demônios. Instalaram-se diversas comissões e em 15/10/1968 veio o parecer definitivo da comissão dos cardeais, que admitiu o uso do catecismo com uma série de restrições: o catecismo só pode ser editado com uma introdução que salvaguarda questões sobre redenção, sacrifício da eucaristia, virgem Maria, anjos e demônios, alma humana, pecado original, vida futura, hierarquia, milagres, pontos precisos de moral.

Isso levou a um impasse. As autoridades tiveram medo de mexer com o peso enorme de controvérsias acumuladas durante séculos (contra Ário, contra Pelágio, contra os franciscanos, contra Lutero, contra a modernidade etc., uma lista sem fim). O catecismo holandês não conseguiu sair do círculo vicioso da doutrinação. Não criou um novo método. Isso se verifica quando se lê que os bispos da Holanda declararam no prólogo que esse catecismo tinha de partir dos ‘fundamentos’. Não da observação do mundo como ele é, mas da doutrina.

O catecismo holandês seguiu, no fundo, a tradicional linha da doutrinação.

O segundo problema do catecismo holandês está expresso no subtítulo que reza: ‘ensino da fé para adultos’ ou ‘fé para adultos’. Na época se falava muito de ‘fé adulta’, uma expressão que deixa margem para dúvidas. A ‘religiosidade popular’ é ‘fé adulta’? O catecismo não responde a essa pergunta, mas o tom geral do texto deixa transparecer que a ‘fé do povo simples’ é insuficiente, para não dizer infantil. Não é ‘fé adulta’. Aliás, essa questão da ‘religiosidade popular’ veio permanentemente à tona, em meios clericais, ao longo dos anos 1960-1990. Era um tema sempre presente no programa dos encontros do clero naquele período. O clero não sabia como coadunar as promessas, as devoções aos santos, as romarias e preces populares, enfim, o catolicismo efetivamente vivido, com o que estava escrito nos documentos do Vaticano II. Faltava o método.

Depois de muitas escaramuças, o Vaticano retomou as rédeas e editou em 11/10/1992 o ‘catecismo da igreja católica’ que nada mais é que um prolongamento, em linguagem atualizada, dos catecismos clássicos. Tudo parte da doutrina. ‘Transmitir a fé de geração a geração’ significa basicamente transmitir uma doutrina. Quem folheia hoje o catecismo de 1992 logo detecta os quatro pontos principais, amplamente conhecidos por todos os católicos: a profissão da fé (ponto forte: o credo); a celebração do mistério cristão (ponto forte: os sete sacramentos); a vida em Cristo (ponto forte: os dez mandamentos); a oração cristã (ponto forte: o pai nosso).

Depois de 1992, o papa recomenda aos episcopados nacionais a elaboração e propagação de ‘livros da fé’ que sejam de leitura agradável e bom acabamento gráfico, com fotos, textos poéticos, papel de primeira qualidade etc. Tudo dentro da ideia de uma igreja mais cordial, mais acessível. Mas o esquema

permanece o mesmo: a vida do homem consiste em conhecer e amar a Deus. Por conseguinte, é preciso transmitir a fé. Eis o método tradicional, que muitos consideram imutável.

É diante desse pano de fundo que aparece a originalidade e consistência do método de Comblin acima exposto. Lembro que no programa do primeiro ano da teologia da enxada nem aparece o nome 'Deus' de forma explícita. Trata-se de situar o estudante na vida dos homens. Só no segundo ano vem a referência a Deus por meio da apresentação da vida e da ação de Jesus Cristo. Eis a novidade do método combliniano: partir da vida tal qual é vivida concretamente. Esse método não caiu do céu, mas é devedor de diversas influências.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que Comblin estudou no seminário de Malinas, na Bélgica, no momento em que José Cardijn, o sacerdote belga fundador da Juventude Operária Católica (JOC) nos anos 1940, criou um método de formação de jovens operários(as) baseado no lema 'ver, julgar, agir'. Ora, quando José Comblin chega ao Brasil em 1958, está imbuído da metodologia de José Cardijn: ele inicia seu trabalho aqui com a JOC. Um segundo encontro fecundo é com Paulo Freire e sua educação a partir de 'temas geradores'. Como realça Luiz Carlos Susin de forma apropriada no livro acima citado, o método José Comblin tem muito a ver com o método Paulo Freire. A diferença entre mestre Comblin e mestre Freire é aparente. Ambos são eminentes educadores, embora atuem em campos diferentes. Ambos inovem em termos de educação. Os 'temas geradores' de Freire correspondem aos 'roteiros' de Comblin.

É comum ouvir dizer, hoje, que a educação escolar no Brasil não presta, mas poucos apresentam um método novo. Aqui entra Paulo Freire, que diz que a educação tem de partir das situações vividas no dia-a-dia. Elas geram a reflexão e

desse modo originam a educação, toda orientada para a ação. Quem nasceu e se criou numa casa de taipa enxerga o mundo de forma diferente de quem se criou num apartamento de luxo. Eis o subentendido do roteiro dos primeiros 14 temas da teologia da enxada: a casa (o apartamento), a rua, o bairro, o trabalho, o dinheiro, o corpo, o sexo, a festa etc. Esses temas geradores de educação levam o estudante para além da religião, da formação eclesial e da igreja. Por isso se pode dizer que, mais importante que Comblin teólogo, é Comblin pedagogo. A teologia da enxada é um método pedagógico que excede de longe as experiências seminarísticas concretas de Salgado de São Félix-PB e Tacaimbó-PE. É o método Paulo Freire aplicado à situação concreta da formação sacerdotal, mas que nela não se esgota. Para além da religião ou da fé cristã, esse método assume um caráter universal. Comblin figura ao lado de Paulo Freire (e de Ivan Illich, igualmente mencionado por Luiz Carlos Susin) como expressão de uma pedagogia nova que nasce na América Latina na década de 1960 e tem aplicações universais.

Quem estuda o método da teologia da enxada é capaz de captar o modo em que José Comblin enxerga o Concílio Vaticano II. Em 2011, poucos meses antes de morrer, ele foi solicitado a escrever algo sobre esses cinquenta anos para uma revista de Nicarágua. O texto está na internet sob o título: ‘O concílio Vaticano II cinquenta anos depois’. Inesperadamente, mestre Comblin afirma que é preciso olhar mais para 1968 (a revolta dos estudantes) do que para 1962 (o concílio). 1962 ‘já passou’. Agora se trata de concentrar a atenção em 1968. Ele escreve: ‘Em 1968 começou abruptamente uma revolução total que atingiria todos os dogmas e toda a moral tradicional, assim como todas as estruturas institucionais da igreja e de toda a sociedade. As manifestações exteriores da revolução dos

estudantes em todo o mundo ocidental desenvolvido foram reprimidas com facilidade e, por isso, muitos pensaram que seria um episódio sem consequências importantes. Na realidade, era o começo de uma nova era que prossegue hoje em pleno desenvolvimento’.

Isso significa que hoje estamos em pleno ‘período 1968’. Aí Comblin assinala cinco pontos dessa revolução: - Crítica radical de todos os sistemas de autoridade; - Livre exercício do pensamento; - Revolução feminista; - Aparição da sociedade de consumo; - Capitalismo sem leis. Essa listagem de pontos positivos e negativos serve para aguçar nossa capacidade de ‘ver’ o que se passa em nosso redor, para – em seguida – ‘julgar’ e ‘agir’. É diante de reflexões como essa que se entende o sentido verdadeiro da chamada ‘teologia da enxada’. Trata-se de um ‘método’ revolucionário de olhar para o mundo, descobrir nele sinais de mudança, refletir e finalmente agir.

Para terminar aponto umas sugestões para eventuais futuros estudos sobre o ‘método José Comblin’. É uma lista de alguns pontos que me vêm à memória pelo momento. Deve haver mais pontos a serem aprofundados. Enumero os seguintes:

- Ver até que ponto a teologia da enxada pode ser considerada uma chave de leitura de toda a obra de Comblin.
- Compreender a necessidade de se ‘reinventar’ sempre as pastorais sociais a partir do método ‘ver, julgar, agir’. Percebe-se hoje uma reflexão maior na linha da participação crítica em vez de oposição frontal.
- Na organização recorrer ao princípio associativo, que Comblin recomendou tanto.
- Estudar o método atual das escolas missionárias fundadas por Comblin e ver como evoluem essas experiências.

- Verificar até que ponto se pode dizer que a luta pelos direitos humanos constitui a nova estratégia da teologia da libertação, como se diz nos últimos tempos.

Essa observação tem fundamento, pois, depois dos ataques de 11/09/2001, o tema dos direitos humanos, em escala mundial, entrou em retrocesso. Os Estados Unidos passaram repetidas vezes por cima de direitos humanos, declararam guerra a Afeganistão e Iraque sem permissão do conselho de segurança da ONU e hoje sustentam o estado de Israel, que transgrede os direitos humanos de forma sistemática. A grande mídia pouco reage. Além disso, as forças financeiras e o poder da mídia cresceram tanto nos últimos dez anos, que os políticos hoje preferem não falar em direitos humanos. O universalismo dos direitos humanos hoje cede lugar a novos nacionalismos, como verificamos em relação ao Islã. Podemos dizer que hoje, os direitos humanos funcionam para 1% da população, os super-ricos. Os pobres, pelo mundo inteiro, assistem à progressiva deterioração de seus direitos. A coisa tende a piorar e aí se faz necessária, mais do que nunca, uma teologia da libertação.

Salvador, 23 de dezembro de 2012.

CAPÍTULO 13

QUANDO A IGREJA BRASILEIRA
REDESCOBRE IBIAPINA

Eduardo Hoornaert

Dois sacerdotes que atuam na Paraíba, Ernando Teixeira e José Floren, lançaram recentemente um livro, intitulado ‘Padre Ibiapina por nossos bispos, Textos episcopais’ (2019). Um livro que, em sua modéstia, é marca de uma passagem histórica. Quatorze bispos, em sua maioria nordestinos, redescobrem Ibiapina e, com ele, as fundas raízes da tradição católica neste país. O que hoje é um vislumbre, é capaz de se tornar amanhã alavanca de grandes transformações.

A importância da redescoberta de Ibiapina e, portanto, dos quatorze testemunhos episcopais reunidos nesse livro, se realça melhor quando situamos essa figura diante de um amplo painel histórico.

Duas forças históricas modelam as religiões, desde tempos imemoráveis: a devoção (a fé) e a instituição. A primeira na origem, a segunda como sustentáculo indispensável. A instituição, bem compreendida, é um serviço prestado à devoção.

Devoção e instituição se apresentam como forças vinculadas, interdependentes, sendo que uma religião funciona a contento quando ambas as forças constituem uma só engrenagem.

Acontece que a história das religiões está repleta de casos em que a instituição desvia a força criativa da devoção para fins interesseiros, seja para fortalecer o poder do imperador do momento, seja para beneficiar classes privilegiadas, seja ainda para arregimentar o povo em guerras santas.

A história da religião cristã não escapa a esse processo de apropriação da devoção pelas forças da instituição. Um caso flagrante acontece no século IV, na chamada ‘reviravolta constantiniana’. Na época, muitos líderes de comunidades cristãs se deixam seduzir pelos modos em que a religião se organiza no Império Romano. A religião oficial romana consiste na drenagem do dinamismo espiritual dos povos subjugados para fins políticos, ao apresentar o Imperador como uma figura divina a merecer a devoção dos povos. Um péssimo exemplo. Infelizmente, é exatamente a imagem do Imperador romano que impacta os bispos reunidos na Capital do Império em torno de Constantino, a celebrar o Concílio de Niceia em 325. Os bispos cometem o equívoco de apresentar o modelo romano em termos de organização religiosa como exemplo a ser seguido nas comunidades cristãs. Imitando o modelo corporativo sacerdotal do Império, montam um sistema eclesiástico de tipo corporativo, a administrar e controlar o universo devocional cristão. Doravante, a ‘igreja devota’ se vê na contingência de se acomodar a essa instituição hegemônica, sob pena de sofrer a pecha de heresia.

As consequências dessa guinada história se fazem sentir até hoje. O sacerdote se apropria do universo devoto, marginaliza o antigo articulador das comunidades, reserva para si a administração do sagrado. Os sacramentos, sinais do amor de Deus, se transformam em ritos obrigatórios. O batismo,

a missa dominical, a confissão anual, o matrimônio, tudo se torna obrigatório. O clero alcança o topo do poder e o devoto se torna seu subalterno. Um ‘devoto do santo’ que se recusa a ser um ‘fiel do padre’, é expulso e perseguido como herege. A paróquia pratica concretamente essa conversão de devoto em fiel. O povo torna-se ‘objeto’ da ‘pastoral’ eclesiástica. Os que não são batizados, não vão à missa nos domingos, não são casados na igreja, são discriminados e, com o tempo, expulsos da comunidade. Forma-se um universo católico, que na Europa Ocidental, ou seja, no centro do sistema eclesiástico, funciona a contento durante longos séculos.

Nas periferias do sistema, contudo, as coisas são diferentes. A partir do século XVI, a igreja católica se expande pelo mundo ao acompanhar e sustentar a colonização europeia na África e na América, assim como em grandes partes da Ásia. Criam-se periferias em que o programa paroquial não consegue funcionar como planejado. Nelas, de modo natural, sem planejamento, a igreja devota emerge como força de aglutinação de populações. Pois, como escrevi acima, a devoção constitui a base da religião. Ao integrar energias espirituais provenientes da Europa a energias provenientes de povos originários e de escravos africanos, a devoção se torna a grande força civilizadora e humanizadora das periferias colonizadas. Funciona uma igreja de: *muito santo, pouco padre, muita promessa, pouca missa*, conforme a feliz caracterização do sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira. Funciona uma igreja devota, longe de padre, de bispo, de papa. Ao longo de pelo menos três séculos, nenhum papa se intromete em assuntos de igreja na América. Nenhum documento papal menciona o continente entre 1537 (Bula ‘Sublimis Deus’ do Papa Paulo III) e 1839 (Carta Apostólica ‘In Supremo Apostolatus’ do Papa Gregório XVI).

A organização da igreja católica na América fica nas mãos de monarcas ibéricos, que praticamente se limitam a nomear os bispos (o Padroado) e não interferem em assuntos pastorais. Desse modo, devoções portuguesas e espanholas, fertilizadas por espiritualidades da terra e dos imigrantes africanos, configuram um cristianismo específico, longe das análises e dos planos pastorais. Comete uma temeridade quem considera essas devoções desprovidas de valores cristãos. Vivenciam-se modos de vida que cultivam – por vezes de modo surpreendente – valores evangélicos, como fraternidade, fidelidade, respeito, tolerância, preservação da natureza, senso de beleza, atitude saudável diante do sexo, além de extraordinária capacidade de comunicação.

É diante de painel histórico dessa amplitude que a figura do Padre Ibiapina ganha sua verdadeira dimensão. Ele é expoente da igreja devota numa periferia do sistema católico, os sertões nordestinos do Brasil. Não prática uma pastoral sacramentalista e/ou penitencial. Isso se percebe quando comparamos Padre Ibiapina com outro missionário, que exerce forte impacto nos povos católicos do Nordeste numa época mais recente: o capuchinho italiano Frei Damião de Bozzano (1898-1997). As missões populares do Frei desembocam invariavelmente em confissões, comunhões e procissões penitenciais. Frei Damião é ‘tridentino’, ou seja, segue basicamente as orientações sacramentalistas e penitenciais do Concílio de Trento, celebrado no século XVI. Os Frades capuchinhos italianos percorrem incansavelmente os sertões e têm na figura de Frei Apolônio da Toddi um de seus mais marcantes expoentes.

Enquanto se referem a planos pastorais concebidos no século XVI, o Padre Ibiapina segue uma tradição que remonta à origens do movimento de Jesus. Ele trabalha com temas originários: criação divina, graça operante, devoção ativa, luta pela

realização do reino de Deus na terra. Enquanto Frei Damião trabalha com o tema do ‘pecado original’, o Padre Ibiapina segue o tema da ‘graça original’. Enquanto as missões de Frei Damião desembocam no sacramento, as do Padre Ibiapina desembocam no mutirão, ou seja, na colaboração de toda a comunidade.

Com o Padre Ibiapina, o dinamismo da igreja devota resulta em engajamentos no plano social, em projetos que visam melhorar a vida de populações dos sertões nordestinos. Animado por uma espiritualidade que se materializa em construção de igrejas e cemitérios, açudes e canais de adução de água, em fundações de ‘Casas de Caridade’, Ibiapina continua nos desafiando.

Ao andar pelos sertões, inicialmente para um serviço de ‘primeiros socorros’ (ele inicia suas incursões nos sertões com um trabalho no sentido de combater um surto de cólera no interior de Pernambuco) Ibiapina descobre o dinamismo da devoção, um tesouro escondido. Ele passa a enxergar o que muitos não conseguem ver, pois anda além das fronteiras da europeização da cultura brasileira, que atinge em primeiro lugar as cidades, fora da ‘romanização’ da igreja católica, igualmente ativada nas cidades. É andando pelos sertões que Ibiapina percebe que o Brasil está num processo acelerado de perda de memória. Isso é trágico. A escritora francesa Simone Weil escreve: ‘o enraizamento talvez seja a necessidade mais importante e mais negligenciada da alma humana’. Podemos acrescentar: ‘e de um povo’. Um povo que perde suas raízes se torna facilmente vítima daqueles que cobiçam as riquezas do país. Por onde penetra, o dinheiro destrói raízes, desativa estímulos. O Moloch do dinheiro engole a memória do povo.

É diante desse quadro que se compreende a importância desse livro, a recolher testemunhos de quatorze bispos. Ao

descobrir o Padre Ibiapina, eles descobrem o Brasil. Superam o silenciamento, o esquecimento, o desenraizamento. Ultrapassam a romanização e europeização da Igreja Católica no Brasil e reatam laços com o Brasil profundo, o Brasil dos devotos, das devotas. Prestam atenção ao que é realmente importante. Ao descobrir Ibiapina, os bispos descobrem um povo que peregrina a Santa Fé em Arara, que faz promessas com o Padre Ibiapina e venera em casa sua imagem.

Eles sabem, contudo, que o trabalho de ressurgimento está apenas começando, sabem que as novas gerações podem aprender muito em termos de sensibilidade social e disponibilidade, no sentido de colaborar com a libertação do povo nordestino das amarras da escravidão e do abandono. Nesse sentido, Ibiapina é capaz de despertar energias onde menos se espera. Quem não se admira pelo fato que, em tempos de Ibiapina, esposas de proprietários, de fazendeiros, habituadas a contemplar passivamente a miséria do povo em seu redor, se sensibilizam pelo apelo daquele padre que percorre as estradas e se prontificam a ajudá-lo a montar suas ‘Casas de Caridade’ e mesmo – em determinados casos – colaboram na administração e mesmo na direção dessas instituições, que não só pretendem ser de amparo aos pobres, mas positivamente de educação e treinamento de moças para a vida matrimonial? Pois, nas Casas de Caridade não só se acolhem crianças ‘enjeitadas’ (rejeitadas, órfãs, ‘oferecidas’), mas igualmente moças desejosas de conseguir um bom casamento, numa sociedade em que a educação feminina é muito deficiente. As ‘pensionistas’ aprendem a ler, escrever, contar, cozinhar, fiar, tecer algodão, costurar, bordar, fazer sapatos, plantar sementes em tempo certo, fazer chapéu de palha, tecer rede. Conhecimentos e habilidades que as condicionam a serem ‘prendadas’, ‘dotadas’, preparadas para um bom casamento e para a formação de uma boa família, onde

se preza o trabalho e a honestidade. Se essas moças trabalham bem, elas até recebem, por parte da instituição, um ‘dote’ na hora do casamento. Só não aprendem a datilografar, a fazer escrituração mercantil, a falar inglês, pois o Padre é terminantemente contra a mercantilização da vida. Nem aprendem a enfeitar bolos açucarados, como se faz nas Casas Grandes.

O tempo dirá se as sementes, aqui espalhadas pelos bispos, vão germinar, crescer e evoluir. Uma coisa me parece certo: trata-se de um processo que pede tempo. Isso eu pude verificar pessoalmente. Nos idos de 1960, quando eu ensinava História da Igreja no Seminário de João Pessoa, constatei que meus alunos não conheciam nem os nomes de figuras como Antônio Conselheiro ou Ibiapina. De Padre Cícero, eles tinham uma ideia vaga e fundamentalmente negativa. Lembro-me que, certa vez, lhes dei uma tarefa de férias: ‘procurem informações acerca do Padre Cícero’. Eles voltaram me dizendo que falaram com seus vigários e sempre receberam a mesma resposta: ‘O Padre Cícero é *persona non grata*’. Como, ao mesmo tempo, eu era vigário de um bairro periférico de João Pessoa, estranhei o fato que o povo – esse sim – guardava a memória de Padre Cícero com carinho. Encontrava, colado na parte interior das portas (de duas bandas), um santinho com os dizeres ‘Padre Cícero, abençoe esta casa’. Finalmente, em 1964, resolvi viajar a Juazeiro do Norte e foi ali que recebi, das mãos da Professora Amália Xavier, um manuscrito intitulado ‘Crônica das Casas de Caridade do Padre Ibiapina’. Assim me encontrei, pela primeira vez, com o Padre Ibiapina. Tentei, durante vinte anos, encontrar uma editora que se dispusesse a publicar o manuscrito, até que a Editora Loyola dos jesuítas, de São Paulo, aceitasse publicar a ‘Crônica das Casas de Caridade’, em 1981. Houve uma segunda edição pelo Museu do Ceará (Fortaleza), em 2006. Felizmente, dois anos depois o Padre

Ernando Teixeira nos brindou com uma edição que se pode considerar definitiva, com notas e comentários, sob o título ‘A missão ibiapina’ (2008).

Um tema importante, relacionado com a atuação de Ibiapina, diz respeito a sua relação com o sistema escravocrata, então em vigor. Gilberto Freyre, o famoso autor de ‘Casa Grande e Senzala’, compara, num artigo publicado em 1942, o modo de se viver nas Casas de Caridade e nas Casas Grandes do tempo (p.116-117). Ele constata: as Casas de Caridade não funcionam por meio de trabalho escravo. Efetivamente, se é verdade que uma Casa de Caridade lembra, em termos de construção, a Casa Grande da época e, além disso, é frequentemente administrada por mulheres da aristocracia, provenientes da Casa Grande. Mas há de se observar que não circulam escravos e escravas.

É verdade que as pensionistas são secundadas por auxiliares de serviços gerais (*mulheres do trabalho*). Mas estas, nas horas vagas, recebem aulas de doutrina e leitura. Após uma permanência de cinco anos nas Casas de Caridade, elas podem optar entre a vida religiosa (irmãs de caridade) e o casamento, recebendo aí o mesmo tratamento atribuído às órfãs, incluindo o dote. É verdade que, na Casa de Caridade vigora a disciplina, mas ela não é em nada comparável ao que sofrem as escravas da época. Os castigos são iguais para todas, pensionistas e auxiliares, circunscritos a penitências (jejum e silêncio), restrições de recreio, eventual retirada de distintivos nos trajes, como escreve Celso Mariz, o mais antigo biógrafo de Ibiapina (1942, p. 253).

Há também as ‘beatas’, que são mulheres livres. Elas constituem um capítulo à parte, que não comento aqui. Se você estiver interessado, veja, de Ernando Teixeira, o artigo ‘Ibiapina e seus beatos’, na Revista Eclesiástica Brasileira (REB) de maio

2009. Veja também, de Hugo Fragoso, o artigo ‘As beatas do Padre Ibiapina, uma forma de vida religiosa para os sertões no Nordeste’, em: Desrochers, G. & Hoornaert, E., Ibiapina e a Igreja dos Pobres (São Paulo, Paulinas, 1984).

O ensino, numa Casa de Caridade, visa facilitar o casamento, na época a chave do problema das mulheres, visa a profissionalização e preparação a trabalhos remunerados. Como já escrevi acima, as meninas aprendem os afazeres de qualificadas ‘donas de casa’. Pois o Padre é intransigente no seguinte ponto: na Casa de Caridade reina a lei do trabalho, não do lucro nem da comodidade de se apoiar em trabalho alheio. Ele não quer saber em comprar terrenos ou casas, só trabalha em cima de donativos, de doações. Existe um texto em que ele deixa claro que entende perfeitamente que a compra leva irremediavelmente ao predomínio de dinheiro sobre o princípio do compartilhamento. Pois não podemos esquecer que, na sociedade brasileira do século XIX, como escreve um autor, *se a relação entre o senhor e escravo se baseia na violência, a relação entre senhor e homens livres é mediatizada pelo favor*. O favor é o grande instrumento da hierarquização da sociedade brasileira no século XIX. Ibiapina intui esse dado com rara lucidez: favor leva a subserviência, à manutenção de relações sociais injustas. Ou se age por amor, ou não se faz nada. Ou se organiza por meio de donativos, ou não se organiza. Reina a gratuidade. É nesse sentido que se entende que o Padre Ibiapina manda o Beato Inácio ao Rio de Janeiro para colher esmolas, um dado que é realçado no primeiro capítulo do livro aqui em apreço (pp. 19-23), que traz um texto muito interessante do então bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda (1830-1890). Essas esmolas, com insiste Mariz, não são ‘favores’, são expressões de caridade cristã: “a instituição não recebia de presente, não comprava e não possuía escravos” (MARIZ, 1942,

p.257). O Padre Ibiapina, no dizer do mesmo autor organiza “uma obra de assistência e educação, a fim de socorrer os trabalhadores e preparar para fins domésticos a mulher pobre dos sertões” (MARIZ, 1942, p. 4). Isso sem qualquer ajuda por parte do poder público, voltado para os interesses das capitais e dos centros urbanos e desinteressado em oferecer ensino público dirigido ao sexo feminino. O Padre conta com as energias da população camponesa e, com o tempo, suas obras se revelam superiores às do governo dos estados. Ele conta com o mutirão, a livre e espontânea colaboração das pessoas, algo que o governo não consegue. Além disso, usa materiais locais, não gasta inutilmente, tira proveito do que a realidade local lhe oferece.

Termino trazendo mais uma recordação pessoal. Anos atrás, vivendo em Fortaleza, surpreendi o Cardeal Aloísio Lorscheider, em sua casa, lendo a ‘Crônica das Casas de Caridade’. Ele me disse: *Aqui está a realidade do Nordeste*. Uma realidade que continua, mais que nunca, nos desafiando.

Salvador, 20 de setembro de 2019.

CAPÍTULO 14

O PAPA CHINÊS

Eduardo Hoornaert

No dia 4 de maio de 2010, José Comblin fez uma palestra em Salvador sobre ‘os desafios do século XXI’. Ao terminar a fala, um dos presentes, angustiado com as perspectivas sombrias para a igreja católica, perguntou: ‘Padre Comblin, quando é que a igreja vai finalmente mudar?’. Ele respondeu: ‘A igreja católica mudará quando o papa for chinês’.

Eis uma resposta inesperada e não sei como o público presente a entendeu, pois logo depois foi encerrada a sessão. Pensar tratar-se aqui de uma piada é equívocado. Na realidade, o Mestre Comblin estava apontando um futuro que os católicos não costumam imaginar.

Costumamos ver o catolicismo como uma religião visceralmente ocidental, mas pode ser que isso venha mudar em anos vindouros (no século XXII?). Nada sabemos sobre o futuro, mas pela análise do presente e, principalmente, do passado, é possível apontar algo no futuro.

O que houve no passado? Nos últimos quinhentos anos, um catolicismo proveniente da Europa se espalhou pelo mundo

e se fixou nas duas Américas e na África abaixo do Saara, tudo por meio dos processos violentos da colonização e dominação. Ao iniciar a aventura colonial, a Europa era visceralmente católica e, mesmo sem querer, introduziu estruturas, ideias e imagens católicas nos territórios colonizados. Tentou também de modo insistente penetrar nas culturas do Oriente, mas não conseguiu. Principalmente a Índia e a China resistiram, pois são terras de muita identidade cultural.

O resultado desse processo colonial se traduz hoje na porcentagem de cristãos no mundo: 34% vivem nas Américas, 26% na Europa, 23,6% na África do sul do Saara. Apenas 13,1% vivem na Ásia e no Pacífico. Não falamos aqui dos poucos 0,6% de cristãos vivendo no Oriente médio e na África do norte, onde predomina o islamismo. Estados Unidos, Brasil e México são hoje os três países com o maior número de cristãos, o que mostra claramente que são países formados pela colonização europeia. A Índia e a China têm uma porcentagem de cristãos mínima, e isso mostra que a Europa não conseguiu penetrar na Ásia da mesma forma que penetrou nas Américas e na África equatorial. Mas, como esses dois países abrigam uma população enorme (mais de um bilhão na China e quase um bilhão na Índia), o número de cristãos aí é considerável e continua crescendo. Esse crescimento se opera num clima muito menos marcado pelo colonialismo europeu e por isso há condições mais favoráveis de se formar aí, com o tempo, um tipo de catolicismo menos ocidentalizado e mais integrado nas culturas locais.

Eis um prognóstico a ser contemplado: o futuro do catolicismo pode estar na Ásia e isso é uma perspectiva positiva, quando se considera o que está acontecendo atualmente com o catolicismo nos países ocidentais.

Já nos anos 1950 era possível perceber um declínio do catolicismo na Europa. O fenômeno não se observava no interior

rural dos países, mas de forma crescente nas grandes cidades como Paris, por exemplo, onde o futuro papa João XXIII era núncio apostólico na época. Ele percebia o problema e essa percepção é uma das razões pelas quais ele resolveu convocar o concílio Vaticano II (na década de 1960). Alguns bispos entendiam as intenções profundas do papa, mas a maioria ainda não tinha percebido o que estava acontecendo e pensava que a igreja católica continuava, como sempre, seu caminho triunfal. Não se percebia tampouco que o inimigo do catolicismo vivia dentro dos muros e das paredes do Vaticano, das cúrias diocesanas e das casas paroquiais, ou seja, dentro do próprio sistema.

Esse inimigo não tinha nome, mas se tratava na realidade de autoritarismo. Enquanto o mundo ocidental caminhava para a democracia, a igreja católica permanecia autoritária. Isso fez com que não conseguisse responder aos desafios do mundo moderno, que fazia continuadas experiências na linha da democracia. E, como nos ensinam historiadores como Spengler e Toynbee, um modelo social que não consegue responder aos desafios do momento, desaparece aos poucos. José Comblin foi um dos primeiros sacerdotes de seu tempo a perceber que o catolicismo belga não correspondia mais aos desafios da sociedade. Ele achava que não havia mais nada a fazer, como sacerdote, em sua terra natal. Em 1958, aos 35 anos, decidiu vir para o Brasil, onde pensava encontrar um catolicismo capaz de responder aos desafios da atualidade. Até os anos 1980, parece que as coisas confirmariam as intuições do teólogo, pois surgiram iniciativas de renovação da igreja católica no Brasil, como as comunidades de base, a leitura popular da bíblia, o compromisso com o mundo dos pobres, a teologia da libertação, a formação de leigos, e outras iniciativas. A ilusão se dissipou com a ascensão de João Paulo II ao trono papal. Aí as coisas mudaram rapidamente. A nova

palavra de ordem passou a ser: ‘voltar à disciplina de sempre’, ou seja, voltar à igreja anterior ao Concílio Vaticano II, a igreja da obediência e da hierarquia. E aí muitos católicos dos mais lúcidos começaram a não frequentar mais a igreja. O abandono verificado na Europa alastrou-se nas Américas e atualmente a igreja católica do Brasil perde por ano aproximadamente meio milhão de fiéis. O movimento de declínio não para.

Não há razões para dramatizar. Como os historiadores acima citados nos lembram, a história rejeita quem se recusa a participar dela. Quem não tem respostas para os desafios do momento sai do mapa. As coisas realmente interessantes hoje se passam fora do mundo ocidental. À nossa frente surgem dois grandes países, em franca evolução, onde o modelo católico ocidental só se aplicou em minúsculas experiências sem maior importância e onde, por conseguinte, existem condições favoráveis a uma enculturação frutuosa do cristianismo nas antigas sábedorias budistas, confucianistas e/ou hinduístas. Hoje, a Índia e a China mostram o caminho. Aí existe a possibilidade de um catolicismo voltado para o futuro. Não se deve lamentar glórias e sucessos passados, pois, afinal, tudo é história, tudo é passagem.

Por que não dar a Deus licença para passar ao outro lado do mundo? Eis o sentido, penso, da resposta do teólogo a seu interlocutor: ‘A igreja católica mudará quando o papa for chinês’.

←—————→
CAPÍTULO 15

OS PRIMEIROS ESCRITOS DE JOSÉ COMBLIN

Eduardo Hoornaert

Proponho-me a comentar aqui escritos menos conhecidos de José Comblin, principalmente os que ele elaborou ainda na Bélgica antes de viajar ao Brasil (1950-1958) ou nos primeiros anos do Brasil, quando ele ainda escreveu em francês (1958-1965). Penso em juntar também um comentário aos dois volumes de sua Teologia da Revolução, igualmente escritos em francês e publicados no início dos anos 1970. A intenção é de realçar a **figura intelectual** de Comblin, um aspecto talvez menos conhecido de sua personalidade.

Vamos aos seus primeiros escritos, elaborados em torno de sua Tese de Doutorado em Teologia na Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, no início da década de 1950. Bem jovem, Joseph Comblin (1923-2011, ainda não José) entra no seminário católico de Malinas, na Bélgica, e, se revelando bom nos estudos, é enviado à Universidade de Lovaina para estudar teologia.

Por que o estudante escolhe, para a difícil prova do Doutoramento em Teologia, trabalhar sobre o Apocalipse de

São João? Curvado sobre o texto, no silêncio de seu quarto de estudos, lendo as primeiras palavras do Apocalipse: *Desvelamento de Jesus Cristo*, ele se sente atraído pela poderosa mística que emana do texto. Assim imagino. A mística que fez com que Mateus, em seu Evangelho, escrevesse: *nada que é velado deixará de ser desvelado, nada que é escondido ficará desconhecido. O que lhes digo na escuridão, repitam à luz do meio dia, o que se lhes sussurra na orelha, gritem em cima dos telhados* (10, 26-27). Urge revelar Jesus Cristo o mais depressa possível, pois Jesus fica escondido por demasiado tempo. Há de se gritar *em cima dos telhados* o que se sussurra na orelha. Urge mostrar o que se **deve** mostrar, o mais depressa possível (Apoc. 1, 1). Nos textos do Novo Testamento se encontram nada menos de cem exortações acerca do que ‘deve’ acontecer, do que ‘deve’ ser anunciado: O Filho do Homem **deve** sofrer e morrer (Mt 8, 31), eu **devo** ocupar-me das coisas de meu Pai (Lc 2, 49), O Filho do Homem **deve** ser elevado da terra (Jo 3, 14). Tudo isso urgentemente, o mais depressa possível. Para João, o místico judeu que escreve setenta anos após a morte de Jesus, não há mais tempo a perder. Jesus Cristo tem de ser revelado logo:

*Feliz quem lê e os que escutam
As palavras da profecia
E que guardam as coisas nelas expressas
Pois o momento, sim, urge* (Apoc. 1, 3).

Como ressoam essas palavras na alma de um estudante, que cursa numa Universidade conhecida e estimada por procurar alcançar ‘ideias claras e precisas’ sobre o que vai escrito? Onde textos considerados obscuros e enigmáticos, permeados de imagens de difícil interpretação, costumam ser deixados de lado?

Aqui já temos uma primeira imagem do intelectual Joseph Comblin. Em meio a um ambiente intelectual impregnado de ‘cartesianismo’, ele se abre a um texto místico, cuja leitura postula, antes de tudo, o exercício de uma **inteligência intuitiva**, aquela inteligência que consiste em ver Deus nas coisas, como escreve Spinoza em sua ‘Ética’. Joseph não tropeça sobre imagens como a da luta entre a ‘Besta’ e os seguidores do ‘Cordeiro imolado’, do ‘Cavaleiro montado num cavalo branco’, do ‘Filho do homem’ a segurar sete estrelas na mão direita e uma espada afiada (que corta de dois lados) saindo da boca, etc. Ele não fica assustado com o turbilhão de imagens do Apocalipse, pois capta a inspiração geradora dessas imagens, dos símbolos, sugestões e evocações fortes e impactantes.

Penso que a opção do estudante Joseph Comblin, no sentido de escolher trabalhar em cima do Apocalipse, diz muito, não só sobre seu perfil intelectual, mas também sobre seu temperamento. Ao longo de sua vida posterior, ele vai demonstrar que vem para ‘desvelar’, ‘revelar’, provocar, desafiar a inteligência de seus ouvintes, leitores e interlocutores.

O estudante Joseph se sente atraído pelo visionário judeu João, que ‘descobre’ Jesus Cristo, retira o véu da incompreensão, por meio de uma compreensão intuitiva de sua figura. Sua poderosa prosa, ‘obra de furor e paz, sangue e luz’, não amedronta o estudante, que resolve fazer sua Tese de Doutorado em Teologia em cima de uma leitura do penúltimo capítulo do Apocalipse, o capítulo 21, acrescido dos primeiros 5 versículos do capítulo 22, à qual dá o título *La Liturgie de la Nouvelle Jérusalem (Apoc 21,1-22,5)*. No referido capítulo surge a esplendorosa visão da Nova Jerusalém, finalmente vencedora da Babilônia, onde reina a ‘Besta’ com seus lacaios. A Nova Jerusalém desce do céu num fulgor de luz e de paz. O jovem teólogo capta por que João opõe Jerusalém

a Babilônia. E, logo após a conclusão de seu Doutorado, ele resolve retrabalhar o texto, alargar o tema e abarcar uma leitura do Apocalipse inteiro. Assim sai à luz seu primeiro livro: *Le Christ dans l' Apocalypse* (Bruxelles, Desclée, 1965).

O livro, editado 56 anos atrás, ainda hoje merece ser lido. Consta do acervo de livros que Comblin, alguns anos antes da morte, doou para a Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Como sou feliz possuidor de um exemplar, dou aqui um breve comentário.

Não é à toa que Joseph retoma pacientemente a longa lista de comentários do texto, que cobrem dois mil anos (como você pode conferir por meio do verbete 'Apocalipse' no 'Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs', editado pela Vozes em 2002, pp. 126-127). Mas, enquanto muitos desses comentários, ao longo dos tempos, se atêm a estranhezas (o número 666; as sete trombetas e as sete taças, os quatro cavaleiros, a espada que corta de dois lados, os candelabros etc.), Comblin focaliza logo o cerne da questão: Babilônia e Jerusalém. A Babilônia, 'a grande prostituta' (19, 2), a 'moradia dos demônios' (18, 2), hospeda a Besta 'que só abre a boca para proferir blasfêmias contra Deus' (13, 6). Ela simboliza sucessivas dolorosas histórias, vividas pelo povo judeu, como o exílio babilônico do século IV aC, por exemplo. A história mais dolorosa se refere à corrupção própria Jerusalém, que decide, por meio de seu Sinédrio, crucificar Jesus. Eis o ponto fundamental, em torno do qual tudo gira. No momento em que Jerusalém condena Jesus, ela se torna cúmplice de Roma, a Babilônia. Mais: ao 'matar o profeta de Deus' (11, 8), Jerusalém vira uma nova Babilônia, domínio do Satã (11, 7-8) e executora dos profetas. Ao se alinhar com Roma, ela não é mais o ponto de convergência dos povos. Nasce uma Nova Jerusalém entre os cristãos, seguidores do mártir Jesus. Relacionando o drama de Jerusalém ao

drama de Jesus, o Apocalipse projeta esse último num cenário mundial. Roma significa a mundialização da profecia de Jesus. Aqui vale a pena ler (para os que estão em condição!) a longa nota 2 das páginas 88-89 do livro que estou comentando, e que não cito aqui por falta de espaço.

A derrota política de Jerusalém no ano 70 dC. (movimento dos zelotes) confirma a visão de João. A cidade histórica deixa de ser referência. Os cristãos fogem da cidade para Pella e aí se tornam o 'resto espiritual de Sião'. Carregam consigo a Jerusalém espiritual. Como Jesus foi condenado **em** Jerusalém **por** Roma, os cristãos fogem de Jerusalém **e** de Roma. A Nova Jerusalém é irreduzível a Roma. No momento em que Roma reivindica a supremacia sobre o mundo, ela entra em conflito com Jesus (veja pp. 190-191).

Embora seu primeiro livro seja um primor, Joseph não se dá por satisfeito, pois sabe que esse livro nunca será lido por um público não versado em teologia. Então resolve retrabalhar o tema de modo menos acadêmico, em forma de ensaio, deixando de lado o pesado aparelho bibliográfico e mesmo a referência ao Apocalipse. Assim aparece em 1959 um novo livro, intitulado *La réssurrection de Jésus Christ. Essai* (Paris, Éditions Universitaires, 1959) e logo traduzido em neerlandês *Hij is verrezen. Essay* ('Ele ressuscitou. Ensaio'; s' Gravenhage, Pax, 1963). O livro é bem acolhido, ganha um elogio do professor holandês Grossouw, na época uma referência no mundo teológico e pastoral de língua neerlandesa: 'Comblin é legível por um leigo não especializado, mas não é superficial. Não procura sensação por teses ousadas. Ele é um verdadeiro ensaísta. Paira um ar de liberdade. O leitor se sente bem, pois o autor não se exhibe conhecimentos e conduz o leitor pela mão, como um guia. Ele é um autor 'profano', ou seja, dialoga com o mundo profano. Critica a teologia medieval que não

entende a ressurreição, pois vive encapsulada na cristandade e não tem perspectiva de futuro diferente, democrático e secular. Mostra-se a favor da secularização e da democracia' (edição neerlandesa, pp. 9-11).

Esses elogios fazem pensar em algo que permeia toda obra teológica de Comblin: ele não está empenhado em provar que 'entende do assunto', mas quer dialogar com seu leitor, sua leitora. Escreve em tom 'ensaístico', não 'dogmático', e nisso acompanha diversos bons teólogos da época, como Michel de Certeau, que não se refugiam numa 'especialidade', mas transitam livre e competentemente por diversos campos de conhecimento. Teólogos que não têm medo de enfrentar os grandes temas do cristianismo, acima das controvérsias, não se perdem em minúcias, não apresentam erudição, não entram em discussões e controvérsias, não discutem pormenores, mas só tratam de *dados primários e fundamentais*. Comblin não se exhibe, vai direto ao assunto e pressupõe, por exemplo, que seu leitor seja bastante inteligente para captar que, em seu livro 'A ressurreição de Jesus Cristo', por exemplo, ele se move em campo místico, não definidor nem doutrinador. O autor nada mais pretende que apresentar uma síntese, provocar uma conversa com o leitor e, ao mesmo tempo, instigar a reflexão.

Desde esses primeiros livros, ao comentar o Apocalipse e o Evangelho de João, escritos considerados difíceis pelos exegetas, ele revela a humildade e sinceridade de um grande intelectual. Não pretende dizer a última palavra, não se refugia atrás de seu título de 'Doutor em Teologia', não se exhibe como exegeta, conversa com seu leitor, sua leitora, está interessado em fazer com que se reflita. Enquanto os exegetas têm medo de comentar o Apocalipse, dizendo que não dominam a complexa literatura apocalíptica judaica da época, Joseph avança e depura o que está 'por trás das palavras' desse texto em muitos pontos enigmático. Permanece 'provisório', 'incompleto', consciente

da provisoriamente de qualquer interpretação de textos tão complexos como são os textos atribuídos a João Evangelista.

Acrescento aqui um dado importante. Joseph vê no Apocalipse a chave de compreensão do quarto Evangelho. Uma fértil intuição, embora não aceita por todos os especialistas. Comblin enxerga no Evangelho a mesma poderosa prosa que ele encontrou no Apocalipse. João é alguém que parece dizer, a cada momento: como foi possível aparecer no mundo uma figura humana como Jesus! Ele eleva a figura de Jesus ao mais alto dos céus, ao mundo sublime de Deus, à própria convivência divina. O que atrai no texto de João é a mais viva emoção que transparece a cada momento: a Verdade, a Luz e a Glória alcançam nosso mundo na pessoa de Jesus de Nazaré! Uma obra de excepcional inteligência intuitiva. Embora provavelmente poucos episódios narrados por João tenham a ver com acontecimentos reais, ocorridos na vida de Jesus, eles (as conversas com Nicodemos e com a mulher samaritana, a ressurreição de Lázaro, etc.) captam maravilhosamente o espírito de Jesus e do primeiro cristianismo.

Hoje temos o ‘best seller’ ‘The fourth Gospel’ (O quarto Evangelho, Harper One, 2013), do exegeta e bispo norte-americano (da igreja episcopal) John Shelby Spong. Mas quando lemos esse livro, verificamos – não sem surpresa – que, no fundo, o Comblin de 1959 combina com o Spong de 2013. Claro, o primeiro não dispõe do instrumental de análise linguística do segundo (escreve numa antecedência de mais de 50 anos), mas é interessante verificar que ambos concordam no essencial: a obra de João Evangelista e a obra de um místico judeu do final do século I d.C., dotado de grandes habilidades literárias, de uma inteligência intuitiva excepcional.

Gostaria, para terminar, de comentar a impressão que o teólogo francês Yves Congar teve dos primeiros trabalhos de Comblin, especificamente dos dois volumes da sua *Théologie de*

la Paix (*Principes*, editado em Bruxelles, Éditions Universitaires, em 1960, e *Applications*, pela mesma editora, em 1963), que Joseph – por sinal – redigiu a pedido do Cardeal Léon Suenens, da Bélgica. Congar escreve que esses livros são *um peu touffus* (‘um pouco espessos’, ou seja, sobrecarregados de detalhes).

É verdade. Mas há como argumentar que esses detalhes e essas frequentes anotações ao pé das páginas revelam algo que, com os anos, desaparecerá dos livros de Comblin: a preocupação em fundamentar a teologia na história concreta dos homens. Ao longo de toda a sua produção intelectual, José aborda sempre seus temas teológicos por meio de **considerações históricas**, e isso exige entrar em pormenores, escrever longas páginas para apresentar temas que, para muitos, pertencem a um passado morto. Acontece que o passado não está morto, mas vive no presente. ‘Quem desconhece o passado está condenado a repeti-lo’, diz o ditado. Ao longo de sua vida de intelectual, Comblin se distingue de muitos de seus colegas teólogos por nunca omitir a dimensão histórica do estudo teológico de não ‘pular’ em cima da história e evocar simplesmente a vida dos primeiros cristãos para apresentar experiências de hoje (na apresentação das Comunidades Eclesiais de Base [CEBs], por exemplo). José nunca passa diretamente da Bíblia ou dos primeiros tempos cristãos para a situação atual. Sempre considera a ‘tradição’, ou seja, a mediação dos dois mil anos de cristianismo. Assim ele não fala em CEBs sem falar da paróquia. Convencido que ‘o passado vive em nós’, não é nunca página virada. Negligenciado, pode se vingar, de modo inesperado.

Concluindo. Nos primeiros livros de Joseph Comblin, ainda dos anos 1950, que acabei de comentar acima, encontramos um estudante em teologia que consegue ver claro num turbilhão de imagens e símbolos, muitos deles enigmáticos para nós hoje. Um estudante capaz de superar a condição de

‘inteligência confusa’ e dizer as coisas com clareza meridiana. Uma clareza que – à primeira vista – se apresenta como ousadia, mas que na realidade é uma clarificação do pensamento (embora a muitos se apresente como provocação). Nesse sentido, o ‘Desvelamento (a apocalipse) de Jesus’ é o desvelamento da história do mundo, simbolizada pela transformação da Antiga Jerusalém, vergonhosamente humilhada pela Babilônia e que acabou se submetendo ao poder da ‘Besta’, em uma Nova Jerusalém, espiritual, que desce do céu e liberta os habitantes dos poderes imperiais deste mundo. Encontramos aqui outra poderosa imagem metafórica, a do Reino de Deus, que subjaz às falas de Jesus de Nazaré.

Salvador, 22 de fevereiro de 2021.

CAPÍTULO 16

FRACASSO DA AÇÃO CATÓLICA

Eduardo Hoornaert

O livro, já antigo, de José Comblin, intitulado *Échec de l' Action Catholique?* (Fracasso da Ação Católica?), publicado no ano 1961 pelas Éditions Universitaires de Paris, ainda tem algo a nos dizer hoje? Focado numa situação do passado, concretamente na situação da Ação Católica nos anos 1950-60, ainda pode suscitar nosso interesse hoje?

Vejam os debates suscitados no ambiente da Universidade Católica de Lovaina, onde Joseph acaba de terminar seu curso em Teologia, que focalizam situações vivenciadas pela Ação Católica e pela Igreja Católica em geral, na Europa, sessenta anos atrás. Diversos professores de Comblin participam dos debates, como Philips, Moeller, Dondeyne, Thils, Suenens, Cerfaux, Aubert. Principalmente Gustave Thils (1909-2000), que publica para o grande público e produz uma série de publicações muito lidas e comentadas: *Théologie des Réalités terrestres* (2 vol. 1946-1949); *Christianisme sans Religion?*

(1968); *Syncretisme ou Catholicité?* (1967) [‘Teologia das realidades terrestres’; ‘Cristianismo sem religião?’; ‘Sincretismo ou catolicidade?’]. É principalmente seu livro anterior, *Mission du Clergé et du Laicat* (‘Missão do Clero e do Laicato’, 1945) que deve ter atraído a atenção do estudante Comblin. Outra referência é Gerard Philips (1899-1972), Professor de Teologia Dogmática, Assistente Eclesiástico Nacional da Ação Católica na Bélgica e, como tal, participante do Congresso Mundial do Apostolado do Laicato, em Roma, 1957. No livro que aqui comento, Comblin o cita seis vezes contra Journet três vezes, Hourdin, Garonne, Congar (*Jalons pour une Théologie du Laicat*, Seuil, Paris, 1953: ‘Balizas para uma Teologia do Laicato’) duas vezes, Suenens, Rahner, Civardi e Hoyois uma vez. Outros nomes entram no debate: Charles Moeller (1912-1986), o querido Professor Lucien Cerfaux (1883-1968) e, finalmente, o Professor historiador Roger Aubert (1914-2009), cujos enfoques historiográficos marcam a produção teológica de José Comblin ao longo da vida.

O livro que estamos comentando é o primeiro de uma longa lista que Comblin escreve em torno de questões do momento, ou ainda no sentido de assessorar autoridades eclesiais. Aqui já descobrimos uma importante opção intelectual de sua parte: dar mais importância à assessoria intelectual em torno de questões do momento que ao ensino regular em seminários ou universidades. Essa opção percorre toda a sua vida. Os dois volumes de sua *Théologie de la Paix* (1961-1962) foram escritos a pedido do Arcebispo Suenens, de Bruxelas. E, na América Latina, Comblin será mais tarde assessor não oficial de quatro bispos: Helder Câmara, José Maria Pires, Manuel Gonzales (Chile) e Leônidas Proaño (Equador).

UM SENTIMENTO DE DESCONFORTO.

O que nos interessa aqui é saber se essas reflexões em torno da Ação Católica, de sessenta anos atrás, contêm algo que nos interessa hoje. Para tanto, vejamos por uns instantes quais os sentimentos do autor ao decidir comentar um possível ‘fracasso’ da Ação Católica.

Ao abrir o livro hoje, sentimos que nele vai a comoção, e até desorientação, de um jovem sacerdote que pensou penetrar num mundo de referências seguras, e em pouco tempo constatada que esse mundo se desmorona rapidamente.

Quando, em 1950, aos vinte e sete anos, ele é nomeado vigário auxiliar numa paróquia de Bruxelas, ele carrega consigo o entusiasmo de uma geração de jovens sacerdotes que têm como modelo o Padre Joseph Cardijn (1882-1967), fundador da Juventude Operária Católica (JOC), um movimento na época em plena expansão, já divulgado em 60 países. Mas na paróquia não se sente nada disso. Nela reina um sentimento de perda. A assistência à missa diminui aos poucos, as vocações sacerdotais também, os católicos se sentem marginalizados em meio ao progresso das ciências e as vivências de novas liberdades. A paróquia, instrumento principal da pastoral católica ao longo de séculos, não cumpre mais sua função social de formar um ‘povo de Deus’. Crenças secularmente incontestes desmoronam e não há resposta pronta. Desorientação por toda parte (o que escrevo aqui representa a situação em Bruxelas e nas cidades grandes. No interior, a situação é bem diferente). Numa entrevista, concedida em 2008 (três anos antes de sua morte) a um jornal chileno, Comblin rememora esse período de sua vida (a tradução do castelhano é minha) e cava fundo: *eu não queria mais assistir a essa lenta decadência da igreja na Europa, sobretudo com a convicção de que esse processo era o resultado de **erros***

gigantescos da hierarquia católica, que nunca entendeu a evolução do continente, porque queria defender seus privilégios da cristandade medieval. Será que a Ação Católica é uma resposta?

A AÇÃO CATÓLICA

A Ação Católica emerge na igreja católica nos inícios da década de 1920, por iniciativa de sacerdotes decepcionados com o papel exercido pela igreja por ocasião da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Como foi possível que, quando países ditos cristãos partiram para uma guerra fratricida tão cruel, a igreja ficou em silêncio? Como foi possível que a igreja católica na França, por exemplo, deixou de tomar posição no famoso caso Dreyfus? Um militar de alto patente é injustamente condenado por ser judeu, e as autoridades eclesíásticas não reagem. Esse caso, como dizem os historiadores, foi o estopim da convulsão de 1914-1918.

A parte mais consciente do clero, na França e na Bélgica, pondera: é preciso salvaguardar a juventude católica de tais aventuras perigosas. Efetivamente, a Ação Católica consegue preservar grandes segmentos da juventude católica da ‘contaminação’ por ideias que passam por ‘modernas’, mas na realidade são perigosas. Trata-se de jovens que estão sob o controle da igreja católica. Nesse sentido se pode dizer que a Ação Católica perpetua e atualiza o trabalho tradicional da paróquia, no sentido de preservar, proteger, afastar influências consideradas nefastas, dinamizar energias positivas.

Quando, na mesma década de 1920, a paróquia entra em declínio, as esperanças se voltam para a Ação Católica. Nas cidades grandes, como Paris, Marseille, Bordeaux, Lille, Bruxelas, etc. a assistência à missa e aos sacramentos vai diminuindo gradativamente. O catolicismo ainda resiste no mundo rural, mas,

nas cidades, o declínio é patente. O Professor Gerard Philips, mencionado acima, escreve: *verifica-se um êxodo de fiéis nas cidades e um refúgio do catolicismo no mundo rural.*

No final do decênio, em 1929, o Papa Pio XI também volta sua atenção para o fenômeno da perda de fiéis e vê igualmente a salvação do catolicismo na Ação Católica. Ele dá a entender que ela teria capacidade de reconquistar a cultura ocidental ao catolicismo. Ou, dito em outros termos: ele atribui à Ação Católica uma capacidade ‘apostólica’. É o que se entende pela expressão ‘Apostolado Leigo’. O papa insiste: ‘que a Ação Católica venha socorrer o clero na missão apostólica’.

No livro em apreço, Comblin dá a entender – sempre em termos velados – que o apelo do papa é baseado numa pressuposição. É uma constatação extremamente grave que implica em afirmar que o catolicismo tenha perdido a apostolicidade dos apóstolos de Jesus no transcurso da história. Que não consegue mais ‘evangelizar’, pois não adianta falar em ‘apostolado’ num sentido que não corresponde ao que se lê nos evangelhos. Enraizada numa longa história de ritos, regulamentos, dogmas, comportamentos morais e tradições transmitidas de geração em geração, a igreja católica não tem nada a oferecer a quem está caminho de abandonar tais ritos, regulamentos, moral e costumes. Enquanto os sacerdotes ainda podem camuflar essa penosa questão entendendo por ‘evangelizar’ a execução de ritos sacramentais, a celebração de missas, a reunião do povo em torno da igreja paroquial, os leigos demonstram à clara luz do dia essa incapacidade de evangelizar. Eles mesmos não sabem mais o que é o evangelho. Confundem entre evangelho e ritualismo, moralismo, preservação da família e das tradições, sabedoria de séculos.

A Ação Católica, enquanto exerce bem seu papel de educadora da juventude católica, não consegue corresponder ao

que o papa dela espera. Ela não penetra naqueles segmentos da sociedade que não se declaram mais ‘afiliados’ a alguma instituição religiosa (e que, de modo não tão exato, costumam ser chamados de ‘sem religião’).

Observo aqui que esses segmentos, desde as análises de observadores como Joseph Comblin, não deixaram de crescer. Em 1929 ainda podiam ser ignorados. Mas hoje, em 2021, os ‘no affiliated’ a alguma religião já são um quarto da população dos Estados Unidos (veja os números do Pew Center na Internet). A situação na Europa não deve ser muito diferente. Na América Latina, os ‘sem filiação religiosa’ já passam dos 10%. É o segmento que mais cresce, nas estatísticas sobre o item ‘religião’.

Em 1929, o Papa não viu, ou não quis ver, que a igreja católica não tinha condições de enfrentar a modernidade, ou seja, a visão do mundo que se estava de desenvolvendo – lenta e persistentemente – após os *erros gigantescos, cometidos pela hierarquia na Idade Média*, como declara Comblin na entrevista acima citada. A impressão é que o Papa Pio XI estava longe de perceber a fragilidade e provisoriedade da igreja católica, assim como de qualquer institucionalização do espírito cristão, seja ela a Ação Católica ou qualquer outra iniciativa. No momento em que ele pensou conferir à Ação Católica uma missão ‘apostólica’, que seria a de re-evangelizar segmentos significativos de uma população europeia em processo de afastamento da fé tradicional (um processo que na época se chamava ‘secularização’), ele falhou em sua análise da realidade. A impressão que se tem é que o Papa Pio XI, por ‘apostolado’, entendia o cuidado com o povo cristão, a proteção desse povo diante de perigos ‘de fora’, não a conquista do mundo segundo os ordenamentos de Jesus de Nazaré. Preservação de segmentos conservados contra o comunismo e o socialismo. Por exemplo:

uma peregrinação de Jocistas a Roma só é recebida pelo Papa depois de este certificar que a JOC não é ‘socialista’.

A ineficácia da palavra do Papa Pio XI ainda se verificou mais tarde, e de modo traumático. Numa mensagem dirigida aos bispos alemães em 1937 sob as palavras *Mit brennender Sorge* (‘com grande preocupação’), o papa escreveu com insistência: ‘guardem distância do nazismo’. Palavras que se dissiparam no vento. Os bispos não fizeram nada. Foi preciso que, bem mais tarde, um teólogo como Metz apontasse o terrível campo de concentração de Auschwitz, onde milhares e milhares de judeus foram cremados vivos, para que a igreja alemã alertasse para o abismo em que caíra.

O apelo do papa patenteia uma realidade dura, difícil de ser aceita em meios católicos: não dá como enfrentar o mundo moderno sem rever métodos secularmente usados para congregar o povo. Lutar contra as ‘liberdades modernas’ ou contra ‘o progresso das ciências’ é perder tempo.

A INSTITUIÇÃO CATÓLICA, TAL QUAL SE APRESENTA HOJE, PODE SER CONSIDERADA ‘APOSTÓLICA’?

O jovem teólogo Comblin vai mais longe que seu Mestre Philips na análise da situação em que a instituição católica se encontra. Quando esse último, na página 82 do livro em apreço, constata que *muitos leigos se declaram incapazes de sustentar com não-católicos um contato realmente produtivo*, Comblin comenta: *isso revela a **fraqueza de alma** dos cristãos. Se, no fundo de si mesmos, os cristãos não têm uma **tensão espiritual**, o apostolado é impossível* (ibidem).

Essas palavras fazem pensar: *fraqueza de alma dos cristãos; falta de tensão espiritual*; e, no texto citado mais acima, *erros gigantescos cometidos pela hierarquia católica no passado*.

No passado, a igreja era especialista em pregar ‘ideias sábias’, preceitos de uma sabedoria transmitida de geração em geração: respeito às autoridades, obediência a regras religiosas e morais, preservação da família e das boas tradições. Isso foi a tarefa da igreja durante séculos e nisso reside, exatamente, a confusão. Pois o evangelho não é uma sabedoria transmitida de geração em geração, é a subversão dessa sabedoria milenar. É outra coisa. Como expressa Paulo em sua prosa inconfundível, no corpo místico de Cristo não vigora a hierarquia ‘da boa tradição’, mas uma hierarquia invertida: o fraco no centro, o forte a serviço do fraco. Ou, como diz o próprio Jesus em Lucas 14:26, de modo extremamente incisivo: se quisermos seguir a ele, temos de aprender a ‘odiar’ os que amamos (os parentes): *se alguém se aproxima de mim e não odeia* (o verbo grego ‘miseô’ significa ‘odiar, rejeitar, negar’) *seu próprio pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs e até a si mesmo, ele não pode ser meu discípulo*. Não se trata aqui de um ‘ódio’ por desavença ou desentendimento, mas por entendimento de um nível diferente de relacionamento com os demais e consigo mesmo, como demonstra a inclusão das palavras: (odiar) *até a si mesmo*. Uma verdadeira subversão dos valores, uma ‘Umwertung aller Werte’, como escreveu Nietzsche. Eis o cristianismo de Jesus, desconhecido por quem pensa que o cristão precisa se integrar na sociedade existente, obedecendo, respeitando, seguindo as regras de uma convivência harmoniosa.

Jesus usa outras expressões igualmente fortes para expressar o que ele vem fazer, como a exigência de enxergar o bem numa pessoa que não aparenta nada de bem, perdoar setenta vezes sete vezes, andar na companhia de exploradores do povo (publicanos) e de mulheres da vida. Isso não tem nada de ‘sabedoria ancestral’. É, como escreve Comblin, *tensão espiritual*, superação de uma *fraqueza de alma*.

Curvado sob o peso de tradições seculares, a igreja católica tem dificuldade em captar a novidade do evangelho. Seu passado pesa muito no presente. A maioria dos cristãos não entende que o evangelho postula uma rejeição da sabedoria tradicional que recomenda obediência, seguimento das leis, respeito pelas autoridades, bom comportamento. Que o evangelho é uma ‘boa nova’ subversiva, o seguimento de um Jesus subversivo. Para a maioria dos fieis, Jesus não constitui mais nenhum desafio. Foi ‘amansado’, integrado na cultura. Não é mais novidade, não tem mais nada a dizer, fica enquadrado em dogmas, doutrinas e ritos, aparecendo nas imagens de um Jesus Cristo ‘humilde e doce de coração’, de um ‘Coração de Jesus’, integrado na boa família, educador de boas maneiras. Jesus revolucionário? Nem pensar.

Ao apontar *erros gigantescos cometidos pela hierarquia*, principalmente ao longo da Idade Média, Comblin alude ao fato que, naquele período, se formou um ‘povo de Deus’ por meio de uma hegemonia política, cultural e religiosa. Não por meio do apostolado, no sentido evangélico.

A mutação do sentido atribuído ao termo apostolado foi uma evolução de séculos, e hoje ficamos perplexos, pois nos damos conta que resgatar o sentido original do apostolado é coisa muito difícil hoje, como o livro em apreço deixa entender a cada página. Mudar de postura psicológica, convencer-se que é preciso mudar de mentalidade e abandonar o complexo de superioridade de quem se sente herdeiro de um glorioso passado. Não se vira página de séculos de triunfalismo católico por sem esforços continuados. Um passado tão glorioso como o do catolicismo, se não for redimido pelo espírito genuíno do cristianismo, ameaça voltar com redobrado vigor, como alertam não poucos observadores. Como reza o ditado: ‘Quem desconhece o passado é condenado a repeti-lo’. Ou ainda: ‘O

passado vive em nós'.Estamos tão acostumados a ver a igreja no centro, o bispo com mitra na cabeça e o padre com microfone na mão, que perdemos o senso do que seja 'apostolado leigo'.

Para concluir: podemos dizer que o livro *Fracassou a Ação Católica* chega a uma conclusão que combina perfeitamente com o dito de Chesterton: *o cristianismo não falhou: ainda não foi tentado*.

Salvador, 14 de março de 2021.

CAPÍTULO 17

O QUE ME INSPIRA HOJE NA OBRA
DE JOSÉ COMBLIN

Eduardo Hoornaert

O que hoje me inspira na obra de José Comblin é a recorrência de três temas que se podem detectar em toda a sua produção intelectual e que resumo aqui em três frases: 1. O que passou, passou; 2. O passado vive em nós; 3. O Espírito Santo. Termino o texto com um quarto ponto: Como ler os livros de José Comblin?

O QUE PASSOU, PASSOU

Ao longo de seus livros, José insiste, mesmo sem usar as palavras que estou usando aqui, que o passado glorioso da igreja católica passou e que isso é bom. Passou o tempo das gloriosas catedrais, das igrejas paroquiais no centro das aldeias, das mitras episcopais e mesmo dos microfones nas mãos de sacerdotes. Isso é bom, pois significa – direta ou indiretamente – a superação de uma época que não existe mais, a época em que

a igreja católica era a instituição mais poderosa das sociedades ocidentais, com seu papado no topo, suas dioceses espalhadas pelo mundo, suas paróquias a marcar as horas do dia, os dias da semana, as semanas do ano e os anos da vida, ou seja, a acompanhar a vida das pessoas do nascimento à morte, por meio de ritos, pregações, regras de conduta e instrumentos de coerção.

Quando José Comblin fala de um passado que passou, ele se refere à Idade Média, o tempo do triunfo da instituição católica. Num de seus textos, ele fala dos *erros gigantescos praticados pela hierárquica eclesiástica* na época, principalmente do erro fatal em construir uma cristandade sem praticamente nenhuma referência ao Jesus de Nazaré, ou seja, em substituir a tradição de Jesus pela construção de um imaginário impressionante de poder e glória, sem apelar, a rigor, para a inteligência das pessoas.

Desse modo se formou um ‘povo de Deus’ por meio de uma hegemonia política, cultural, religiosa e imaginária. Não por meio do apostolado, no sentido em que Jesus entendeu o termo. O desvio *gigantesco* nos deixa hoje perplexos, pois nos damos conta que resgatar o sentido original do cristianismo é coisa muito difícil hoje. Muito difícil mudar de postura psicológica, convencer-se que é preciso mudar de mentalidade para quem foi educado dentro da ideia de uma instituição eclesiástica eterna e imutável e com imagens que acompanham as pessoas do nascimento até a morte, criando a ilusão de uma sociedade ‘cristã’ transmitida por ‘osmose’, pela simples transmissão da cultura, na sucessão das gerações.

Enraizada numa longa história de ritos, regulamentos, dogmas, comportamentos morais e tradições transmitidas de geração em geração, a igreja católica não tem nada a oferecer a quem está a caminho de abandonar tais ritos, regulamentos, moral e costumes. Enquanto os sacerdotes ainda podem

camuflar essa penosa questão entendendo por ‘evangelizar’ a execução de ritos sacramentais, a celebração de missas, a reunião do povo em torno da igreja paroquial, os leigos demonstram à clara luz do dia essa incapacidade de evangelizar. Eles mesmos não sabem mais o que é o evangelho. Confundem entre evangelho e ritualismo, moralismo, preservação da família e das tradições, sabedoria de séculos.

E aí apareceu, a partir do século XVI, a modernidade. Ela baralhou tudo. As lideranças eclesiais custaram a compreender o que estava acontecendo e reagiram negativamente. Defenderam-se como podiam, excomungavam, proibiam, segregavam, marginalizavam, discriminavam, condenavam. Sem sucesso: a mentalidade moderna avançou inexoravelmente.

Hoje, para não enfrentar problemas, muitas pessoas simplesmente ‘desligam’ sem fazer alarde. Não dizem nada, mas não vão mais à missa dominical, não se confessam mais, não escutam mais os sacerdotes, se ‘secularizam’. Dou aqui apenas dois sinais dessa revolução silenciosa.

O primeiro, quase nunca comentado, é do ano 1962. No momento em que os serviços de saúde pública dos Estados Unidos liberam a pílula anticoncepcional, as mulheres do mundo ocidental aderem em massa, pois preferem escutar o ginecologista que escutar o sacerdote. Em poucos anos, a fisionomia das famílias, pelo menos no mundo ocidental, muda drasticamente, com efeitos ainda hoje em curso.

Um segundo sinal pode ser detectado nas estatísticas sobre ‘religião’. Os chamados ‘sem religião’ (na realidade ‘não afiliados a alguma denominação religiosa’), já formam um quarto da população dos Estados Unidos (veja os números do Pew Center, na Internet). A situação na Europa não deve ser muito diferente. Na América Latina, os ‘sem filiação religiosa’ já passam dos 10 %, sendo o segmento que mais cresce.

Mas nossos tempos não são unicamente marcados por ‘revoluções silenciosas’. Existem muitas resistências à mudança.

O PASSADO VIVE EM NÓS

Ainda estão em pé as catedrais e as igrejas paroquiais, os bispos ainda andam com mitra na cabeça e as pompas litúrgicas não terminaram. Poucos percebem que esses são sinais de um passado que não volta mais. Diz-se que ‘o passado vive em nós’, ‘ainda vivemos como nossos pais’ (veja a música de Raul Seixas), ‘a história sempre se repete’.

Não se vira a página de séculos de triunfalismo católico por sem esforços continuados. Um passado tão glorioso como o do catolicismo, se não for redimido pelo espírito genuíno do cristianismo, ameaça voltar com redobrado vigor, como alertam não poucos observadores. Curvado sob o peso de tradições seculares, a igreja católica tem dificuldade em captar a novidade do evangelho. Seu passado pesa muito.

Comblin, em suas falas e seus escritos, nunca omite a dimensão histórica. Nunca ‘pula’ em cima da história para evocar diretamente a experiência dos primeiros cristãos (na apresentação das Comunidades Eclesiais de Base [CEBs], por exemplo), nunca vai direto à Bíblia para explicar situações atuais. Sempre considera a ‘tradição’, ou seja, a mediação da história vivida. Assim ele não fala em CEBs sem falar da paróquia, não fala em paróquia sem mencionar sua histórica função protetora, não fala em Teologia da Libertação sem falar no clima de revolução que reinou nas décadas de 1960-1980, e que não reina mais.

Em tudo isso, Comblin não se mostra empenhado em provar que ‘entende do assunto’. Ele quer dialogar, ajudar a compreender. Escreve em tom ‘ensaístico’, não ‘dogmático’, não se refugia

numa ‘especialidade’, mas transita livre e competentemente por diversos campos de conhecimento, principalmente teologia e história. Não tem medo de enfrentar grandes blocos históricos, não se perde em minúcias, não apresenta erudição, não entra inutilmente em discussões e controvérsias, não discute pormenores, só trata – como ele mesmo escreve – de *dados primários e fundamentais*. Não se exhibe, vai direto ao assunto, pressupõe que seu leitor ou ouvinte seja bastante inteligente para captar suas ironias e provocações. Pois essas ironias nada mais significam que provocações à reflexão, instigações ao pensamento.

Será José Comblin um escritor de ‘vanguarda’, que escreve para os que se mostram capazes de acompanhar a velocidade com que as coisas estão mudando, os pouquíssimos que estão em condições de acompanhar o pensamento de um Bonhoeffer (‘viver sem Deus, em Deus’), um Robinson (‘Honest to God’), de um Bultmann (a ‘desmitologização’ da tradição cristã), de um Lenaers (‘Jesus, uma pessoa como nós?’), de um Spong ou de um José Maria Vigil (o pluralismo religioso)? Não, José Comblin não é um escritor de vanguarda. Com a sensibilidade de um sacerdote católico, ele entende que é necessário ajudar as pessoas a descobrir lenta e progressivamente a genuína tradição de Jesus e isso faz dele um educador.

Eis o sentido, afinal, de seus numerosos livros e artigos, de suas falas e ações: ajudar as pessoas. Ele não teme em provocar seus ouvintes ou leitores, mas sempre se trata de provocações de um educador paciente e sensível. O que não poucos, na hora, sentiram como expressão de negatividade e mesmo pessimismo, na realidade é pedagógico. A prova é que, nos últimos trinta anos de sua vida, ele acompanhou constantemente suas ‘escolas missionárias’ e outras iniciativas no interior do Nordeste do Brasil, sempre – como ele mesmo disse certa vez – *com paciência infinita*.

O ESPÍRITO SANTO

Tudo isso converge para o tema do Espírito Santo, que não é o espírito da tradicional sabedoria humana, que recomenda obediência, seguimento das leis, respeito pelas autoridades, bom comportamento, cuidado com a família. É a subversão dessa sabedoria. O evangelho é uma ‘boa nova’ subversiva, pois apela para o seguimento de um Jesus subversivo. Um Jesus que a maioria dos fiéis desconhece, já que essa maioria só teve acesso a um Jesus ‘amansado’, integrado na cultura, que não constitui mais nenhum desafio, que não tem mais nada a dizer, pois fica enquadrado em dogmas, doutrinas e ritos, apresentado em imagens de um Jesus Cristo ‘humilde e doce de coração’, de um ‘Coração de Jesus’, integrado na boa família, educador de boas maneiras e de sabedorias ancestrais.

A atuação do Espírito Santo é a grande surpresa da tradição cristã. Eis a razão pela qual José Comblin sempre recorre à história para explicar o que seja cristianismo. A história mostra que a tradição de Jesus de Nazaré é a tradição do Espírito Santo. Na tradição que se formou em torno do nome de Jesus, na realidade o Espírito importa. As clássicas discussões cristológicas, dos séculos IV a VI, de certo modo desviaram a atenção do que realmente importa na mensagem cristã: a atuação do Espírito no decorrer da história. É por isso, repito, que os livros de José Comblin estão imbuídos de história, pois têm como finalidade demonstrar que o Espírito atua no mundo, dentro e fora do cristianismo.

O que escrevo aqui encontra confirmação em cinco livros de José Comblin que, de um ou outro modo, tratam da atuação do Espírito Santo na história. São os seguintes livros: ‘O Tempo da Ação’ (Vozes, 1982), ‘A Força da Palavra’ (Vozes, 1986), ‘Vocação para a Liberdade’ (Paulus, 1998 [4ª ed. 2005]),

‘; ‘A Profecia na Igreja’ (Paulus, 2008), ‘O Espírito Santo e a Tradição de Jesus’ (Nhanduti, São Paulo, 2012). Esse último livro é póstumo e vai composto de cinco versões acerca do tema, em que José trabalhou até poucos dias antes da morte e das quais uma se perdeu.

Os títulos desses livros são diversos: Ação, Palavra, Liberdade, Profecia, Espírito Santo. Na realidade é um só temário: o Espírito de Deus agindo na história da humanidade. Os diversos enfoques abrem vastos panoramas históricos, ao focar o Espírito de Jesus de Nazaré, o Espírito de Paulo de Tarso, de Francisco de Assis, de Vicente de Paulo, o Espírito a animar santos, ao longo da história. E não só na história do cristianismo. Como José insinua no título de seu último livro, o Espírito excede o cristianismo, age igualmente fora dos limites da instituição cristã e mesmo da religião, atua na ‘tradição de Jesus’ que pode ser a ‘tradição de Mahatma Gandhi, de Martin Luther King, de Mandela, de Helder Câmara e de Lula, de Charles de Foucauld e de Dalai Lama.

Eis a vasta visão que o próprio Jesus de Nazaré abre em sua fala com o fariseu Nicodemos, no terceiro capítulo do Evangelho de João: *O vento sopra onde quer, você entende sua voz sem saber de onde vem nem para onde vai. Assim vai todo homem nascido do Espírito* (Jo 3, 8).

COMO LER OS LIVROS DE JOSÉ COMBLIN?

Subjacente à prosa de José Comblin arde uma brasa que, assoprada, facilmente pega fogo. Mas precisa assoprar, ou seja, entender o que ele quer dizer. O que nem sempre é fácil. Como acontece com outros escritores, Comblin apela para ‘bons leitores’, ‘boas leitoras’, gente inteligente, capaz de ‘assoprar’ o Espírito que anima suas páginas.

É a chama de Jesus de Nazaré, o galileu ansioso por ver seu evangelho perpassar o mundo, que provoca inquietude em seus discípulos quando fala na disposição de ‘odiar’ a si mesmo (Lc 14, 26); de oferecer a face esquerda a quem bate na face direita; de carregar por quatro léguas as bagagens que um militar romano manda carregar por duas léguas; de perdoar setenta vezes sete vezes qualquer ofensa, qualquer injustiça; de romper com a antiga sabedoria do talião (‘olho por olho, dente por dente’); de conceder o lugar principal ao mais fraco; de se desligar da família (‘quem é minha mãe? quem são meus irmãos?’); de promulgar a liberdade como suprema expressão do amor; de ter a disposição de se tornar uma *nova criatura* (2Cor 5, 16-17) e de *morrer à sabedoria deste mundo*, de recomeçar sempre, a cada momento. Por amor, por puro amor.

Com José Comblin, não nos damos por satisfeitos com um Jesus ‘por osmose’, por tradição, por catecismo, nem mesmo por leitura na hora da liturgia, da missa ou da oração. Com ele, estamos instigados a ler e reler a Bíblia ao longo da vida toda, não nos satisfaz o que pretensamente já sabemos por transmissão catequética, por sermão, por citações esporádicas, por algum estudo particular. Com ele, aprendemos a **ler os livros bíblicos e tentar compreender**. Aprendemos a sermos ‘bons leitores’, ‘boas leitoras’ de Marcos e Mateus, Lucas e João. Seguimos o conselho que São Francisco de Assis já deu no século XIII: ler os evangelhos *sine glosa, sine glosa* (sem comentário, sem comentário). **Ler os evangelhos inteiros, não apenas alguns trechos escolhidos**. Pois se trata de narrativas coesas, de obras com intencionalidade precisa, que merecem ser captadas com inteligência e de modo meditativo.

Nisso, os livros de José Comblin podem constituir uma boa introdução.

Salvador, 26 de março de 2021.

CAPÍTULO 18

A VOCAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL

Eduardo Hoornaert

Com apenas pouco mais de dois anos no Brasil, em 1961, José Comblin faz circular, entre missionários estrangeiros, amigos e colegas, um pequeno texto de 27 páginas, intitulado *A vocação cristã do Brasil*. Originalmente editado ‘pro manuscripto’, sem data, numa Gráfica de Campinas (São Paulo), o texto ganha uma nova edição em 1968, numa coletânea intitulada *Os sinais dos Tempos e a Evangelização* (Duas Cidades, São Paulo), páginas 51-78. Eis o texto que apresento aqui, em breves considerações.

ENTUSIASMO PELO BRASIL

Numa primeira leitura, impressiona o teor superlativo, exagerado, do texto. Basta ler as primeiras frases:

O Brasil é o maior país católico do mundo. No fim do século contará pelo menos 230 milhões de habitantes. A igreja católica brasileira terá necessariamente que desempenhar o

papel de líder do catolicismo mundial. E vem mais: O Brasil forma o padrão a seguir por todos os católicos do mundo [...] Chegou a hora da igreja brasileira [...] Na igreja brasileira soou a hora do destino, a hora da opção definitiva. Tal circunstância é única na história dos povos. Não se representará (sic) mais daqui a trezentos ou quinhentos anos, ou quiçá nunca mais. A Europa conheceu uma situação igual no século XII, e nunca mais: a possibilidade de escolher seu próprio destino. Daqui a uma geração, a passagem do estado atual subdesenvolvido ao estado desenvolvido será fato consumado' [...] Hoje é tempo de criar uma nova cristandade. O novo tipo de cristandade na colaboração com uma sociedade heterogênea. Um padrão a seguir por todos, pois o Brasil tem o que a Europa perdeu: um povo cristão. Aqui aparece a possibilidade de uma 'nova cristandade (1968, p. 70).

Há quem abandona a leitura do texto aqui, por achar exagerado demais. Mas há de se considerar que o Brasil 1958, para José Comblin, foi 'amor à primeira vista' e que, além disso, ele escreve num momento particularmente eufórico da história do Brasil, quando se respira no Estado de São Paulo, particularmente em Campinas, onde passa seus primeiros anos, um ar de entusiasmo. A cidade de São Paulo torna-se, no mundo, uma das metrópoles mais ferventes em termos de progresso. O ano 1958 é um marco na história do Brasil: o país se prepara para acolher um presidente que não vem das alas militares e inspira os empreendedores: Juscelino Kubitschek; todo mundo sonha com a construção de uma nova capital, Brasília, no interior do imenso país, abrindo frentes de progresso; a arquitetura de Oscar Niemeyer é admirada no mundo inteiro. Isso sem falar da Petrobrás ('o petróleo é nosso), da indústria automobilística

(a Volkswagen do Brasil), da conquista da siderurgia (Volta Redonda), da abertura de estradas, da aviação etc.

Vinte anos antes, em 1942, outro estrangeiro, o escritor alemão Stefan Zweig, chegando ao Brasil ao fugir dos horrores da guerra em sua terra natal, tem igualmente um caso de ‘amor à primeira vista’ com o Brasil. Escreve o livro *Brasil, país do futuro*, título que vira um ‘slogan’ que circula por longos anos pelo país, apontando um futuro de grandeza.

Há como enxergar outros paralelos entre o entusiasmo de Comblin e o de intelectuais de renome no Brasil. Nos anos 1930, o escritor e sociólogo Gilberto Freyre, em seu livro clássico *Casa Grande e Senzala*, sonha com uma ‘democracia racial’ no Brasil, enquanto seu contemporâneo, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, tem uma *Visão do Paraíso*. O sociólogo francês Roger Bastide sonha em poder ficar trabalhando na Bahia, pois enxerga no candomblé um ‘outro horizonte’, o horizonte africano a fertilizar o Brasil. Mais tarde, Darcy Ribeiro, enxerga no povo brasileiro um ‘povo novo’, construtor de uma nova humanidade. E podemos ainda citar, dos anos 1990, o escritor pernambucano Ariano Suassuna, que igualmente pensa que o Brasil instaura uma nova civilização.

Por conseguinte, para ler com proveito esse texto, escrito sessenta anos atrás, há de situá-lo dentro da mentalidade do tempo. Há de relativizar o que é passageiro, exagerado, até incorreto, para se concentrar no que tem valor para hoje. Assim, por exemplo, ao longo do texto, a predominância católica no campo religioso brasileiro aparece como algo normal. Isso pode ter parecido uma evidência em 1960, quando aproximadamente 90% dos brasileiros ainda se declaravam católicos, mas, hoje, como sabemos, essa predominância está rapidamente declinando. Hoje, segundo dados de Datafolha 2020, apenas 50% da população se declaram católicos, enquanto 31%

professam um cristianismo evangélico (principalmente pentecostal) e 10% se dizem sem afiliação religiosa. Será, pois, indicado ler, no texto, ‘religioso’ onde encontra ‘católico’ e ‘religião’ onde se encontra ‘catolicismo’.

Ler um texto que nos vem do passado, mesmo de um passado não muito distante, exige a capacidade de distinguir entre o que é passageiro e o que conserva seu valor. Há de se ter os mesmos cuidados com importantes artigos de Comblin, publicados na Revista Eclesiástica Brasileira (REB) na década de 1960, como ‘Situação histórica do catolicismo no Brasil’ (1967) e ‘Para uma tipologia do catolicismo no Brasil’ (1968). Artigos que muito têm a nos fazer pensar, hoje, e que felizmente nos foram preservados na mesma coletânea ‘Sinais dos Tempos e Evangelização’ (Duas Cidades, São Paulo, 1968), que apresenta o texto ‘Vocação cristã do Brasil’.

Confesso que tive dificuldade em entender o que o teólogo de 37 anos, novato no Brasil, quis mesmo comunicar com esse escrito. Mas finalmente me convenci: trata-se de um grande texto.

O DISCURSO DESENVOLVIMENTISTA

Numa primeira leitura, José Comblin parece compartilhar a ideia desenvolvimentista que, de uma forma ou de outra, caracteriza a cultura ocidental desde pelo menos o final do século XVII. A Renascença não era baseada na fé de um desenvolvimento sempre maior? E o Iluminismo do século XVIII? A Revolução Francesa? A Revolução Russa? No Brasil, a euforia acima evocada em torno da figura de Kubitscheck e exemplarmente evocada no famoso livro de Stefan Zweig não tem uma marca desenvolvimentista? O que significa o slogan ‘Brasil, país do futuro’, senão que um grande destino de desenvolvimento está no horizonte?

Esse desenvolvimentismo, inerente a muitos movimentos da cultura ocidental desde séculos, encontra uma ressonância universal em 1949, quando o Presidente americano Harry Truman (1945-1953), no primeiro discurso oficial da história transmitido pela televisão, acompanhado por milhões de pessoas ao mesmo tempo, proclama o desenvolvimento global como meta mundial. Nesse discurso, Truman passa da clássica narrativa de um Ocidente que tem a missão de civilizar o Sul Global, para um discurso novo. Ele diz que, doravante, os Estados Unidos e a Europa Ocidental (os países ricos) têm a missão de se tornar modelos para o resto do mundo em termos de ajuda humanitária, caridade, altruísmo e generosidade. É, em germe, a narrativa desenvolvimentista. Truman dá a impressão de se distanciar do discurso colonialista, mas de maneira nenhuma fala em justiça entre os países do Norte e suas antigas colônias. Nem toca nonexo causal entre a riqueza do Norte e a pobreza do Sul. Ele fala de uma nova missão ‘divina’, a substituir o domínio colonial de séculos. Uma missão de generosidade e abertura. O Norte tem de impregnar o mundo de ajuda humanitária e de democracia.

O discurso corresponde ao estado dos espíritos após da Segunda Guerra Mundial. Apresentando-se como moderno e atrativo, ganha corações e mentes. Todo mundo passa a falar em desenvolvimento. A Organização Mundial do Comércio (WTO em inglês), logo depois do discurso histórico de Truman, estabelece uma distinção entre ‘países desenvolvidos’ e ‘países subdesenvolvidos’ (ou, de modo mais elegante: ‘em desenvolvimento’). Se o Sul Global não se ‘desenvolve’, é porque lida com má administração de recursos públicos, corrupção, organização insuficiente e influência de ideologias perversas (leia: comunismo). Criam-se novos termos que logo se espalham: ‘primeiro mundo’, ‘terceiro mundo’, ‘mundo desenvolvido’, ‘mundo subdesenvolvido’. O tema da igualdade

de direito entre todos os seres humanos é cuidadosamente afastado dos debates. Invoca-se o velho Aristóteles para afirmar que o mundo é desigual ‘por natureza’ e, portanto, não convém falar em igualdade entre países. A pobreza é um dado da natureza. Invoca-se Darwin para dizer que, na ‘struggle for life’, os mais fortes vencem e desfalecem os mais fracos.

Em poucos anos, a narrativa de Truman ganha chances diplomáticas no mundo ‘desenvolvido’. Nas mesas de negociação volta, invariavelmente, a mesma recomendação: que os países ‘desenvolvidos’ deem as mãos aos ‘países em desenvolvimento’. Uma recomendação que, concretamente, resulta em contribuições monetárias. Propõe-se que os países ‘desenvolvidos’ reservem uma porcentagem dos impostos para organizações oficiais que se ocupem em fazer chegar o dinheiro ao seu devido destino e encontrem a melhor aplicação. Isso significa, concretamente: mais estradas, mais automóveis, mais viadutos, mais aviões, mais aeroportos. Dinheiro tem de rolar, como promulga Milton Friedman, o papa do desenvolvimento, que diz, em 1970: *temos de combater o subdesenvolvimento por meio do mercado*. Outro ícone da época, Robert McNamara, faz eco: *a agenda dos pobres postula transferências monetárias*.

Ao declarar, explícita ou implicitamente, que o colonialismo é uma página virada, o desenvolvimento deixa a porta aberta para sua continuação em formas camufladas. As pessoas ficam seduzidas por um discurso que lhes promete um mundo melhor, e desse modo abrem seu coração para uma besta que ataca, ao mesmo tempo, países colonizadores e colonizados, o Primeiro e o Terceiro Mundo. As pessoas do Primeiro Mundo são levadas a pensar que é possível, ao mesmo tempo, tirar o chamado Sul Global do atraso e continuar a dominá-lo. Colonizar não significa exatamente impedir o desenvolvimento, travar o processo? Como se pode ao mesmo tempo

travar e ativar? Como se pode esquecer que o Primeiro Mundo ainda não pagou o devido preço de séculos de colonização e dominação do Sul Global? Perguntas que o desenvolvimentismo escamoteia ao criar a ilusão que ‘a colonização pertence ao passado’ e que precisa ‘virar essa página’. Ora, na história não existem ‘páginas viradas’. O passado volta, não há como evitar.

O DESENVOLVIMENTISMO É UMA QUIMERA

É no breve capítulo 3 (cada um dos 13 capítulos ocupa pouco mais de uma página), intitulado *Espírito e Matéria*, que o teólogo desfralda seu pensamento. Desvincula-se a questão da espiritualidade da questão do desenvolvimento.

Espiritualidade não tem nada a ver com desenvolvimentismo. Uso aqui um termo que não aparece no texto de Comblin, mas que – em minha opinião – expressa bem o que ele quer dizer: o desenvolvimentismo é uma ‘quimera’. Na mitologia grega, a quimera é um monstro com cabeça de leão, corpo de cabra, asas de morcego e cauda de serpente. Imagem ao mesmo tempo atrativa e perniciososa. A majestosa cabeça de leão lança chamas pelas narinas e o monstro vaga pelos campos a matar rebanhos. Penetra nas cidades, onde causa sedução e calamidade. A quimera, ao seduzir e assustar ao mesmo tempo, simboliza projetos sedutores que resultam em ilusões destrutivas. Eis como o teólogo Comblin vê o desenvolvimentismo: a realidade é que países ricos se distanciam sempre mais de países pobres e que um minúsculo grupo de riquíssimos controla a economia, a política e a religião, enquanto a imensa maioria da população fica ‘sem voz e sem vez’.

Há quem percebe, desde cedo, o perigo da quimera desenvolvimentista. Relembro aqui alguns movimentos de reação

na época. Na década de 1960, o Padre dominicano francês Louis-Joseph Lebret (1897-1966) cria um ‘Centro Economia e Humanismo’, apoiado pelo economista François Perroux (1903-1987), em que se passa a falar em *desenvolvimento do homem todo e de todos os homens*. Os dois são apoiados pelo sueco Gunnar Myrdal (1898-1987), Prêmio Nobel de Economia 1974, e pelo argentino Raúl Prebisch (1901-1986), o mais destacado intelectual da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, criada em 1948), sediada em Santiago de Chile. A reconsideração do desenvolvimentismo alcança economistas brasileiros como o paraibano Celso Furtado (1920-2004), que trabalha na linha de Raúl Prebisch, cujo trabalho abre a mente de muitos. Prebisch lê, em 1949, num encontro da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), em Genebra, os resultados de uma estatística, conhecida como Relatório Prebisch, que revela que a tão exaltada ‘década do desenvolvimento 1960-1970’ resultou em *países ricos que se tornam mais ricos e países pobres que se tornam mais pobres*. E ele dá um exemplo concreto, declarando que estudos mostram que, em troca de cada dólar doado ‘para o desenvolvimento’, 24 dólares voltam aos países ricos.

Outro sinal é dado em Bandung, Indonésia, entre 18 e 24 abril 1955, onde se realiza um Encontro Internacional sobre Desenvolvimento, do qual participam representantes de 29 países da Ásia e da África. A originalidade desse encontro consiste numa inversão total de perspectiva em relação a conflitos mundiais, expressa nas seguintes palavras: *O problema do mundo não consiste na oposição entre o Ocidente e o Oriente, mas entre o Norte e o Sul. A contradição do mundo não se origina na oposição política entre um Oeste capitalista e um Leste socialista (como divulga a grande imprensa ao lançar o tema da ‘guerra fria’), mas da exploração econômica do Sul negro ou mestiço, moreno e pobre, pelo Norte branco,*

rico e poderoso'. Em outras palavras, Bandung rejeita a ideologia do desenvolvimento. Sua mensagem por ser direta e incomum, não é transmitida pelos grandes meios 'corporativos' de comunicação, de sorte que poucos, hoje, se lembram de Bandung.

A GRANDEZA DO BRASIL RESIDE NA FÉ DE SEU POVO

É nesse contexto que José Comblin escreve a frase em torno da qual gira seu texto inteiro: *a riqueza do Brasil é a fé de seu povo* (p. 77). Aqui se revela o teólogo, capaz de enxergar a ação de Deus no acontecer humano. Em numerosos textos e intervenções orais, ao longo da vida, Comblin repete a mesma ideia: o cristianismo europeu, por *gigantescos erros* cometidos séculos atrás (lembre-mos da aliança com o poder imperial romano, no século IV, do estabelecimento de uma religião única na Idade Média, etc.) foi perdendo a 'fé em Deus'. Isso não aconteceu no Brasil, de modo que se possa dizer que o Brasil tem o que a Europa perdeu. Eis uma ideia que acompanha Comblin a vida toda: *Se o Brasil conseguir acolher sua vocação, ele vai romper com a ideologia da elite, que não entende nada do Brasil por ficar de olhos fixos na Europa* (p. 77).

Como se chega a uma afirmação tão resoluta, depois de tão poucos anos no Brasil? Isso tem a ver com as peripécias de Comblin nos primeiros anos em Campinas, no interior do Estado de São Paulo: ser capelão de um colégio de freiras, dar algumas aulas de Química e Física naquele colégio e, casualmente, algumas aulas de teologia para estudantes dominicanos em São Paulo. Nada animador. Um ponto luminoso aparece quando ele é nomeado assessor diocesano da Juventude Operária Católica (JOC). Eis como ele mesmo relata a experiência, numa larga entrevista, de mais de cem páginas, com

o Professor Antônio Montenegro, da Universidade Federal de Pernambuco, em 1998:

Ali descobri as virtudes do povo simples, ainda não deformado pelo espírito de competição e pelo desejo do dinheiro, que são a alma do capitalismo. Eram muito pobres, mas sem amargura [...]Tinham tudo para serem vítimas. Mas com eles descobri a verdade daquilo que tinha escrito na virada do século o Padre Júlio Maria (Lombaerde, belga, 1878-1944), que sempre me iluminou. Ele afirmou que era a hora providencial para desfazer os laços que atavam o clero às elites dirigentes da nação e reconhecer que os verdadeiros católicos estavam entre os pobres (MONTENEGRO, 2019, pp. 134-135).

Esses jovens, completa Comblin, ainda viviam em um *mundo anterior, pré-moderno*. Eram muito pobres, mas sem amargura, ignorando totalmente como vivia o outro mundo, o mundo dos ricos. Eram tão simples que eram explorados pelos patrões sem dificuldades. Por isso, *a Igreja devia claramente colocar-se ao lado dos pobres*.

Eis um pensamento que encontra resistência entre católicos de classes superiores, imbuídos da ideologia do desenvolvimento. Temos de aguardar até a segunda parte dos anos 1970 para ouvir pessoas da igreja oficial dizer sem embargos que a ideologia do desenvolvimento merece ser abandonada. No decorrer do Concílio Vaticano II (1962-1965), a maioria dos bispos latino-americanos ainda se deixa levar pelo discurso desenvolvimentista dominante, divide o mundo entre ‘nações desenvolvidas’ e ‘nações subdesenvolvidas’ e se entusiasma com programas, oriundos do mundo rico, que visam tirar o mundo ‘subdesenvolvido’ do ‘atraso’, como ‘Aliança para o Progresso’, ‘USAID’ (Agency for International Development), ‘Misereor’

e ‘Adveniat’ (dois programas organizados pela igreja católica da Alemanha). O dinheiro de fora, em grande parte, paralisa as igrejas locais e faz com que elas deixem de procurar de modo independente soluções a problemas que afligem as populações. Chegam à América Latina ‘sacerdotes para o desenvolvimento’, os corredores de Cúrias diocesanas e Casas paroquiais se enchem de pacotes de leite em pó e farinha de trigo, produtos provenientes dos Estados Unidos, com o selo ‘Aliança para o Progresso’. Sacerdotes brasileiros, já na hora da ordenação, recebem um carro financiado por ‘Adveniat’ e prédios são construídos ou comprados com dinheiro de fora: seminários, centros paroquiais, centros de formação de líderes. As finanças das paróquias e das dioceses dependem sempre mais de contribuições de fora.

O universo em que circula José Comblin é totalmente diferente de tudo isso. Ele enxerga um quadro do mundo marcado pelo o fator ‘fé’. Essa visão, de caráter fundamentalmente teológico, traz consigo algumas consequências, das quais cito aqui algumas:

- O catolicismo brasileiro não é uma réplica do catolicismo europeu. Enquanto, para muitos (para não dizer para a maioria), o catolicismo brasileiro não pode, ‘ex principio’, apresentar nenhuma novidade, já que o catolicismo é universal, expressão da revelação divina e, portanto, não sujeito a mudanças nem a particularidades. O catolicismo é igual em todas as partes do mundo. Comblin pensa diferente: *assim como o Brasil não é uma réplica da Europa, o catolicismo brasileiro não é simplesmente réplica do catolicismo trazido para estas terras por europeus*. Com essa afirmação, ele critica o tradicional ‘trânsito de mão única’ existente entre o pensamento católico do ‘Primeiro Mundo’ e o pensamento católico do ‘Terceiro Mundo’, advoga um ‘trânsito de mão dupla’, um vai-e-vem de experiências

e crenças, ou seja, convida os católicos europeus a ouvir as vozes dos países colonizados, assim como apela para que os católicos daqui ouçam as vozes que vem dos países ocidentais. Na rejeição da ‘mão única’, Comblin chega, por exemplo, a questionar o costume de sacerdotes e religiosos irem à Europa para estudar: *não se tem certeza da utilidade de tais estudos* (p. 75). E, na mesma linha, *a igreja católica no Brasil não está precisando de teorias de fora, mas sim de conhecer melhor o povo brasileiro e suas aspirações* (p. 76). Vale a pena ler essa página 76 por inteiro, pois trata dos efeitos negativos que a influência europeia pode ter no clero e nos religiosos do Brasil. A verdadeira *vocação católica do Brasil consiste em colocar-se na frente do movimento de transformação material e cultural do povo brasileiro* (p. 77).

- Segundo ponto. Ao desligar o elo entre cristianização e desenvolvimento, José constata que, no decorrer da história, grandes realizações benéficas à humanidade e oriundas do espírito cristão, se realizaram em situações de ‘subdesenvolvimento’. No último capítulo do texto, intitulado *Os religiosos* (pp. 77-78), ele esboça um impressionante painel em que figuram os grandes fundadores de movimentos religiosos e seus impactos sobre a realidade: São Bento e os beneditinos a ensinar o povo a trabalhar os campos; São Bernardo e os Cistercienses a formar uma cavalaria ‘protetora dos desvalidos’ e, desse modo, tentar regular a violência; São Francisco e seus menores, assim como São Domingos e seus pregadores, a fomentar a convivência de cidadãos nas cidades medievais; Santo Inácio e sua Companhia de Jesus a formar uma elite pensante e aberta a novos saberes. Movimentos realizados em âmbitos de ‘subdesenvolvimento’.

- Terceiro: evitar falsos problemas. Os religiosos (as religiosas), praticantes do que classicamente se chama ‘status perfectionis’ (estado de perfeição), têm de evitar falsos problemas, como, por exemplo, o do comunismo: *a luta contra o comunismo é uma quimera criada na mente da elite brasileira, ao contemplar o panorama europeu* (p. 75). *As guerras ideológicas são mais um reflexo de assimilação de padrões europeus. Serão capazes apenas de afastar a inteligência brasileira do estudo concreto e desinteressado da realidade brasileira* (p. 75).
- Quarto: trata-se, afinal, de combater a pusilanimidade e cultivar a magnanimidade. Pensar grande, pensar o Brasil e a igreja fora de quadros ideológicos induzidos de fora, importados com a colonização. Deixar de se preocupar demais com problemas da corte vaticana, deixar de se preocupar com a falta de vocações sacerdotais e religiosas. A questão não é a falta de vocações à vida religiosa, a questão é a falta de magnanimidade. A magnanimidade atrai vocações, a pusilanimidade as afasta.
- Quinto: tudo isso implica em um novo modo de se encarar a ‘religiosidade popular’, enigma para muitos pastoralistas. Acontece que a religiosidade, em vez de constituir um problema, é o ponto de partida de um trabalho realmente frutuoso. Há de se ouvir o que os pobres dizem e tentar compreender o que eles pensam. Conviver na medida do possível. Isso implica em ter o coração compungido pela dor dos indígenas secularmente perseguidos, dos milhões de africanos trazidos pelo oceano, das mães que choram a perda do filho, do pai que labuta para sobreviver numa sociedade que não é feita para ele.

- Em tudo isso vai, implicitamente, uma crítica a certas experiências ligadas à Teologia da Libertação, que não consideram com bastante atenção a necessidade de se estabelecer um vínculo com a fé do povo. Quando a religiosidade popular é encarada como problema a ser superado, e não como ponto de partida, ela se torna pedra de tropeço e provoca a queda da experiência, como já aconteceu frequentemente na história. Os pobres não se identificam mais com o discurso de seus ‘libertadores’ (como aconteceu com a experiência soviética) e relutam em participar de um sistema fechado, imposto de fora para dentro. Há de se conseguir, por conseguinte, a simpatia dos pobres, e evitar um sistema fechado de pensamento que não funciona na prática.

CONCLUSÃO

‘A Vocação cristã do Brasil’ é um texto a ser preservado e relido, pois ‘cola’ com a realidade da pobreza que testemunhamos a cada dia, e mostra como dela pode emergir a santidade cristã. O pequeno livrinho de 1961 aguça nossa sensibilidade diante de um povo que nos serve diariamente em ‘trabalhos manuais’, trabalhos que em não poucos casos exigem capacidades muito além das exigidas de um simples trabalhador braçal, capacidades de atendimento e cuidado, no trato de doentes, na dedicação por vezes ilimitada com pessoas deficientes, na admirável capacidade de negociação com pessoas da elite, na infinita paciência. Um povo que se sustenta pela ‘fé em Deus’ e vive no Egito à espera do Êxodo.

Salvador, 21 de abril de 2021.

CAPÍTULO 19



O ESPÍRITO DE JOSÉ COMBLIN

Eduardo Hoornaert

No teólogo José Comblin atuava o persistente Espírito da Indignação, que é o Espírito dos profetas. Escrevo com maiúscula, pois se trata do Espírito Santo mesmo. Não sei dizer se esse Espírito nele já soprou na infância ou juventude, mas eu sempre conheci José indignado com os *erros colossais* (palavras suas) cometidos pela igreja em relação ao legado de Jesus de Nazaré, ao longo dos tempos. Isso é Santa Indignação. Sob as aparências de um homem calmo e ponderado, queimava a brasa de uma inquietude persistente, de uma indignação profética, não expressa em palavras flamejantes, mas antes numa sutil ironia, assim como numa chama que ardia por baixo de tudo que ele dizia ou fazia. A chama da Santa Indignação que ardera nos profetas Isaías, Jeremias, Ezequiel, Habacuc e Sofonias.

Isaías, capítulo 1, versículo 3: “O boi conhece o seu proprietário, e o jumento a manjedoura de seu dono, mas Israel não conhece nada, meu povo não entende nada” (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 901).

Jeremias, capítulo 1, versículo 10: “Hoje eu estabeleço você sobre nações e reinos, para arrancar e arrasar, para demolir e destruir, para construir e plantar” (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, 961).

Ezequiel, capítulo 2, versículo 3: “Ele me disse: ‘Filho do homem, vou mandar você aos filhos de Israel, a esse povo rebelde, que se rebelou contra mim. Eles e seus pais se revoltaram contra mim até o dia de hoje’” (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1.037).

Habacuc, capítulo 1, versículo 3: “Por que me fazes ver o crime e contemplar a injustiça? Opressão e violência estão à minha frente; surgem processos e se levantam rixas” (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1.151).

Sofonias, capítulo 1, versículo 2: “Eu vou acabar com tudo que existe sobre a face da terra” (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1.155).

Como você tem observado, trata-se dos versículos iniciais das profecias desses grandes de Israel. A profecia tem sua origem na Indignação, numa inspiração divina que fazia com que essas pessoas enxergassem o que muitos não enxergam e desencantassem o que encanta a muitos.

José pertence a essa geração profética. Desde cedo, sentia que sua Indignação não era compartilhada pela maioria de seus colegas e que isso causava um distanciamento. Mas esse distanciamento era compensado por uma cordialidade sincera, um sentimento fraternal para com as pessoas e uma constante procura de estabelecer amizades, ao longo da vida. Ele não ostentava aquele ar de prepotência que se verifica em muitos intelectuais de valor, e nisso vejo um segundo elemento a delinear a figura de José Comblin: um empenho contínuo em se comunicar com pessoas, especialmente com *pessoas comuns*, pessoas do povo.

A procura de uma conjugação adequada entre indignação profética e comunicação popular caracteriza grande parte da produção intelectual de José. Não foi fácil encontrar uma formulação satisfatória de tal conjugação, como manifesta a série de ensaios escritos a partir do ano 1982, quando ele publica seu livro *O Tempo da Ação* (1982). Esses ensaios desembocam no último livro, intitulado *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus* (2012), que – por sua vez – é antes ensaio que tese estabelecida, como demonstram suas sucessivas versões, algumas incompletas, outras sem revisão (graças a Deus, as cinco versões foram publicadas na edição pela Nhanduti, em 2012, como comento em seguida). Estamos diante de uma obra inacabada e provisória, mas que, por isso mesmo, ajuda a refletir.

INDIGNAÇÃO PROFÉTICA

Ordenado sacerdote em 1947 e nomeado vigário auxiliar numa paróquia de Bruxelas, José Comblin conhece logo a decepção. Apenas após alguns tempos de atuação, ele faz a triste constatação: *aqui não há mais nada a fazer*. Uma rotina ritual sem ânimo, formalidades e gestos vazios, que já manifestam – como José descobre com rara lucidez – sinais de uma lenta decadência da igreja católica. O jovem vigário entende que a diminuição na assistência à missa dominical, que ele verifica na paróquia, é sinal de algo ‘estrutural’. Bruxelas, nesse ponto, precede as regiões mais ‘provincianas’ da Bélgica, e segue um processo já mais adiantado em Paris, onde desde o fim da segunda guerra mundial se observa uma queda continuada de assistência dominical e de vocações sacerdotais. Poucos, no entorno de José, interpretam corretamente esses ‘sinais dos tempos’. A maioria culpa ‘a cultura do mundo’, a ‘secularização’, a ‘mentalidade moderna’, o ateísmo etc. Mas José relaciona esses sinais com

erros colossais praticados pela igreja católica europeia ao longo de muitos séculos. No fundo, ele leu muito em seus tempos de seminário e universidade, e suas leituras lhe ensinaram que, na Europa, a igreja, montou um sistema que, em longo prazo, mostrou ser- lhe prejudicial. Ela estragou tudo e provocou sua própria decadência. Foi no tempo em que trabalhava em paróquia que se manifestavam, em José Comblin, os primeiros sinais de uma indignação profética que o acompanhou a vida toda.

José amou ser sacerdote, mas esse seu amor, desde o início, sofre a decepção que Isaías expressa em seu *Canto da vinha*:

Cantarei, em nome do meu amigo, um canto de amor à sua vinha. Meu amigo tinha uma vinha em fértil colina. Capinou a terra, tirou as pedras e plantou nela videiras de uvas vermelhas. No meio, construiu uma guarita e fez um tanque de pisar uvas. Esperava que produzisse uvas boas, mas ela produziu uvas azedas” (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 904).

O desencanto de José, bem no início da vida sacerdotal, tem a ver com os altos voos que sua mente empreendeu ao estudar teologia na Universidade de Lovaina, no final dos anos 1940. Uma teologia já baseada no *Sitz im Leben* (mergulho na vida concreta; hoje se fala em ‘contextualização’), ou seja, no estudo da vida concreta da igreja, a frágil, provisória e em muitos casos errática vida da igreja. Isso em vivo contraste com a teologia doutrinária da maioria das universidades católicas daquela época, que na igreja só enxerga firmeza, verdade absoluta, estabilidade e confiabilidade (e que hoje continua na visão teológica de Ratzinger). Os professores de teologia em Lovaina, Gustave Thils, Lucien Cerfaux e Gerard Pilips, investigavam o funcionamento concreto, contextualizada, da

teologia. Tinham ‘os pés no chão da vida’. O mesmo se diga de Roger Aubert, professor de história eclesiástica, que mais tarde publicou sua *Nova História da Igreja*.

Nesse sentido, pode-se dizer que José Comblin ficou ‘lovaniense’ a vida toda. Com a inquietude, a indignação e a ironia que essa herança acarreta. Atrás de numerosas evocações do passado da igreja que se espalham por seus escritos e suas falas, sempre se subentende uma pergunta que pode ser formulada do modo seguinte: ‘Como ousaram? Como ousaram colocar Jesus ao lado de imperadores, invocar a cruz de Cristo para agredir países muçulmanos (nas cruzadas), torturar e matar dissidentes (na inquisição), condenar à morte homens como João Hus e Giordano Bruno, queimar mulheres consideradas bruxas, perseguir implacavelmente defensores da liberdade, apoiar durante longos séculos regimes totalitários? Como ousaram manipular tanto a imagem de Jesus de Nazaré? Como (só para dar um exemplo) o Papa Nicolau V, em 1454, ousou ‘presentear’ o rei português Henrique IV com ‘*todos os reinos da África*’, tornando seus habitantes virtualmente escravos de portugueses, conforme consta no *Bullarium Summorum Pontificum*? Quanta ousadia, prepotência, ignorância!’.

Então, o jovem pároco tomou uma decisão drástica. Aproveitou o apelo do Papa Pio XII, que em meados dos anos 1950 pediu sacerdotes ‘do primeiro mundo’ a suprir a ‘falta de sacerdotes’ na América latina. Em diversas ocasiões ouvi José dizer que ele não viajou ao Brasil para suprir uma ‘falta de sacerdotes’. O que aconteceu é que ele aproveitou do apelo papal para pedir ao Cardeal de Bruxelas licença para ir à América Latina. Claro que, em seu pedido, ele não explicitou que preferia deixar de exercer o ministério na Europa para não ter de *assistir à decadência de uma igreja condenada a morrer porque não quer se atualizar* (em: Mônica Muggler, *Padre José Comblin*,

uma vida guiada pelo Espírito, Nhanduti Editora, São Bernardo do Campo, 2012, p. 45). Seria ofensivo demais.

O Cardeal esperou cinco anos e finalmente o liberou. Assim José viajou ao Brasil, onde esperava encontrar um povo *que tem fé em Deus*. Essa expectativa se manifesta num pequeno escrito ‘pro manuscrito’, de umas vinte páginas, intitulado *A vocação cristã do Brasil*, que, por volta do ano 1960, ele fez circular entre colegas e amigos.

Convivi com José entre 1965 e 1972. Éramos professores no Instituto de Teologia de Recife (ITER) e morávamos juntos numa ampla casa colonial em Olinda, o antigo palácio episcopal. Meu quarto frente ao seu. Só relato aqui uma entre muitas impressões que ele me deixou. Como ele me deixou bisbilhotar sua biblioteca, pude observar que ela tinha ‘sua cara’. Chamou-me a atenção o grande número de livros de história. Até hoje me lembro de alguns títulos: Georges de Lagarde, ‘O nascimento do espírito leigo’; Friedrich Heer, ‘História do Espírito europeu’ [*Europäische Geistesgeschichte*, Kohlhammer, Stuttgart, 1965]; Eugen Rosenstock-Huessi, ‘As revoluções europeias e o caráter das nações’; Jacques le Goff, ‘Nascimento do purgatório’; Tadeusz Manteuffel, ‘Nascimento de uma Heresia: os adeptos da pobreza voluntária na Idade Média’, etc. Além de estudos histórico-críticos sobre Hus, Lutero, Joaquim di Fiori, Zwingli. Um ar de ‘heresia’ pairava sobre essa biblioteca. Como professor de história da igreja, eu fiquei mais interessado nos livros de história e hoje posso dizer que a descoberta dessa biblioteca fez com que eu desse uma guinada em meus estudos da matéria que ensinava no Instituto. Dos livros de Comblin copiei uma infinidade de textos a mão, em grandes fichas, e cheguei a comprar alguns. Abandonei os clássicos livros de história da igreja (Daniel-Rops, Lortz, Fliche-Martin, etc.) e procurei novas trilhas.

Mais tarde, quando José foi expulso do Brasil (1972), despachei malas e malas de livros, de volta, à Bélgica. Esses livros ainda teriam de viajar muito depois: ao Chile e de volta ao Brasil (no total, duas vezes ida e volta). Hoje repousam na Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), aos bons cuidados dos padres jesuítas, à espera de quem se interessar.

Em 1982 apareceu o primeiro de uma série de livros-ensaios escritos por Comblin. O título do primeiro desses ensaios, *O Tempo de ação*, soa como um ‘slogan’: ‘não falar, agir’. Aponta o tema do Espírito Santo: cristianismo não é palavra, não é rito, é ação. Dou aqui a lista desses ensaios: *A força da palavra* em 1986, *Cristãos rumo ao século XXI* em 1996, *Vocação para a liberdade* em 1998, *O povo de Deus* em 2002, *O Caminho* em 2004, *A vida em busca da liberdade* em 2007, *A profecia na igreja* em 2008, e finalmente *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus* em 2012.

A COMUNICAÇÃO POPULAR

José Comblin bem sabe que sua Indignação, por santa que seja, em si, não muda as coisas. Ele percebe que o povo católico, em seu redor, acha normal tanta coisa que ele considera escandalosa ou pelo menos problemática. Enquanto ele se indigna, o povo em seu redor não enxerga nada de errado. Mas, como ele, e isso realmente o caracteriza, está decidido a partir das experiências de vida e das visões do mundo do *povo de Deus* em seus trabalhos de teólogo, ele se arma de uma *infinita paciência* (como observa em mais de uma oportunidade), para tentar fazer com que as pessoas percebam o que ele está querendo dizer. Ele bem sabe do distanciamento entre o teólogo ‘letrado’ e um povo não acostumado a lidar com ‘letras’. Ele sabe que se faz necessário procurar uma linguagem que as pessoas consigam compreender e abandonar, na medida do possível, a linguagem

acadêmica. Aliás, a procura de palavras apropriadas, capazes de estabelecer uma comunicação com o ‘povo’, já ocupa a mente de José desde sua chegada ao Brasil. Mas ela se acentua nos últimos anos de sua vida. É nesse sentido que o dia 18 de março de 2010 é um marco. Naquele dia, José encontra uma formulação breve e contundente, que expressa seu pensamento. Numa conferência em El Salvador, por ocasião da comemoração do martírio de Monsenhor Romero, Comblin encontra finalmente a frase: *evangelho não é religião*. É uma frase que expressa um método teológico. Traz clareza onde muitos se perdem na confusão, escancara portas longamente fechadas, abre horizontes de reflexão e ação, provoca uma reviravolta no modo de se pensar a fé. O último livro de José Comblin pode ser entendido como um comentário da frase ‘*evangelho não é religião*’.

Antes de passar a apresentar e comentar esse último livro, lembro que a nova enunciação do desafio cristão, contido na mencionada frase, aproxima Comblin de uma geração de teólogos e teólogas que emerge hoje e que, de um ou outro modo, pratica uma distinção entre evangelho e religião. Dietrich Bonhoeffer fala em *viver sem Deus em Deus*, John Robinson em *ser honesto para com Deus* (‘Honest to God’), Rudolf Bultmann em *desmitologizar*, Roger Lenaers em *ser cristão moderno*, José María Vigil em *vivenciar o pluralismo religioso*, José María Castillo em *valorizar a humanidade de Jesus*, Shelby Spong em *ler os evangelhos com olhos novos*, Joseph Moingt em *viver segundo o espírito do cristianismo*, etc. Aproximações provisórias, decerto, mas que apontam um futuro de maior clareza em termos de enunciações teológicas. Não posso deixar de lembrar aqui que uma das características do método combliniano de fazer teologia consiste na apresentação de *largos painéis históricos*. Assim a teologia se situa na concretude da vida, no *Sitz im Leben*, e desse modo facilita a comunicação popular.

POR QUE CINCO VERSÕES?

O último livro de José Comblin, intitulado *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus* (Nhanduti Editora, São Bernardo do Campo, 2012), comporta cinco versões em torno do temário *evangelho não é religião*. Uma delas (a quarta) desapareceu numa confusão de logaritmos no laptop do escritor e duas, a segunda e a quinta, ficaram incompletas. Assim, só dispomos de duas versões completas, a primeira e a terceira. Acompanhemos brevemente a história dessas diversas versões.

José passa os últimos três anos de sua vida na cidade de Barra, no oeste da Bahia, a 650 km de Salvador, à beira do Rio São Francisco, no semiárido quente. A pequena cidade, de aproximadamente 55.000 habitantes, é sede de um bispado católico e tem como bispo o franciscano Luiz Flávio Cappio. José se muda para Barra por enxergar em Dom Luiz Cappio, que acaba de sair de uma greve de fome, um *profeta*. Ele quer se santificar perto de um homem santo. Com isso, ele fica morando longe de grandes centros como Salvador, Recife ou mesmo João Pessoa. Como continua considerando como tarefa principal o acompanhamento de Escolas Missionárias por ele fundadas, ao longo dos anos, no Piauí, na Paraíba, na Bahia e em Pernambuco, em lugares bem distantes um dos outros, ele tem de viajar muito, de ônibus e de carro particular. Como não dirige carro, a Irmã Mônica Muggler viaja com ele para Barra e continua empenhada no que já faz ao longo de mais de 25 anos: dirigir o carro, acompanhar José em seus deslocamentos e ajudar nos planejamentos.

As pessoas que conhecem José de perto, nesses últimos anos, são unânimes: ele está ansioso. Ao mesmo tempo em que acompanha intensamente a formação de seus missionários leigos, ele está, o tempo todo, pensando em completar um livro

que considerava indispensável. Mônica Muggler recorda que ele teria dito: *Escrevi muito, falei muito, mas ainda tenho algo a dizer*. E relata que José, em suas andanças, sempre leva o laptop consigo e escreve nos intervalos de atividades em suas escolas.

José acaba redigindo nada menos de cinco versões do livro. Retoma a redação após abandonar uma anterior no meio do caminho, reorganiza os temas em diversos enquadramentos e acaba lutando – por fim – contra o tempo que se vira impiedosamente contra ele, deixando a versão 05 igualmente incompleta. Como já escrevi, só a primeira e a terceira versão podem ser consideradas completas. Ele mesmo não gosta da versão 01, de modo que só resta a versão 03. A repetição, em torno de um mesmo temário, revela a procura de uma formulação ao mesmo tempo acurada e simples, competente e comunicativa. Como se comunicar por meio de palavras que pessoas não acostumadas a ler livros de teologia possam compreender e, ao mesmo tempo, ser rigoroso nas análises? Há um esforço contínuo no sentido de se comunicar com pessoas não formadas na academia. No momento em que José percebe que está complicando as coisas, ele abandona a redação e começa nova versão. Quer, a qualquer custo, fazer teologia ‘contando histórias’. Pois é desse modo que as pessoas que ele quer atingir podem entender o que ele escreve. E, como as histórias são diversas e nem sempre repetitivas, temos de agradecer a Mônica Muggler de ter optado, logo depois do falecimento de José, pela publicação inteira das quatro versões disponíveis, tais quais se encontravam registradas em seu laptop após sua morte. Pois assim somos capazes de acompanhar diversas formulações do mesmo tema, um mosaico de variadas cores.

A versão 01 (*A nova descoberta do evangelho*) foi redigida entre 01/09/2009 e 03/10/2009 (portanto, antes da Conferência de 18/03/2010). Contém 101 páginas na edição

Nhanduti. Percebe-se a influência de Joseph Moingt, cujo livro *L'homme qui venait de Dieu* (O homem que vinha de Deus) acaba de ser publicado em português pela Editora Loyola (em 2008). Mônica Muggler se lembra da alegria que tomou conta de José ao tomar em mãos esse livro: *finalmente alguém que me compreende*. A ‘descoberta’ de Moingt faz emergir, com clareza, a distinção entre *a tradição do evangelho* (cap. 3) e *a tradição eclesial* (cap. 4), mas ainda não se explica de que modo ambas se relacionam, na complexidade da história. O capítulo 6 é particularmente provocante e estimulante: *A teologia como problema*. Aqui, José se refere à teologia que surgiu no século XIII e até hoje é ensinada em muitos ambientes eclesiais.

A versão 01 constitui um texto acabado. Mesmo assim, é abandonado. O escritor procura uma formulação melhor.

A versão 02 se inicia em 20/12/2009 e é interrompida em 05/04/2010. Vem com um novo título: *O Espírito Santo na Igreja*. O capítulo 6 só traz o título: *As duas tradições religiosas paralelas*. Aí, a redação se interrompe (pp. 199-276 da edição Nhanduti). Podemos adivinhar a razão: o esquema está mal formulado (tradições religiosas que correm paralelas?). Como a interrupção ocorre apenas 18 dias após a Conferência em El Salvador, que já mencionei antes, a famosa formulação *evangelho não é religião* deve também ter concorrido para o abandono da versão. Deixe-me rememorar aqui o que ocorreu em El Salvador, no auditório da Universidade Católica (UCA), no dia 18 de março 2010. Uma ideia, já abordada em Conferências no Brasil, no Chile e na Colômbia, encontra sua formulação definitiva em El Salvador, por ocasião de uma Conferência por ocasião do trigésimo aniversário do martírio de Mons. Oscar Romero. A um público entristecido pela política reinante em seu país e pela política do Vaticano, José exclama: *Evangelho não é religião*. A evolução política e religiosa pode nos deixar tristes,

o evangelho nunca!'. É provavelmente por causa do acerto dessa formulação concisa que José *decide reformular o esquema do livro e recomeçar, numa nova versão* (Mônica Muggler em *Tradição*, p. 198).

A versão 03, de 200 páginas (pp. 277 a 477 da edição Nhanduti) é a mais acabada de todas. Tem o mesmo título da versão 02: *O Espírito Santo na Igreja*. A redação começa em 06/04/2010 e termina em meados de novembro do mesmo ano. *Ainda assim, é uma peça a ser retrabalhada, completada, polida*, observa Mônica Muggler (ibidem, p. 17). Percebe-se que o texto foi escrito com rapidez e sem revisão. O estilo apresenta-se deficiente em diversos pontos, os verbos nem sempre obedecem à concordância dos tempos. Mas o conteúdo é um primor. A melhor versão, para quem se dispor a lê-la por inteiro.

Uma quarta versão é redigida em Brotas, diocese de Barra, onde José permanece o mês de janeiro 2011 inteiro, para acompanhar a fundação de uma nova Escola Missionária. Nas palavras de Mônica Muggler: *Tudo corria bem quando, no dia 28 de janeiro de 2011, tocou teclas erradamente ...Tudo desapareceu*.

Apressado, ficando nervoso, em final de fevereiro José inicia uma quinta versão, aquela que hoje aparece em primeiro lugar na edição Nhanduti. No novo título se escreve, não sem sutiliza: *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus* e não: 'O Espírito Santo na Tradição de Jesus'. A ação do Espírito Santo independe da tradição de Jesus. Por conseguinte, há como falar, em tese, do Espírito Santo na tradição de Buda, de Confúcio, do candomblé, do espiritismo, do pentecostalismo, do Islã etc.

Escreve Mônica Muggler: *durante seu trabalho* (Comblin) *teve a inspiração de reformular o esquema de seu livro. Faz um novo esquema em meados de fevereiro, ou seja, no dia 15/02/2011* (*Tradição*, p. 18). A versão contém 61 páginas. O primeiro registro em

26/02/2011 e o último em 26/03/2011, véspera de sua morte, às 17.07 horas. Escrito no Recanto da Transfiguração (Salvador), onde José está hospedado, aguardando uma revisão cardíaca.

Ao longo desse último mês, José e Mônica ainda empreendem uma grande viagem para ‘matar saudades’. Passam por Solânea, onde visitam o túmulo do Padre Ibiapina; por Olinda, onde visitam o túmulo de Dom Helder Câmara; e por Juazeiro do Norte, para se despedir da terra do Padre Cícero. *Nos intervalos escrevia, escrevia. Aproveitava todos os momentos. Tinha pressa, muita pressa. Era perceptível. Queixava-se que seu pensamento já não respondia com a mesma rapidez. Na última semana, já em sua casa, na Barra, era visível o seu esforço, a sua luta, a sua pressa* (Mônica Muggler, *ibidem*, p. 18). Ele pensou terminar o trabalho em dezembro 2011, mas faleceu na manhã do dia 27 de março, em Salvador.

Hoje temos em mãos um livro que impressiona. Além de constituir uma sedimentação de cinquenta anos de labor teológico e histórico e de fazer prova de uma imensa erudição, o livro vem escrito numa prosa coloquial, com raríssimas referências a escritores no corpo do texto. Um livro de fácil leitura. A fluidez da prosa a aproxima da linguagem falada. A impressão que se tem, ao ler o livro, é que o escritor está conversando, simplesmente. Nada de academicismos. Quem quiser um exemplo, leia as páginas 392-399 (da versão 03), sobre a história dos sacramentos e a teologia da graça nela subjacente. Há muitos outros exemplos, Enfim, há de se ler esse livro.

A inovação consiste em praticar teologia de modo narrativo. Em vez de insistir no ‘ser’ (no reboque da filosofia aristotélica), os textos de Comblin insistem na ‘relação’ (no reboque do pensamento moderno). Só dou um exemplo: José estabelece uma relação que ele estabelece entre a prática da penitência e da extrema unção e as terríveis ‘pestes’ (pandemias)

de 1348 e 1375, que mataram aproximadamente a metade da população da Europa Ocidental (ibidem, p. 398). Tudo é relacionado, teologia e vida se entrelaçam. Estamos aqui, de novo, diante do *Sitz im Leben* dos professores lovanienses, e recordamos o velho adágio alemão: *Was aber der Mensch ist, zeigt die Geschichte* (o que o homem é, a história mostra). O que a religião é, a história mostra; o que o evangelho é, a história mostra; o que o Espírito é, a história mostra etc. Só se consegue compreender que o cristianismo se desdobra em duas tradições entrelaçadas (a tradição evangélica e a tradição religiosa, *a tradição divina da vinda de Deus e a tradição humana da busca de Deus* [versão 05, *Tradição*, pp. 43–51]), quando se pratica uma ‘teologia da relação’ e não uma ‘teologia do ser’, como aludi acima. O desafio consiste em delinear de que modo concreto as tradições, distintas e frequentemente contraditórias, se entrelaçam no complexo tecido da história.

A TRADIÇÃO EVANGÉLICA

A primeira versão do livro (escrita antes do lançamento da frase *evangelho não é religião*) já arrola paralelamente duas ‘tradições’: a *tradição do evangelho* (cap. 3) e a *tradição eclesial* (cap. 4). Para caracterizar a primeira, José recorre a uma imagem do Apocalipse. Deus bate na porta: “estou diante da porta e batendo. Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa” (Apocalipse, 3, 20, in: NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1.511). Deus quer entrar em contato com o homem, ao mesmo tempo em que preza a liberdade de sua criatura. Enxerga a possibilidade de não ser atendido, como adverte o teólogo uruguaio Juan Luís Segundo: *se ninguém abrir, Deus aceita a derrota sabendo que sua criação fracassou. Deus criou um mundo que podia fracassar*. Encontramos a mesma alusão ao ‘risco

da criação’ no texto da ‘*Sinfonia dos dois Mundos*’, redigido por Helder Camara:

*Se eu estivesse ao teu lado, Senhor,
Antes da criação,
Gostaria de ajudar-te:
Oh! Senhor, só tu podes ir tão longe,
Correr o risco do amanhã,
Correr a chance da eternidade...
A criança diz
Ao pai que parte em viagem:
‘Vai, Senhor, vai! Boa chance!’ (SILVA, 2018, p. 125).*

Oxalá Deus tenha chance! Oxalá compreendamos que isso depende de nós! Nos dois primeiros capítulos da versão 05, José parte para uma breve apresentação de algumas ‘vindas de Deus’. Ele menciona sucessivamente (dou os títulos dos parágrafos): os testemunhos do Novo Testamento; a igreja dos mártires; a igreja dos monges; a mística oriental; o milagre irlandês; Cluny; Citeaux; extensão da vida monástica (proliferação de ordens monásticas); Francisco de Assis; Domingos de Gusmão. Chegando aí, o texto termina abruptamente, interrompido pela morte do teólogo (a contagem das ‘vindas de Deus’ continua na versão 03).

Em outros textos, o teólogo diz as coisas de modo seguinte: *A vinda* (de Deus) é única, permanente, sempre a mesma dentro de contextos muito diferentes. Como é que Deus vem? Eis o objeto de uma teologia cristã, que é a história das manifestações da vinda de Deus. (versão 05, *Tradição*, p. 43). E ainda: *Deus pode vir em muitos seres humanos que nem o sabem* (ibidem, p. 51). Acontece também, e com frequência, que Deus fica diante de portas fechadas.

Alguns aspectos da versão 05 merecem ser realçados. Em primeiro lugar, José, aí, não se fala mais em ‘igreja’ (como nas versões anteriores), mas em ‘tradição de Jesus’: *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus*. A experiência de Jesus ou dos profetas de Israel não constitui a única revelação de Deus. Há múltiplas experiências, no tempo e no espaço, todas marcadas pela fragilidade congênita de empreendimentos humanos e pela sempre presente possibilidade de fracasso. Se José se concentra na experiência de Jesus na Palestina, é porque ela originou a tradição à qual ele pertence. Uma experiência igualmente sujeita à precariedade de tudo que é humano. Assim, por exemplo, Jesus, pelo que consta no Evangelho de Marcos, pensou que a chegada do Reino de Deus vitorioso fosse iminente: *Alguns que estão aqui não morrerão sem ter visto o Reino de Deus chegar com poder* (Mc 9, 1). Paulo diz mais ou menos o mesmo: *Nós, que ficamos vivos até a vinda do Senhor, não precederemos os mortos* (1Ts 4, 15). (Veja *Tradição*, versão 05, p. 54).

Além disso, como lembra José, *o tempo da origem da Tradição é muito curto* (ibidem). Jesus só atuou três anos (aqui, José traça uma comparação com Dom Romero de El Salvador, cujo tempo de atuação profética foi igualmente muito curto). A experiência de Paulo foi igualmente de curta duração, mas mesmo assim possibilitou dois entrosamentos fundamentais: com a cultura dos judeus (relatado em 1 Tessalonicenses e Gálatas) e com a dos gregos (relatado em 1 e 2 Coríntios). Lampejos de Deus vindo ao homem, todos breves, mas incisivos, marcam a história: Estêvão, Inácio de Antioquia, Justino, Policarpo, Felicidade e Perpétua, Evágrio Pôntico, João Crisóstomo, João Cassiano, Gregório de Nissa, Máximo Confessor, Patrício, Bonifácio, Bento, Odon, Odilon e Hugo (de Cluny), Bernardo, Bruno, Francisco de Assis, Domingos de Gusmão, (aqui abandono a versão 05 e passo à versão 03), Tomás a Kempis, Inácio de

Loyola, Vicente de Paula, Bartolomeu de las Casas, Romero, Helder Camara etc.

O realce, na versão 03, vai para quatro nomes: Francisco, Domingos, Inácio e Vicente. Homens de ampla influência ao dar origem, respectivamente, a franciscanos, dominicanos, jesuítas e lazaristas. O escritor deixa a porta aberta para exemplos fora da tradição cristã ocidental: na tradição budista, na confucionista, na islâmica, na ioruba, na tradição de Ajuricaba, na tradição de Zumbi, na tradição de Antônio Conselheiro, de Ibiapina etc.

Concluo com duas citações mais longas, tiradas da versão 05:

A teologia cristã é a história das manifestações da vinda de Deus. São fatos reais, fatos vividos. Esses fatos falam mais que qualquer filosofia ou sistema de conceitos. No passado, sobretudo desde o século XIII, deu-se muita importância à teologia escrita, pensada em forma de filosofia com os recursos da filosofia. Essa teologia pode ter seu valor, mas não é o anúncio do evangelho, não mostra a vinda de Deus na realidade humana. A consequência dessa teologia foi o desenvolvimento do magistério da igreja. Deu-se cada vez mais importância ao estudo da doutrina. Mas o magistério não é anúncio do evangelho. Esse anúncio se faz por meio de uma vida vivida no mundo real. A doutrina não mostra a vinda de Deus. O magistério não mostra a vinda de Deus. Mostrar é viver, não falar (versão 05, Tradição, pp. 43-44).

Ou ainda, na mesma versão 05:

Trata-se de compreender o cristianismo dentro da conjuntura atual. O contexto me obriga a partir da distinção entre o evangelho

e a religião cristã ou católica. A teologia tradicional não parte dessa distinção, porque na cristandade tudo estava confundido. Não se buscava a distinção entre o que procede de Deus e o que procede dos homens. O que procede de Deus é sua vinda à humanidade. Deus vem! Essa vinda é única, permanente, sempre a mesma dentro de contextos muito diferentes. Como é que Deus vem? Eis o objeto de uma teologia cristã (ibidem, pp. 35-36).

A TRADIÇÃO RELIGIOSA

José Comblin prossegue:

Acontece que a vinda de Deus é anunciada pela igreja dentro do contexto de uma religião, naturalmente feita pelos homens. A religião são os homens buscando a Deus [...] Daí deriva uma série interminável de ambiguidades. A religião varia porque a humanidade muda e toda cultura humana muda (versão 05, Tradição, pp. 35-36).

Nosso atual imaginário religioso é, em grande parte, herdeiro da revolução neolítica, milhares e milhares de anos atrás (alguns dizem que o ‘tempo axial’, ocorrido entre os séculos VIII e VI aC, terminou e que estamos diante da emergência de um novo ‘tempo axial’, mas isso é outra conversa). Naquele tempo longínquo, a religião acompanhou mudanças na economia e hoje se repete o mesmo processo. Muita gente, hoje, que se imagina estar abandonando ‘a’ religião, na realidade está abandonando uma determinada herança religiosa.

Quem mergulha hoje na tradição religiosa do cristianismo, tem de saber nadar, pois aparecem correntes contraditórias. Como se criou, por exemplo, ao longo daquela tradição, a poderosa imagem de uma Maria acolhedora e intercessora? Isso

não teria nada a ver com a manutenção da imagem de um Deus ‘justiceiro’, o Deus do último juízo? (Veja *Tradição*, p. 361). Quem se aventura a nadar naquelas águas, naquelas pesquisas, tem de reconhecer que há muita contradição na história do cristianismo. Como entender que o Credo de Niceia optou por contradizer manifestamente o Evangelho de João ao proclamar Jesus Filho ‘igual’ ao Pai? Pois a maioria dos Padres Conciliares condenou Ario, embora esse se baseasse no Evangelho de João 14, 28, onde Jesus diz explicitamente: *o Pai é maior que eu*. Como entender a ‘criação’ do purgatório no século XI? Não foi para combater os abusos de pregadores que, impiedosamente, jogavam os pecadores nas chamas do inferno? E a criação do ‘limbo’ de crianças não batizadas, séculos antes, não obedeceu a mesmo ditame? Agostinho não deixou por menos: ele também jogava criaturas inocentes no inferno, por nascerem com o ‘pecado original’. Como enxergar veredas evangélicas nessas densas florestas religiosas? Como destrinchar tantos fios entrelaçados, aplainar tantos meandros? E como tratar de tudo isso de forma inteligível a pessoas não eruditas?

José cava fundo. Ele começa dizendo que *uma teologia cristã nem sempre existiu. Ela aparece no século XIII, ou seja, bastante tarde* (versão 01, *Tradição*, p. 179). Nos inícios, os discípulos de Jesus se orientavam por meio da leitura de textos bíblicos. Acontece que, com o contato com a espiritualidade helenística da época, apareceu, já no século II, a ‘gnose’, uma mística de muito sucesso que tratou de perscrutar os mistérios que as religiões carregam consigo. No início do século III, alguns cristãos, como Clemente de Alexandria e Orígenes, praticam uma gnose cristã de grande valor. Mas surge ao mesmo tempo uma gnose que *reduz a humanidade de Jesus à natureza, sem história. Não se evoca o que Jesus fez, mas como revelou a sua divindade na terra* (ibidem, p. 183). Com isso nasce o culto a Jesus como Deus. O acento cai na adoração, não no seguimento. Não se

entende mais a encarnação, que *perde seu significado, como se evidencia no Símbolo dos Apóstolos* (de Niceia, 325), onde só se menciona o nascimento de Jesus da Virgem Maria e seu sofrimento *sob Pôncio Pilatos*. Nada se suas ações, de sua mensagem, de seu evangelho.

E as complicações continuam, “no século XIII produziu-se a grande virada que esteve na origem do que hoje chamamos teologia. Descobriu-se a filosofia grega através dos árabes” (ibidem, p. 186). E, com isso, a tendência de expressar a fé por meio de conceitos.

Pela primeira vez, a Bíblia já não era a base da reflexão cristã. Pouco a pouco, a teologia foi substituindo a Bíblia. Essa teologia praticava a dedução como principal meio de conhecimento. A dedução permite aumentar o conhecimento, fazendo aparecer o que ainda estava implícito na tradição bíblica e patrística (ibidem). E José acrescenta, não sem ironia: com isso, alguns teólogos puderam ter a pretensão de dizer melhor que Jesus o que ele queria dizer (ibidem, p. 180).

A teologia do século XIII continuou avançando na direção conceitual, no século XVI, com o aparecimento da escola de Salamanca, que continuou mostrando o homem, não como ele é, mas como pensam os filósofos que ele seja. *Doravante* (depois de Salamanca), “não se estuda mais a Bíblia em si mesma e por si mesma, mas como fonte de argumentos para defender teses teológicas previamente enunciadas” (ibidem, p. 189).

Estamos hoje diante de um quadro problemático em termos de teologia. Enfim, qual é o papel de uma teologia cristã? Aprimorar o conhecimento, extraíndo sempre mais conhecimentos da revelação por meio da ‘dedução’, método exaltado pela teologia escolástica, como fizeram os escolásticos do

século XIII? Ou voltar ao Deus de Abraão, Isaac, Jacó, o Deus de Jesus, o ‘Deus do carvoeiro’ de Blaise Pascal (1623–1662)? Ele, em seu *Le Dieu des Philosophes*, escreve: *os argumentos metafísicos sobre Deus ficam tão distantes do raciocínio das pessoas e são tão complicados que eles causam pouco impacto. É o coração que sente Deus, não a razão.*

O DISCERNIMENTO

Pascal, já no século XVII, traz clareza e já aponta a necessidade de um discernimento, ou seja, do traçado de uma correspondência entre a ‘vinda de Deus ao homem’ (o Deus de Abraão, Isaac, Jacó, o Deus de Jesus) e o coração que sente Deus. José comenta:

Esse discernimento não é fácil, pois não há uma separação rígida entre a tradição evangélica e as tradições religiosas que fazem a igreja de Jesus, mas existem claramente dois polos divergentes que estão em competição constante ao longo da história (versão 03, Tradição, p. 356). Nasceu a igreja dessa mistura de evangelho e religião. A história da igreja é um tecido e não está isenta de uma deformação constante (versão 03, Tradição, p. 339).

Deus não aparece de modo uniforme e ‘predeterminado’ na história, mas se revela em determinados episódios e personagens, determinadas colorações, tonalidades e intensidades. Importa saber distinguir, ou seja, descobrir tonalidades na polifonia da história. A vinda de Deus aparece com clareza em Francisco de Assis, com menor clareza no Papa Inocêncio III, que aprova oralmente a experiência do homem de Assis, mas prefere não se comprometer emitindo um texto escrito. Deus aparece claramente em João Crisóstomo, mas com menor

clareza em Agostinho etc. É nessa linha que José, na versão 01, escreve que a teologia é *um problema* (*Tradição*, pp. 179-196). Ali, em densas 17 páginas, José traça em largas pinceladas as peripécias da história do pensamento cristão, sempre numa perspectiva de esclarecimento e discernimento.

Dou um exemplo. Por minha surpresa, na versão 03, pp. 373-376, José não classifica Agostinho na *tradição evangélica*, mas na *tradição religiosa*. Ora, o homem, que viveu entre 354 e 430, é considerado um dos mais importantes teólogos da tradição cristã. Exerceu uma influência enorme sobre o pensamento cristão do Ocidente, ao longo de séculos e é universalmente reconhecido como um dos maiores filósofos da cultura ocidental, ao ponto de ser comparado a Platão por Leopold von Ranke (1795-1886), ‘o pai da historiografia científica’.

A avaliação de Comblin, aqui, corta que nem uma lâmina afiada: a teologia de Agostinho provoca o esquecimento da ação do Espírito Santo na vida humana. Não se enxerga mais o Espírito Santo quando se pensa que a vida consiste em se manter em ‘estado de graça’ e evitar o pecado. Basta manter-se ‘em estado de graça’. Com todo o brilho que a envolve e o clima místico que ela evoca, a teologia de Agostinho desconhece a ação do Espírito na história. Ela é ‘inoperante’. E Comblin insiste: “necessitamos de uma teologia para a ação, uma teologia missionária” (versão 01, *Tradição*, p. 195), uma teologia que coopere para a transformação do mundo e a chegada do Reino de Deus.

O ESPÍRITO SANTO

Por um bom tempo, no final dos anos 1970, José Comblin mora numa casa sem luz elétrica e tem de subir a pé uma ladeira de mais de 1 km para alcançar o ponto de ônibus, único contato

com o ‘mundo’. Ele acompanha um grupo de candidatos ao sacerdócio que seguem a *teologia da enxada* e, para tanto, mora com seus estudantes em Serra Redonda, no brejo paraibano, não longe de Campina Grande, numa casa situada em terreno cedido pelo Arcebispo da Paraíba. Ao subir aquela ladeira, ele acompanha o passo pesado de trabalhadores do campo, saúda de passagem uma mulher na porta aberta de uma casa, contempla o ônibus cheio de gente pobre. José se emociona. Sente um *Sopro do Senhor* (Lc 4, 18) passar por aquelas várzeas e brejos, encostas e veredas. ‘Pode ser que Jesus seja mal conhecido por aqui, mas o Sopro de Deus perpassa esse mundo’. Penso que foi essa forte experiência paraibana, de quase trinta anos, que fez com que José sentisse a passagem do Sopro Santo no mundo dos pobres e que seu coração despertasse para a centralidade do Espírito Santo na experiência cristã.

A descoberta do Espírito Santo, no caso de José Comblin, tem, pois, a ver com sua comunicação com gente pobre. Não é nos livros que ele ‘descobre’ o Espírito Santo, é no brejo paraibano. Uma descoberta que provoca uma subversão na compreensão da mensagem cristã, na linha do que Jesus disse aos seus apóstolos em sua fala de despedida: Enquanto estou com vocês, eu lhes falo de viva voz. Depois, o Defensor, O Sopro Santo que o Pai enviará em meu nome, os guiará e lhe recordará tudo que eu disse (Jo 14, 25-26). Aqui, a tradição de Jesus se transmuda em tradição do Sopro Santo. Jesus declara que, após sua morte, importa se deixar guiar pelo Sopro. Enquanto Jesus atuou por poucos anos, o Sopro Santo carrega sua mensagem pelos séculos. As clássicas discussões cristológicas, dos séculos IV a VI, de certo modo desviam nossa atenção desse ponto fundamental: O vento sopra onde quer, você ouve sua voz sem saber donde vem nem para onde vai. Assim todo homem nascido do Sopro (Jo 3, 8).

Faltam-nos palavras apropriadas para descrever o universo em que penetramos ao ‘sentir’ o Sopro Santo. Nossas palavras mal expressam o que acontece. Falamos em ‘vida espiritual’, ‘vida no Espírito’, ‘vida inspirada por Deus’. Aparecem palavras como: sopro, inspiração, vendaval, turbilhão, força, energia a arrancar, derrubar, deslocar, dispersar, perturbar, motivar, dinamizar. O profeta Isaías fala em *carvão ardente*, o evangelista Marcos em *força* que arranca Jesus ao deserto, o profeta Ezequiel em *ressurreição* de esqueletos espalhados pela terra. Para Elias, a *suave brisa* no deserto anuncia a passagem de Deus.

Nisso aparece a perspectiva histórica. Passamos a entender por que os livros de José Comblin, principalmente os editados a partir dos anos 1980, apresentam invariavelmente grandes painéis históricos. Títulos como *O Tempo de ação*, *A força da palavra*, *Cristãos rumo ao século XXI*, *Vocação para a liberdade*, *O povo de Deus*, *O Caminho*, *A vida em busca da liberdade*, *A profecia na igreja*, *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus*, expressam, cada um a seu modo, variados aspectos da atuação do Sopro de Deus no mundo. O mesmo se diga das figuras que costumam aparecer naqueles livros, como Jesus de Nazaré, Paulo de Tarso, Francisco de Assis, Domingos de Gusmão, Inácio de Loyola, Vicente de Paulo etc. José bem sabe que isso não diz tudo sobre a ação do Espírito, nem de longe, e que – em suas listagens – caberiam perfeitamente figuras como Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Mandela, Romero, Helder Camara, Charles de Foucauld, Dalai Lama, e muitos mais.

A história do Espírito é imprevisível. Na história da igreja há uma lógica que a sociologia é capaz de detectar. Quanto ao caminho da tradição do Espírito, não se pode saber nada. Não obedece a nenhuma lógica humana. Essa situação é precisamente o sinal da presença

do Espírito. Sempre aparece algo, mas não é possível saber onde nem quando (Tradição, p. 353).

Escrever que a ação do Espírito é imprevisível constitui uma recusa cabal dos modos ‘gregos’ (conceituais, ‘gnósticas’) de entender a vida, pois esses modos pressupõem que tudo seja previsível, que tudo siga um roteiro de antemão traçado (essa é a base da teologia de Agostinho). Típico, nesse sentido, é o deslocamento da compreensão de Jesus para a área do conhecimento, a partir do século II, que já comentei acima. Compreender Jesus passa a significar entender Jesus, perscrutar o mistério de Jesus, definir Jesus. Isso em contraste com os primeiros tempos, quando ‘compreender’ Jesus significava basicamente seguir Jesus, agir como Jesus, no Sopro Santo. O namoro da intelectualidade cristã com a gnose durou séculos e nos deixou, em herança, a patrística, a formulação de credos cristológicos, o dogma, a doutrina. Tudo isso foi submetido, ao longo da Idade Média, a um exame intelectual de extrema precisão, por parte da teologia escolástica, que edificou uma impressionante *Summa theologica*, basicamente fundamentada em análises cognitivas, sem praticamente nenhum aceno à prática especificamente evangélica e à imprevisibilidade da passagem do Sopro Santo. Não há espaço para o Espírito Santo na teologia do século XIII. Só muito recentemente, no século XX, como recorda Comblin, a ‘gnose’ teológica começa a ser problematizada e se valoriza a ‘práxis’. Só recentemente os teólogos dizem: *ser cristão é agir como cristão*.

Um último ponto (talvez o mais importante): quem diz Espírito Santo, diz universalismo. Paradoxalmente, quem expõe isso com clareza é um filósofo ateu, Alain Badiou, em seu livro *Saint Paul, La Fondation de l’Universalisme* (Presses Universitaires de France, Paris, 1997). Badiou apresenta o

universalismo como vocação para a humanidade e afirma que Paulo, inspirado pelo comportamento de Jesus, foi o primeiro a intuir isso.

O tema merece umas palavras de comentário. Nas primeiras décadas do movimento de Jesus, os apóstolos mal percebem que o universalismo pertence ao âmago da mensagem de Jesus de Nazaré. Eles pensam que sua mensagem se restringe ao mundo judaico e não compreendem como um não judeu possa participar do movimento. Finalmente, a intuição de um ‘outsider’, o fariseu Paulo de Tarso, faz com que a afirmação do valor universal da mensagem de Jesus se espalhe pelo movimento: “Não há judeu nem grego. Não há servo nem livre. Não há homem nem mulher. Vocês todos são um em Jesus o Ungido” (Gl 3, 28).

O grito de Paulo ressoa pelo mundo, até hoje. O universalismo é a verdadeira dimensão da história humana. Todas as pessoas do mundo, independentemente de sua nacionalidade, condição racial, sexual, social, cultural ou política, podem conviver na *fé, esperança e amor*. Só se entende cristianismo na perspectiva do universalismo.

Repito: os discípulos de Jesus não perceberam de vez que evangelho significa universalismo. O que aconteceu com os judeus da diáspora que participavam do movimento de Jesus, em Antioquia, Alexandria, Roma, Éfeso e Corinto, nas décadas depois da morte de Jesus, é um exemplo típico disso. Por meio de contatos principalmente comerciais com pessoas de outras culturas, eles percebiam que judeus e ‘pagãos’ não eram tão diferentes entre si como a Torá ensinava. Isso lhes abriu os olhos. Seus correligionários em Jerusalém tinham maior dificuldade em perceber isso e daí surgiu a primeira crise no cristianismo emergente. Nos anos 40, apenas 10 anos após a morte de Jesus, os militantes de fala grega (com experiência de diáspora), foram forçados a fugir de Jerusalém após a morte

de Estêvão, ameaçados de morte por parte da linha dura do judaísmo de fala aramaica, ferrenhamente ‘judaizante’. Os Atos dos Apóstolos chamam esses militantes ‘helenistas’(hellênistai) (11, 20). Havia muitos ‘helenistas’ em Roma, Alexandria e Antioquia, na Síria e no Egito. Ao mesmo tempo em que houve casos em que judeus optavam em retornar da diáspora e voltar a viver na Palestina, para poder seguir mais fielmente a Torá e o Templo, houve casos de judeus mais abertos, que procuravam refúgio em Antioquia da Síria e outras cidades fora da terra-mãe, para fugir da repressão nela existente. Esses últimos, mesmo sem se dar conta da grande novidade que estavam praticando, adaptavam com naturalidade a vida do movimento ao modo de ser de não judeus, que não gostavam de leis judaicas como a circuncisão, a proibição de comer comidas ‘pagãs’ e os regulamentos em torno do jejum. Nisso estavam convencidos de seguir a orientação de Jesus, que tinha a atenção voltada para a maneira específica de viver nas pessoas em seu redor. Quando os líderes em Jerusalém (Tiago, irmão de Jesus, Pedro e João) ouviram falar do assunto, ficaram perturbados e mandaram Barnabé, um levita de Chipre, observar a situação ‘in loco’. Para eles, o que acontecia em Antioquia era algo subversivo. Chegando naquela cidade, por volta do ano 45, Barnabé encontrou Paulo de Tarso, um fariseu recentemente convertido ao movimento de Jesus e que se entusiasmava com a dimensão universal da mensagem de Jesus. Formou-se um consenso em prol da abertura e assim se constituiu uma equipe, composta inicialmente de Barnabé, Timóteo e Paulo, que com o tempo se firmou como a ala progressista do movimento de Jesus, em contraponto ao grupo de Jerusalém.

Por que conto tudo isso? É para mostrar que o universalismo não foi percebido de vez como fazendo parte da mensagem de Jesus. Aqui não podemos senão admirar a postura de Paulo, cujos textos conferem forma, expressão e ampla

divulgação à ideia universalista e, dessa forma, constituem a primeira literatura universalista de que a humanidade tem conhecimento. Pela primeira vez, alguém escreve explicitamente que o universalismo é a verdadeira dimensão da história humana, sua verdadeira vocação. O sucesso das cartas de Paulo, que são amplamente lidas, comentadas e copiadas, facilitou a divulgação do universalismo cristão.

Mesmo assim, essa larga difusão de ideias novas cria uma área de tensão com o judaísmo tradicional, protegido por leis romanas desde o início do governo do imperador Cláudio em 41. O resultado é que Paulo permanece pelo resto da vida numa situação incômoda, tanto em relação às autoridades apostólicas em Jerusalém (com o establishment judaico das sinagogas), quanto em relação à administração romana, que defende a observância estrita do judaísmo tradicional (pelo menos durante o governo do Imperador Cláudio, que termina em 49). A concentração de um núcleo cristão tão produtivo e dinâmico numa cidade importante do império romano, Antioquia da Síria, apenas vinte anos após a morte de Jesus, permanece um mistério que os historiadores procuram desvendar. Pois na época da crucifixão de Jesus, o movimento não deve ter contabilizado mais de 120 pessoas. As poucas informações especificamente historiográficas que nos restam são unânimes em dizer que os primeiros cristãos são ‘temerosos da luz’. Mesmo assim, nos anos 50, eles já se encontram em Antioquia, em cidades litorâneas da Ásia Menor, na Grécia (Corinto) e na Macedônia (Tessalônica). Poucos anos depois, aparecem em Alexandria no Egito, a segunda cidade do império, e na própria capital Roma. Provavelmente existe comunicação entre grupos tão distantes, pois João (na Ásia Menor) demonstra conhecer os evangelhos sinóticos, Marcos (provavelmente em Roma) não fica alheio ao pensamento de

Paulo e Lucas e Mateus (provavelmente escrevendo também na diáspora) reproduzem importantes trechos de um evangelho galileu, denominado Evangelho Q. Escrevo isso para lembrar que a ideia universalista só penetrou no cristianismo com dificuldade e em meio a contradições. A mesma situação que ainda observamos hoje em dia.

PERSPECTIVAS

Sonhador incorrigível, José Comblin supera as decepções com a evolução da igreja no Ocidente com a abertura de novas perspectivas. Assim como, em 1961, num texto que fez circular entre companheiros e amigos, intitulado ‘A Vocação Cristã do Brasil’, ele sonhou com um Brasil capaz de enxergar o ‘outro horizonte’ e largar as amarras que o prendiam a um mundo ocidental ‘em queda livre’ (sonho que não se realizou), ele – cinquenta anos depois – sonha com uma China capaz de abrir novos horizontes para a evangelização. As últimas páginas da versão 03 (da página 438 em diante) são dedicadas a esse ‘sonhar acordado’. Eis o sonho, em breves palavras.

O sonho só vai se revelar no século XXII. Aqui, José é taxativo: o século XXII será o século da manifestação do Espírito Santo no Extremo Oriente:

A longo prazo, o futuro do cristianismo está no Extremo Oriente. Em primeiro lugar porque o futuro da humanidade está no Extremo Oriente, ou seja, na China, na Índia, no Japão, na Coreia, no Vietnã, nas Filipinas e nos países da Península Indochinesa (versão 03, Tradição, p. 437).

O Espírito de Jesus, que já soprou no Oriente Próximo e no Ocidente, agora se prepara para soprar no Extremo Oriente.

Ao escrever este comentário, me vem uma palavra de Comblin em Salvador da Bahia, por ocasião de uma conferência, poucos anos antes de sua morte. Um padre lhe perguntou: ‘Quando a igreja vai mudar?’. Ele respondeu: *Quando o papa for chinês*. No livro em exame, nas páginas 438–439, vem uma frase no mesmo sentido: *está na hora de aprender chinês*.

Para José, três argumentos sustentam esse ‘sonho oriental’.

Há, em primeiro lugar, o sofrimento. O Extremo Oriente foi muito humilhado pelo Ocidente nos últimos séculos. Os chineses não esquecem a guerra do ópio, os vietnamitas não conseguem se livrar dos horrores da Guerra do Vietnam, assim como os japoneses não conseguem esquecer que os Estados Unidos lançaram duas bombas atômicas sobre seu país em 1945 etc. Isso faz supor (é apenas uma suposição) que os cristãos do Extremo Oriente, ao se mostrar fervorosos e ativos, tenham condições de superar os elos culturais que os prendem ao mundo ocidental e andar por caminhos próprios.

Em segundo lugar, os países do Extremo Oriente foram influenciados pelo pensamento marxista. Ora,

O marxismo é uma excelente preparação para o cristianismo. Ele tem suas raízes na Bíblia. Diferente da filosofia grega que orientou a cristandade ocidental até hoje, o marxismo tem uma concepção dinâmica da humanidade. Apresenta a humanidade como a história de um conflito crescente entre dominadores e dominados, a história da luta contra o pecado de injustiça social, de denúncia da opressão e de anúncio de libertação [...] Quem passou pelo marxismo está pronto para entender o evangelho, ainda que tenha resistência diante da religião. Mas afinal, a religião é secundária e se adapta à cultura dos povos. (Versão 03, Tradição, pp. 437–438).

O Espírito Santo sopra onde quer. Sopra, inclusive, no marxismo.

Em terceiro lugar, o cristianismo do Extremo Oriente está em melhores condições de se distanciar do helenismo que o cristianismo ocidental: “na China não encontramos o peso de 17 séculos de religião sem praticamente nenhuma evangelização” (p. 447). Os missionários ocidentais no Oriente, decerto, carregam essa herança helenista consigo, mas ela está bem mais distante da vida cristã no Oriente que no Ocidente. Claro, tudo depende da compreensão desses cristãos orientais.

Os cristãos dessas novas igrejas estarão diante de um desafio extremamente difícil: emancipar-se da herança cultural que receberam (do Ocidente) e descobrir o evangelho muitas vezes escondido por um mundo de tradições religiosas tipicamente ocidentais (p. 439).

Uma quarta consideração:

Na China, no Vietnã, na Camboja e no Laos, os cristãos foram e ainda são perseguidos, mas, apesar disso, seu número cresce. Trata-se de cristãos com uma fé firme e conquistadora. Eles não têm sentimento de inferioridade, como na maior parte do Ocidente (p. 438).

Quanto ao século em curso, José não duvida: a grande tarefa consiste na descolonização das mentes. Ela é obra do Espírito Santo e há de ocupar o século XXI inteiro: “o século XXI inteiro será necessário para que se realize esse futuro, para que se descubra um futuro distinto do ocaso do Ocidente, da antiga cristandade ocidental que se apaga lentamente” (p. 439).

Dificuldades não faltam e José chama a atenção para uma particularmente insidiosa, que cresce no bojo do catolicismo: o poder de seitas católicas. Ele alerta: nos últimos anos, surgiu uma série de movimentos católicos sectários através de todo continente latino-americano:

O ‘Instituto del Verbo Encarnado’ (Argentina), a ‘Sodalicia de la Vida Cristiana’ (Peru), os ‘Legionarios del Cristo’ (México), os ‘Arautos do Evangelho’ (Brasil), a ‘Pia Unión Sacerdotal del Sagrado Corazón de Jesús’ (Chili), todos inspirados no ‘Opus Dei’ (Espanha, 1928) (pp. 449-451).

O olhar de José sobre os evangélicos é mais positivo. Como exemplo do que pode significar o evangelismo na vida concreta, ele evoca o famoso caso de 34 mineiros chilenos enterrados a 700 metros de profundidade por 70 dias, em 2010, que aguentaram 70 dias numa angústia extrema, fortalecidos pela fé.

Eles eram evangélicos, e foi sua fé evangélica que os manteve na calma, na serenidade, na amizade durante esses 70 dias [...] O que podem fazer pastores evangélicos simples e pobres, também os católicos podem fazer (pp. 453-454).

Não contradizendo Mestre Comblin, eu acho que estamos longe de perceber as reais dimensões do que acontece hoje com o cristianismo. Há uma complexidade, um entrelaçamento de dados do passado com perspectivas do futuro, que dificulta a clareza. Percebemos com dificuldade o que está acontecendo porque estamos metidos em meio de uma movimentação que excede de longe o limitado momento de nossas vidas e nossa

limitada capacidade de observação. Frequentemente reagimos mais com a emoção que com a razão. Um dos fatores que dificultam a percepção, no caso específico dos católicos, é a ilusão do poder eclesiástico. A ilusão de Nicodemos que vai falar de noite, às escondidas, com Jesus, para ouvir dele as seguintes palavras: “O vento sopra onde quer, você ouve sua voz sem saber donde vem nem para onde vai. Assim todo homem nascido do Sopro” (Jo 3, 8).

PARA TERMINAR ALGUNS DITOS DE COMBLIN

*A força dos dominadores está na conformação dos dominados.
As leis foram criadas para que os pobres fiquem calados.
Aplicando as leis não se consegue nada. É preciso infringir as leis.
A vida moral começa quando se vence o medo.*

Agir além da lei.

Só é derrotado quem se reconhece como tal.

É no ato de desobedecer que aparece a consciência.

A democracia é a fachada da mentira de dominadores e governantes. Ela só serve aos interesses dos grandes. O sistema foi criado para não haver mudanças, para impedir, evitar e desestimular qualquer tentativa de mudança.

Denunciar a mentira é ir construindo o valor ético e moral.

Para poder despertar a consciência do povo, o militante tem que contar com uma infinita paciência.

Só é derrotado quem se declara derrotado.

O amor não fundamenta a ordem, mas a desordem. O amor quebra toda a estrutura da ordem. O amor fundamenta a liberdade e, por conseguinte, a desordem. O pecado é consequência do amor de Deus.

Que Deus é amor e que a vocação humana é a liberdade são as duas caras da mesma realidade, as duas vertentes de um mesmo movimento.

No judaísmo nasceu o conceito de história pelo qual se dá valor ao tempo.

Em todas as outras civilizações, o tempo não tem valor. Tempo é fidelidade, paciência, esperança contra toda esperança. Jesus anuncia a chegada do Reino de Deus com sua presença na Galileia.

A filosofia grega não aceita a história como atividade científica.

Segundo a Bíblia, a liberdade é mais do que uma qualidade, um atributo de ser humano: é a própria razão de ser de humanidade.

A cristandade destruiu-se por si mesma.

Ser cristão é agir como cristão.

O universalismo é a verdadeira vocação da humanidade.

←—————→
CAPÍTULO 20

A LIBERDADE COMO VOCAÇÃO EM
JOSÉ COMBLIN

S seja do grego *eleutheria*, seja do latim *libertas*, a origem do termo liberdade tem relação com o impedimento de ir e vir, causado por um senhor ou por dificuldades naturais de se locomover. Tanto num caso como no outro, prevalece a ideia de autonomia, independência, restrita, muitas vezes, em decorrência da escravidão.

Para Comblin, a liberdade é um chamado, é vocação da vida humana. “Esta é a nossa vocação humana. O sentido da nossa vida é construir e conquistar a liberdade” (COMBLIN, 1998, p. 11). Mas, associa a ela uma outra questão importante a ser observada: o fato de que a liberdade deve ser conquistada. Mais: mesmo que seja vocação humana, é preciso agir em sua busca.

Embora ele tenha discorrido sobre a questão em vários artigos, escolhemos, por princípio metodológico e como guia, sua obra *Vocação para a liberdade*, publicada pela Editora Paulus no ano de 1998. Ela servir-nos-á como referência para analisarmos a perspectiva de liberdade conferida por Comblin; mas, sem nos limitarmos a ela, já que, como afirmamos, o tema

liberdade é constante em grande parte do pensamento combliniano, e, por isso, vai ser útil a nós como análise.

Nessa perspectiva, a discussão em torno da ideia da liberdade como vocação fez-se afirmar a partir do contexto latino-americano que responde, pelo menos, a quatro questões: o fim do conflito ideológico entre liberdade/libertação, a discussão em torno de uma identidade cristã, a descoberta do aspecto libertador do evangelho, as mudanças estruturais internas da igreja católica em direção à liberdade. Na primeira questão, privilegia-se o alcance do termo liberdade; na segunda, tem-se em vista quais as referências de então são geradas das resoluções dos Conselhos Episcopais de Medellín e Puebla; pois, para Comblin, “somente um retorno ao evangelho pode fornecer base sólida de uma identidade firme no meio do mundo atual. O evangelho cristão é sinônimo de vocação para a liberdade” (1998, p. 05). Desse modo, chegamos à terceira questão, ou seja, descobrir esse aspecto libertador do evangelho, como apontou o padre, contrapondo-se ao catolicismo triunfante, vertical e de inspiração imperial. Finalmente, na última, podemos dizer que o viés de liberdade aponta para as mudanças estruturais internas da igreja católica, tendo em vista que não é possível uma instituição defender a liberdade sendo alheia a ela.

Com isso, construiu os elementos que definem seu olhar sobre a liberdade, percorrendo o contexto histórico desde as relações de dominações escravistas às suas condições práticas na pós-modernidade.

Como teólogo, buscou diferenciar parte do evangelho e não, propriamente, da Teologia tradicional, para destacá-lo como boa nova para os escravos: “ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, descí para libertá-lo” (BÍBLIA, Êxodos, 3,7-8). Dessa feita, o evangelho

é dirigido aos homens e mulheres numa determinada situação histórica, a escravidão. Contudo, ao contextualizarmos a realidade social, vivida e percebida por Comblin na América Latina, relacionamo-la aos oprimidos: os pobres. “Se não há opção preferencial pelos pobres, pode-se fechar qualquer livro de teologia, pode-se fechar a Igreja e até o livro do Evangelho. O que conta em primeira e última instância, é a libertação dos pobres” (COMBLIN apud SUSIN, 2012, p. 128).

Sobre as raízes da liberdade, além de citar, em alguns aspectos, a cultura grega a partir da democracia ateniense – numa perspectiva de liberdade política, acrescentou as origens judaicas como fonte do ideal cristão de liberdade, haja vista a figura de Moisés, tendo como missão a salvação, a liberdade do seu povo. Assim ele descreveu:

Na América Latina, a exegese da libertação situou-se frequentemente na mesma linha, ainda que a aplicação fosse diferente. Leu-se o Êxodo como o livro da libertação de Israel e Moisés foi visto como líder que conduziu o seu povo da escravidão para a libertação. [...] os povos latino-americanos foram comparados a Israel, tendo nas potências capitalistas os novos faraós. Quando os governantes eram ditadores e militares, a comparação ao faraó era ainda mais fácil (COMBLIN, 1998, p. 34).

No entanto, alerta para o cuidado de não ler o livro de Êxodo como a liberdade de Israel, pois, segundo ele, isso não aconteceu na sua totalidade; porque, se por um lado Moisés tem em seu projeto a liberdade, por outro, o povo não a queria. “O povo rejeita aqueles que querem libertá-lo” (COMBLIN, 1998, p. 35), dizia, alertando que a questão da liberdade deve também associar-se à busca e à luta do próprio indivíduo.

Além de discutir as origens da liberdade cristã, também analisou a liberdade da Igreja Católica nos últimos dois milênios.

A partir das perseguições sofridas por cristãos pelo Império Romano, descreveu a atuação desses grupos, mártires que não se acovardaram frente à defesa do cristianismo, porque, como afirmou, “podiam facilmente evitar a morte. Bastava expressar alguns sinais de renúncia ao cristianismo e eram liberados imediatamente” (COMBLIN, 1998, p. 74), mas suas escolhas apresentavam atos de liberdade. No agir, na ação que decide pelo enfrentamento, encontra-se a característica de quem é livre.

Assim, traz a reflexão para o contexto recente da América Latina no sentido de destacar a atuação dos mais diferentes mártires que, em alguns momentos, libertaram a Igreja Católica do medo e da covardia – marcada por longos períodos de silêncio legitimador da arrogância e do poder militar.

Mas, voltando aos primeiros milênios, afirmou que a Igreja Católica não valorizou a liberdade. No segundo milênio, essa instituição teve a cristandade como característica fundamental. Para ela, a cristandade compreendia dois níveis, os de cima – a hierarquia, o clero; e os de baixo – leigos. Essa configuração provocava a luta entre duas perspectivas de liberdade. Se em determinados momentos vimos a Igreja lutar por liberdade contra a dominação dos imperadores, por outro lado, os leigos tiveram que lutar internamente por liberdade contra a hierarquia católica. Comblin (1998, p. 115) acrescentava que a hierarquia tinha medo dos leigos e, quando via neles quaisquer iniciativas, desconfiava ser alguma tentativa de rebelião. As desconfianças fizeram a hierarquia massacrar qualquer movimento que significasse liberdade para o laicato.

Contudo, apresentou o matrimônio como um elemento que conferiu certa liberdade às mulheres, tendo em vista que,

“a Igreja Católica promoveu a liberdade do casamento, ao reconhecer o consentimento da mulher como condição de validade do sacramento” (COMBLIN, 1998, p. 122). Aqui, parece que ele se referia às experiências em certas aldeias em que as mulheres escolhiam entre os candidatos para se casarem. Porém, é bom frisar que, nem sempre o consentimento público proferido no “aceito”, dito em cerimônia religiosa, representava o real e íntimo sentimento, já que, em outras circunstâncias, às quais Comblin parece não se referir, tais casamentos mais se tratavam de articulação política entre famílias e poderes do que, necessariamente, de escolha, desejo, ou liberdade da mulher.

Outro aspecto importante, ao tratar de liberdade, é a que diz respeito à da vida religiosa leiga, que, para Comblin, a partir do século XII, sua ascensão representou uma grande novidade. Num universo católico patriarcal, mencionou especialmente o protagonismo das mulheres a partir das beguinias - “eram leigas, não faziam votos, viviam na pobreza e na piedade. Praticavam a continência, mas podiam sair da vida de beguinias quando quisessem” (COMBLIN, 1998, p. 126).

Destaca-se nas beguinias sua independência em relação ao clero; porém, como não seria de estranhar, isso resultou em forte resistência e perseguição da hierarquia contra elas.

Os movimentos e diferentes grupos leigos que traziam esse espírito de liberdade em relação à cúpula católica foram, em grande parte, associados a heresias e destruídos. Porém, foram, em muitos aspectos, fundadores do grande cisma cristão oriundo da revolta protestante, como citou Comblin, “a razão fundamental da revolta protestante está na liberdade cristã” (COMBLIN, 1998, p. 135). Dessa maneira, o cristianismo teria sido fundador da perspectiva de liberdade, que se verificará nas primeiras revoluções da modernidade, ou seja, as que

ocorreram no século XVII na Inglaterra, para ser específico. Contrapunha-se, assim, à corrente que defendia a liberdade na modernidade, a partir de movimentos como a independência dos E.U.A., já que apresenta como tese as raízes históricas do cristianismo que chegaram à modernidade através da revolução puritana, conforme já descrevemos.

Para ele, a liberdade que vai se constituindo na modernidade, tendo como referência também os Estados Unidos, é a falsa ideia de liberdade na dominação sobre outro, sobretudo, por razões econômicas, conforme acrescentou:

A liberdade de que se fala nos Estados Unidos é a liberdade soberana, imperial, a liberdade de impor a sua vontade ao mundo para obrigar a paz imperial, a paz de submissão de todos ao projeto imperial único. A liberdade econômica é a liberdade de dominar o mercado, de impor os seus produtos e os seus preços sem restrições (COMBLIN, 1998, p. 181).

A liberdade na perspectiva econômica, a liberdade de mercado, transforma-se, dessa maneira, numa distorção do seu significado para a imposição e dominação, sem contar que gera no indivíduo a ideia de autonomia e liberdade, a partir dos bens materiais que consegue possuir. A liberdade associa-se ao poder de compra e consumo, ao “manter-se” do ponto de vista material. Por isso, Comblin afirma: “liberdade está na atividade do sujeito mais do que no produto” (1998, p. 182).

Do ponto de vista político, estudou a importância da participação popular nas esferas do poder, a partir de controle permanente dos cidadãos e acrescentou o valor da publicidade, ou seja, de tornar pública as ações de um governo. Talvez, aqui, traga consigo os resquícios de ter vivido as ditaduras na América Latina. Tal afirmação faz sentido porque destacou

o protesto do povo contra “os decretos secretos, as sentenças secretas, o desaparecimento das pessoas supostamente perigosas para o Estado, todas práticas comuns nos governos autoritários” (COMBLIN, 1998, p. 185), que, num ambiente de liberdade política, não poderiam ser permitidos.

Por mais que esteja fazendo tal reflexão na segunda metade dos anos 1990, o que vamos verificar ainda são as continuidades das práticas citadas em cidades do interior, espalhadas por todo o Brasil ou em regiões de luta em defesa da terra. Nesse cenário, são comuns assassinatos contra trabalhadores do campo e várias práticas de autoritarismo por parte de governantes e latifundiários⁷.

Com isso, apresenta-nos a liberdade política como um horizonte a ser alcançado, fato que está relacionado às capacidades de organização e luta dos grupos injustiçados, pois as estruturas em si não as oferecem. É falsa e ilusória a ideia moderna de liberdade para todos, atestada, sobretudo, pelas condições de vida das pessoas em diferentes regiões do globo. E isso a própria Igreja não compreendeu, ou a hierarquia não optou por essa reflexão; portanto, não apoiou movimentos de libertação, mas esteve ao lado de partidos conservadores e garantiu apoio a eles, como também a movimentos reacionários quando não a repressores e a ditadores.

No transcurso entre a modernidade e pós-modernidade, acentuou o caráter coletivo do pressuposto de liberdade na modernidade e, no período denominado pós-moderno, ressaltou-o como imediatista e individual. Sendo assim, ainda pior, a liberdade que como pressuposto era um bem de todos

7 De acordo com o Relatório da CPT sobre conflitos no campo para o ano de 1998, ocorreram 1.100 conflitos e 47 assassinatos. 1985-2014: Relatórios Conflitos no Campo, CPT Nacional.

na modernidade, na pós-modernidade, passaria a existir como pressuposto para o alcance de uma minoria.

Com a ironia que lhe é típica, criou a categoria do “Homo praiensis”, para explicar um dos aspectos da liberdade desse período, segundo o qual o lugar de excelência dela é a praia. Para ele, “na praia não se faz nada: a liberdade é justamente a possibilidade de nada fazer. [...] o Homo praiensis está feliz quando alcança o estado de não fazer nada” (COMBLIN, 1998, p. 216). Assim, a liberdade torna-se cada vez mais individualizada, efêmera e fútil, transformando-se num estado de felicidade passageira; pois, em muitos casos, resume-se a dois dias, visto que, na maioria dos casos, há a necessidade de voltar à rotina do trabalho, em que impera a exploração, a injustiça e a própria falta de liberdade.

Desse modo, vai ficando cada vez mais evidente as diferenças entre os que podem e os que não podem e não têm direito a essa liberdade, da qual são meros consumidores. Isso faz desaparecer cada vez mais quaisquer preocupações com os pobres e, nesse ambiente, vai crescendo as desconfianças; com isso, “não há mais liberdade num mundo em que todos desconfiam de todos” (COMBLIN, 1998, p. 222).

Dizia Comblin que “o centro de tudo é a liberdade” (1998, p. 248). E mais: que não há liberdade se os indivíduos não são livres. Ou ainda: que ninguém é livre, porque a liberdade estaria no agir e na busca para a liberdade, inclusive, esta é a vocação humana, conforme já mencionamos. Mas, não qualquer agir, mas “o que desperta o ser humano como pessoa, por conseguinte como liberdade, é o Outro. O Outro, sobretudo, o Outro diferente, por exemplo, o pobre, o estrangeiro, o pecador, o escravo” (COMBLIN, 1998, p. 243). Aqui, entendendo-se o agir/libertar como serviço ao outro; o serviço ao próximo como um ato de amor. No entanto, como justificar a

ação de cristãos em conflitos, lutas, revoluções, senão em nome da liberdade, que significa a defesa do outro, numa atitude de amor ao próximo?

Diante da reflexão que se relaciona com a perspectiva do agir, Comblin buscou responder à seguinte indagação: tendo em vista que, os pobres na América Latina continuam apoiando e elegendo os que lhes exploram e oprimem, o que teria falhado na relação entre consciência e liberdade?

Ele explica que a consciência é importante, mas não é o suficiente, pois as práticas de libertação muitas vezes geraram uma consciência messiânica, mas não uma consciência crítica e de fato libertadora. Ou seja, nessa perspectiva, o povo vai transmitindo para o outro a ação pela transformação e não a si próprio. Nesse sentido, afirmou que:

Não adianta explicar ao povo que ele é que tem força, que os pobres unidos são invencíveis, que o pobre deve acreditar no pobre: o pobre não acredita no pobre porque o conhece demais e sabe que não tem força. Os pobres não escutam os discursos, não procuram compreender o que lhes é dito (COMBLIN, 1998, p. 266).

De fato, isso nos faz lembrar o desprezo das pessoas de modo geral em períodos de eleição por candidatos que não se apresentam do ponto de vista material superiores; por isso, muito dificilmente elegem um igual, mas o que se distingue pelo carro que possui, a função que exerce ou a roupa que veste.

Pois bem, o sacerdote apontou a mística como um fator que se agrega ao projeto de libertação,

Para querer a liberdade – qualquer liberdade, é preciso ter uma mística: os sacrifícios são grandes, a luta é demorada, há derrotas e

fracassos, obstáculos, resistências, temores, traições dos falsos irmãos [...]. Sem mística forte as pessoas desistem e conformam-se com a mediocridade da sua condição (COMBLIN, 1998, p. 267).

Mas, o que seria mística? No sentido religioso, “a mística é uma dimensão da vida humana à qual todos têm acesso quando descem a um nível mais profundo de si mesmos; quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante do outro” (BOFF, 1999, p. 17). Do ponto de vista sociopolítico, ainda segundo Leonardo Boff, mística significa:

O conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimentos na vontade de mudanças, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos (BOFF, 1999, p. 24).

Desse modo, o projeto de liberdade, apontado pelo padre, carecia de líderes com mística. Ressaltou que, em determinados momentos, a mística vinha de partidos revolucionários de esquerda em que muitos de seus militantes aceitaram os mais radicais e diferentes sacrifícios em nome da causa da libertação. Acrescentou que a mística desses movimentos derivava do passado cristão, já que todos esses militantes de esquerda provinham de ascendência cristã (COMBLIN, 1998, p. 268).

Isso responde a indagação de onde teria ocorrido a falha no processo de relação entre consciência e libertação: justamente, a partir da falta dessa mística, uma vez que, “sem mística, o povo busca comida, casa, televisão, cerveja e, quando as necessidades imediatas estão satisfeitas, deixa de lado a libertação” (COMBLIN, 1998, p. 268). É a supremacia do modus de

conceber a vida que Comblin classifica como *Homos praiensis*. Acrescente-se a isso a paroquialização das CEBs e as ações das pastorais sociais que sofrem os riscos de desviar-se das suas funções devido a sua ligação com as dioceses.

Os resultados são frutos dos empecilhos aos avanços no projeto de liberdade, associado à Igreja Católica pela vivência, quase constante, na recusa à liberdade. Dentre os principais valores, que aprendeu em seu período de formação no Seminário de Louvain, ele mencionou a liberdade ter sido o principal. Por isso, defendia que “o católico deve livremente escolher entre dizer sim ou dizer não aos dogmas defendidos pelo Papa” (COMBLIN, 1998, p. 287), que denomina como ato de liberdade da fé.

Quando, a partir do debate sobre liberdade, analisou as posições históricas tomadas pela Igreja Católica, Comblin apontou o quanto ela se distanciou da centralidade do evangelho. E não só se distanciou, mas promoveu perseguições contra projetos que buscaram acender a chama da liberdade. Descreveu, então, as restrições às conferências de Medellín e Puebla, o descrédito proferido para com as Comunidades Eclesiais de Base. Esse foi todo um processo que buscou desestabilizar a Confederação Latino-americana de Religiosos e Religiosas – CLAR. Mais: a forma como rompeu com projetos de décadas, organizados por arcebispos como Dom Hélder Câmara, em Olinda e Recife; Dom Frei Aloísio Lorscheider e Dom Frei Cláudio Hummes, em Fortaleza; para citar alguns exemplos.

Por isso, levantou dois aspectos: o primeiro, a importância que teria se a própria comunidade escolhesse o seu Bispo; o segundo, da liberdade de ação que deve estar presente em todo católico, para que tenha o poder de agir livremente no mundo. No primeiro caso, a possibilidade de compromisso

com a comunidade seria maior, uma vez que, sendo indicado pelo Papa, seu maior compromisso seria com este. No segundo caso, o laicato poderia sair da passividade para a liberdade ativa.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. Nova Bíblia Pastoral. Trad. FRIZZO, Antonio Carlos et al. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha:** metáfora da condição humana. 38ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

COMBLIN, José. **A Ideologia da Segurança Nacional:** o poder militar na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

COMBLIN, José. **A vida:** em busca da liberdade. São Paulo: Paulus, 2007.

COMBLIN, José. **Breve Curso de Teologia:** Jesus Cristo e sua missão. V. 1. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

COMBLIN, José. **O Tempo da Ação:** ensaio sobre o Espírito e a História. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

COMBLIN, José. **O Povo de Deus.** São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, José. **Teologia da enxada**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

COMBLIN, José. **Teologia de la Revolucion**. Teoria. Bilbao: Desclée de Browver, 1973.

COMBLIN, José. **Teologia de la Practica de la Revolucion**. Tomo II. Bilbao: Desclée de Browver, 1979.

COMBLIN, José. **Vocação Para a Liberdade**. São Paulo: Paulus, 1998.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a Tradição de Jesus** (Obra Póstuma). São Bernardo Campo: Nhanduti, 2012.

FLOREN, José e TEIXEIRA, Ernando. **Padre Ibiapina por nossos bispos**: textos episcopais. Ideia Editora: João Pessoa, 2019.

HOORNAERT, Eduardo (org.). **Novos Desafios para o Cristianismo**: a contribuição de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2012.

MARIZ, Celso. **Padre Ibiapina**: um Apóstolo do Nordeste. Ed. A União: João Pessoa, 1942.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **Travessias**: padres europeus no Nordeste do Brasil (1950-1990). Recife: CEPE, 2019.

MUGGLER, Monica Maria. **Padre José Comblin**: uma vida guiada pelo Espírito. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

SILVA, Cícero Williams da. **Dom Helder Camara e a Sinfonia dos Dois Mundos**. Recife: Bagaço, 2018.

SIQUEIRA, Jorge. **Os padres e a teologia da ilustração: Pernambuco 1817**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

SUSIN, Luiz Carlos. **José Comblin, um mestre da libertação**. In: HOORNAERT, Eduardo (Org.). *Novos desafios para o cristianismo: a contribuição de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2012.

TEIXEIRA, Ernando. **A missão Ibiapina**. Gráfica Editora Berthier: Passo Fundo, 2008.